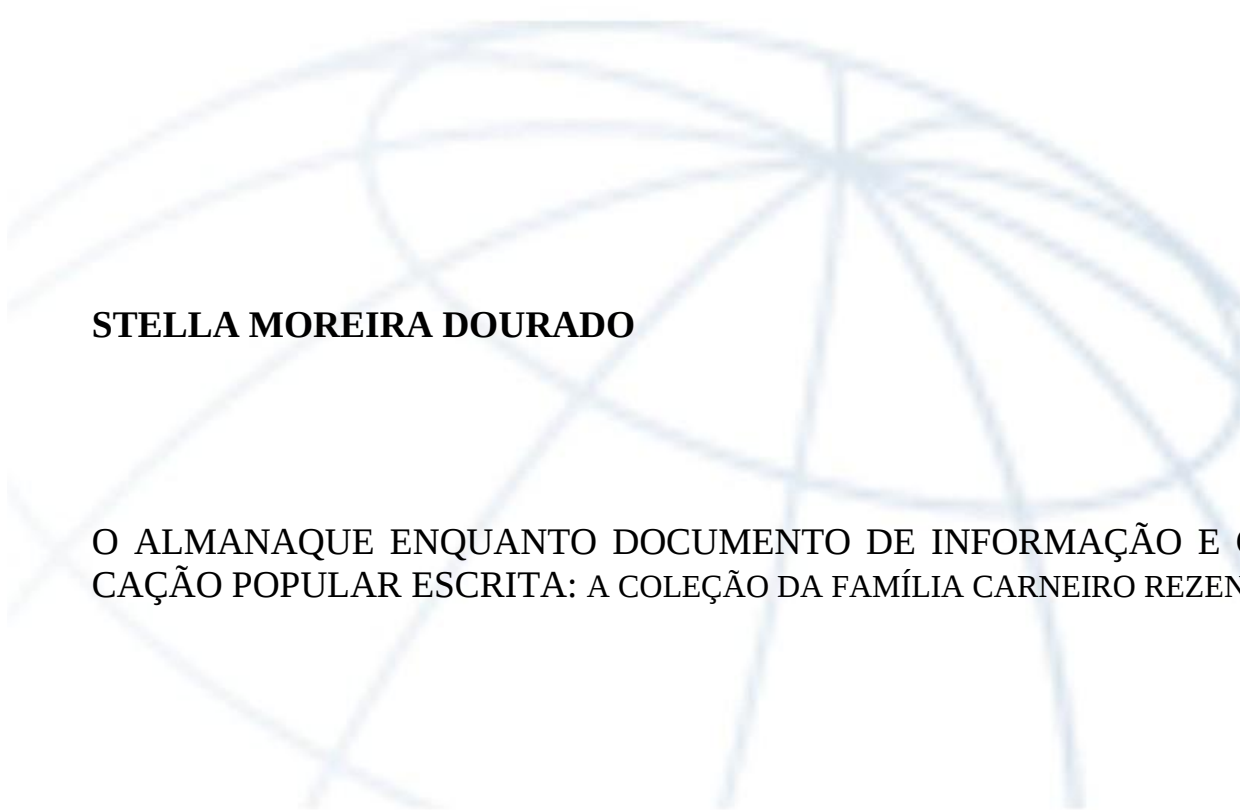




STELLA MOREIRA DOURADO

**O ALMANAQUE ENQUANTO DOCUMENTO DE INFORMAÇÃO E COMUNI-
CAÇÃO POPULAR ESCRITA: A COLEÇÃO DA FAMÍLIA CARNEIRO REZENDE**

**Tese de Doutorado
Março de 2018**



STELLA DOURADO

O ALMANAQUE ENQUANTO DOCUMENTO DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO POPULAR ESCRITA: A COLEÇÃO DA FAMÍLIA CARNEIRO REZENDE

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, convênio entre o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e Universidade Federal do Rio de Janeiro/Escola de Comunicação, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Ciência da Informação.

Orientadora: Professora Doutora Regina Maria Marteleto

Rio de Janeiro
2018

Catálogo na fonte

D739 Dourado, Stella Moreira

O almanaque enquanto documento de informação e comunicação popular escrita: a coleção da família Carneiro Rezende / Stella Moreira Dourado. – Rio de Janeiro, 2018.
165 f.

Orientadora: Professora Doutora Regina Maria Marteleto

Tese (Doutorado) - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2018.

1. Almanaque. 2. Almanaque de farmácia. 3. Coleção. 4. Almanaque – Documento infocomunicacional. 5. Informação e comunicação popular escrita. 6. Ciência da Informação. I. Marteleto, Regina Maria, orient. II. Título.

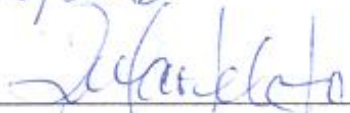
CDD – 036.9

Stella Dourado

**O almanaque enquanto documento de informação e comunicação
popular escrita: a coleção da família Carneiro Rezende**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e Universidade Federal do Rio de Janeiro/Escola de Comunicação, como requisito para a obtenção do título de Doutora em Ciência da Informação.

Aprovada em, 27/03/2018



Profa. Dra. Regina Maria Marteleto (Orientadora)
PPGCI IBICT UFRJ



Profa. Dra. Leila Beatriz Ribeiro
UNIRIO



Profa. Dra. Nanci Gonçalves da Nóbrega
IILER/PUC-RIO



Prof. Dr. Gustavo Silva Saldanha
PPGCI IBICT UFRJ



Prof. Dr. Arthur Coelho Bezerra
PPGCI IBICT UFRJ

Dedico esse trabalho a toda à minha filha Moira,
fiandeira do meu destino.

Agradecimentos

À Deus, primeiramente, pela oportunidade que me foi dada e por ter me guiado e me dado força para enfrentar e vencer todos os percalços do caminho.

À minha mãe Angélica Moreira e meu pai Marcelo Dourado pelo apoio e por terem possibilitado todo o meu percurso.

À Vinícios Menezes, pelo incentivo, pelo apoio e por ser meu companheiro na vida e no amor.

À minha irmã Daniela Dourado, pelo apoio e pela confiança que depositou em mim.

À Ana Paula Costa, minha irmã do coração, pela amizade incondicional mesmo à distância, por me escutar e me apoiar sempre.

À minha orientadora, Regina Marteleto, por ter acreditado em mim e por todo apoio e ensinamentos durante o percurso. Por ter me apresentado aos almanaques e me proporcionar momentos de muito aprendizado, que carregarei comigo sempre.

À Marianna Zattar, pelo incentivo, apoio e presteza e, claro, pelo carinho e amizade.

Às minhas chefes Márcia Valéria Costa e Isabel Grau pelo apoio e suporte durante a jornada.

Aos amigos e à família, pelo apoio inestimável, pela compreensão da minha ausência e por dividirem esse momento de alegria que é a finalização de uma etapa comigo.

Aos queridos professores da banca Professora Nanci Nóbrega, Professora Leila Beatriz Ribeiro, Professor Gustavo Saldanha, Professor Arthur Bezerra, Professora Geni Fernandes e Professora Rosali Fernandez, que leram meu trabalho e me ofereceram conselhos valiosos para seu desenvolvimento.

Obrigada a todos que estiveram presentes nessa jornada e que compartilharam comigo essa fase da minha vida.

E choviam almanaques, muitos deles entremeados e adornados de figuras, de versos, de contos, de anedotas, de mil coisas recreativas. E choviam. E chovem. E hão de chover almanaques. O Tempo os imprime, Esperança os brocha; é toda a oficina da vida.

Machado de Assis

DOURADO, Stella Moreira. **O almanaque enquanto documento de informação e comunicação popular escrita**: a coleção da família Carneiro Rezende. 163 f. 2018. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Rio de Janeiro, 2018.

RESUMO

A pesquisa tem por tema o almanaque em coleção. O almanaque é um documento de informação e comunicação popular escrita utilizado por muitos anos como fonte de informação nas cidades e na zona rural do país. No caso específico deste estudo, é um objeto de coleção, onde apresenta-se como um dispositivo infocomunicacional de valor social, histórico e cultural. A coleção de almanaques estudada pertence à Família Carneiro Rezende, inaugurada pelo colecionador José Carneiro de Rezende, nas primeiras décadas do século XX. A pesquisa tem por objetivo representar o almanaque dentro de uma coleção particular que abrange o período entre 1906 – 2014, por meio das diferentes apropriações e usos que os colecionadores, utilizadores, leitores e guardadores fizeram da coleção, dando ao almanaque um caráter de documento de informação e comunicação popular escrita. Atualmente, a coleção está sob a guarda de Hamilton Carneiro, publicitário e propagador da cultura popular no Estado de Goiás. Para a realização do estudo, foi feita uma pesquisa descritiva e exploratória que envolveu o emprego de técnicas quantitativas e qualitativas de coleta dos dados – análise descritiva e entrevistas. Para embasar o estudo, foi necessário ampliar o conhecimento acerca dos seguintes conceitos: almanaque; comunicação popular escrita; cultura popular; leitura; coleção e documento. A análise descritiva abrangeu 55 títulos e 241 exemplares de almanaques que formam a coleção no período de 1906 a 2014. A partir da análise, foi desenvolvida uma tipologia bibliográfica dos almanaques, levando em consideração o período, idioma, material ilustrativo, autores presentes e editores. Criou-se uma classificação temática dos almanaques com os temas mais recorrentes nos almanaques no contexto da coleção. Foram identificados os rastros de leitura e usos em torno da coleção e apresentada a rede familiar de leitores. O estudo permitiu a representação do almanaque como documento informacional da cultura popular escrita, no contexto de uma coleção particular. Com a análise descritiva e as entrevistas foi possível verificar os interesses de formação da coleção e dos usos atribuídos aos almanaques, demonstrando a relevância documental-informacional, sobretudo no campo durante a primeira metade do século XX, quando o almanaque representava uma das poucas fontes de informação impressa ao alcance da zona rural. Por meio do estudo do uso feito dos almanaques pelo colecionador, leitores, utilizadores e guardadores, constata-se que este possui um importante papel documental-informacional da cultura popular escrita e se apresenta como um dispositivo de aproximação e diálogo entre diferentes formas de linguagens, escritas e saberes. Concluiu-se que as apropriações e usos da rede familiar de leitores dos almanaques da coleção o caracterizaram como documento informacional da comunicação popular escrita e apresentam além dos valores infocomunicacional, social, histórico e cultural inscritos neste documento, a sua relevância para a formação e instrução pragmática da vida popular.

Palavras-chave: Almanaque. Almanaque de farmácia. Coleção. Almanaque – Documento infocomunicacional. Informação e comunicação popular escrita. Ciência da Informação.

DOURADO, Stella Moreira. **O almanaque enquanto documento de informação e comunicação popular escrita**: a coleção da família Carneiro Rezende. 163 f. 2018. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Rio de Janeiro, 2018.

ABSTRACT

The research is about the almanac in collection. The almanac is a popular information and communication document written for many years as a source of information in the cities and rural areas of the country. In the specific case of this study, it is an object of collection, where it presents itself as an infocommunicational device of social, historical and cultural value. The collection of the almanacs studied belongs to the Carneiro Rezende's family and, it was inaugurated by the collector José Carneiro de Rezende in the first decades of the 20th century. The research aims to represent the almanac within a particular collection that covers the period between 1906 through 2014. Through on different appropriations and uses, all the collectors, users, readers and keepers made from the collection, giving to the almanac a documentary character of information and a popular written communication. Nowadays, the collection is under custody of Hamilton Carneiro. He is an advertiser and propagator of popular culture in Goiás state. To realize the study that was made a descriptive and exploratory research that involved the use of quantitative and qualitative data collection techniques – descriptive analysis and interviews. To support the ideas of the research, it was necessary increase knowledge about the following concepts: almanac; popular written communication; popular culture; reading; collection and document. The descriptive analysis took 55 titles and 241 copies of almanacs that form the collection from 1906 to 2014. A bibliographic typology of the almanacs were developed from the analysis, taking into account the period, language, illustrative material, present authors and publishers. A thematic classification of the almanacs created with the most relevant themes in the context's collection, and were identified reading vestigial and uses around it. Also the family network of readers was presented. The study allowed the representation of the almanac as an informational document of the popular culture written in the context from a particular collection. Through the descriptive analysis and interviews, it was possible to verify the formation interests of the collection and the uses attributed to the almanacs, demonstrating the documentary-informational relevance, especially in the field during the first half of the 20th century. When the almanac has just represented one of the only sources of information printed to reach readers in the rural area. The use from the almanacs by the collector, readers, users and guardians was made by the study and was verified an important documental-informational paper of the written popular culture, and presents as displays like a device of approach and dialogue between different forms of languages, writings and knowledges. For that reason, it was concluded that the appropriations and uses of the family network's readers of the almanacs collection were characterized as an informational document of the popular written communication. Also, it was presented besides the infocommunicational, the social, historical and cultural values, registered in this document, their relevance approach to the education and pragmatic instruction that come from the popular life.

Keywords: Almanac. Pharmacy Almanac. Collection. Almanac - Infocommunicational document. Information and popular written communication. Information Science.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Prensa tipográfica e Página da Bíblia de Gutenberg	28
Figura 2 - Texto no Almanach A Saúde da Mulher sobre a origem do Almanaque	33
Figura 3 - <i>Almanach Perpetuum</i> de Abraão Zacuto, 1496	34
Figura 4 - <i>Le Grand Calendrier Compost dês Berges</i> , de 1471	37
Figura 5 - Recorte do editorial ‘Salve 1936’ do Almanaque Andorinha	44
Figura 6 - Caixa onde estão guardados os almanaques da coleção	54
Figura 7 - Página do Almanaque Renascim de 1979, mudança de leiaute.....	61
Figura 8 - Receita culinária extraída do almanaque para uso no programa de TV Frutos da Terra.....	64
Figura 9 - Primeiro ano de publicação do Almanaque do Biotônico, 1920. Anotações manuscritas do colecionador	67
Figura 10 - Monteiro Lobato entregando o Biotônico Fontoura para Jeca Tatu	68
Figura 11 - “Antes e depois” da personagem Jeca Tatu após uso do Biotônico	69
Figura 12 - Campanha higienista do Almanaque do Biotônico	70
Figura 13 - Discurso desenvolvimentista do Almanaque do Biotônico Fontoura	71
Figura 14 - Página do Almanaque Silveira, 1935, com anotações do colecionador	72
Figura 15 - Recorte do Almanak Cabeça do Leão do Dr. Ayer de 1937, com a seção “Heroes Brasileiros”	74
Figura 16 - Exemplos de desenhos publicitários nos almanaques da coleção	88
Figura 17 - Exemplo de ilustração representativa do Almanaque Ross, 1927	89
Figura 18 - Seção Brasil Curioso do Almanach Scott de 1938/1939	95
Figura 19 - Página do Almanaque Nestlé de 1938	99
Figura 20 - Seção Scola de Boas Donas de casa do Almanaque Nestlé de 1940.....	101
Figura 21 - Representação da mulher no almanaque Renascim Sadol.....	101
Figura 22 - Página do Almanaque Silva Araújo de 1935 contendo receita culinária utilizada no Programa de TV Frutos da Terra.....	108
Figura 23 - Árvore familiar de leitores e usuários da coleção de almanaques	110

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Resultados do levantamento bibliográfico sobre almanaques e conceitos básicos agrupados por temas	24
Quadro 2 - Classificação de documentos de comunicação popular escrita	32
Quadro 3 – Análise descritiva dos almanaques com menos de 10 exemplares na coleção	77
Quadro 4 - Análise descritiva dos almanaques com um exemplar na coleção	80
Quadro 5 - Quantitativo dos assuntos mais recorrentes nos almanaques da coleção.....	93

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	A COLEÇÃO DE ALMANAQUES DA FAMÍLIA CARNEIRO REZENDE ...	16
3	ALMANAQUE E COLEÇÃO	21
3.1	EXPLORANDO A LITERATURA	21
3.2	LEITURA E COMUNICAÇÃO POPULAR ESCRITA.....	25
3.3	ALMANAQUES	33
3.4	ALMANAQUE COMO DOCUMENTO.....	39
3.5	ALMANAQUES DE FARMÁCIA NO BRASIL	41
3.6	ALMANAQUE EM COLEÇÃO.....	46
4	PERCURSO METODOLÓGICO	52
5	OS ALMANAQUES.....	60
5.1	ALMANAQUE RENASCIM SADOL	60
5.2	ALMANAQUE DO CAPIVAROL	63
5.3	ALMANACH DA SAÚDE DA MULHER.....	64
5.4	ALMANAQUE DO BIOTÔNICO	65
5.5	ALMANAK SILVEIRA	71
5.6	ALMANAQUE CABEÇA DO LEÃO DO DR. AYER	73
5.7	ALMANAQUE ROSS.....	75
5.8	OUTROS ALMANAQUES	77
6	A COLEÇÃO	83
6.1	CLASSIFICAÇÃO TEMÁTICA.....	92
6.2	RASTROS DE LEITURAS E DE USOS	103
7	CONCLUSÃO.....	115
	REFERÊNCIAS	117
	APÊNDICES	122
	ANEXOS	136

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa tem como objeto de estudo os almanaques, brochuras populares e seculares consideradas como dispositivos da informação e comunicação popular escrita, no âmbito de uma coleção particular, levando em conta tanto os objetos em si, os almanaques, quanto a coleção e o colecionador. A proposta de estudar os almanaques como formas populares de informação e comunicação está inserida no conjunto de estudos conduzidos pelo Grupo de Pesquisa Cultura e Processos Infocomunicacionais (Culticom), coordenado pela professora Regina Marteleto, certificado pelo IBICT/MCTI e registrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq/Plataforma Lattes.

Ao longo das pesquisas, o Grupo de Pesquisa Culticom estudou o modo de ser especial desses livretos, enquanto dispositivos capazes de provocar diálogos e trocas entre diferentes formas de conhecimentos no campo da saúde. Foram produzidos dois almanaques: o Almanaque da Dengue e o Almanaque do Agente Comunitário de Saúde - ACS, reunindo diferentes fontes de informação para conversar sobre dengue, condições do trabalho em saúde, vida saudável, cuidados, políticas públicas de saúde, dentre outros temas. Os dois almanaques foram publicados em formatos impresso e digital.

O almanaque, por ser um documento de informação e comunicação popular escrita utilizado por muitos anos como fonte de informação nas cidades e na zona rural do país, no caso específico deste estudo, ser um objeto de coleção, suscita uma série de reflexões e questionamentos. Questiona-se, por exemplo, sobre qual a relevância dos almanaques como documentos? E sua importância documental-informacional enquanto elementos de uma coleção? De que forma ele expressa o encontro entre diferentes formas de escritas e saberes? Que elementos apontam para os almanaques de farmácia, os mais populares publicados no Brasil, como peças publicitárias inaugurais a respeito dos cuidados com a saúde e a propaganda de medicamentos no contexto do avanço da indústria farmacêutica no país? Quais elementos da cultura popular ele contempla? Por que e de que forma eles compõem uma coleção e são conservados ao longo do tempo?

Nessa linha de investigação, no ano de 2014 o grupo de pesquisa tomou conhecimento da existência de uma coleção de almanaques de farmácia, guardados por Hamilton Carneiro, estudioso e divulgador da cultura popular do Cerrado, escritor, compositor e publicitário de renome nacional, radicado no Estado de Goiás. Vislumbrou-se nesse momento a oportunidade de organização do acervo e de tomá-lo como objeto da pesquisa desta tese de doutorado, o que implicaria em propor um estudo sob três prismas: a) realizando uma tipologia dos alma-

naques que fazem parte do acervo quanto ao conteúdo, período, idioma, material ilustrativo, temas abordados, autores presentes e editores; b) realizando o seu estudo enquanto uma coleção formada a partir dos interesses, leituras e vivências do colecionador e seus familiares; e c) averiguando as diferentes apropriações e usos dos almanaques ao longo dos anos, da perspectiva do colecionador, dos leitores e dos guardadores.

O estudo fixou como objetivo representar os almanaques nessa coleção particular que abrange o período entre 1906 – 2014, por meio das diferentes apropriações e usos que os colecionadores, utilizadores, leitores e guardadores fizeram da coleção, dando ao almanaque um caráter de documento de informação e comunicação popular escrita. Com isso, pretendeu-se demonstrar que a atribuição de valor informacional ao almanaque feita pelo colecionador e o seu uso pelos leitores e guardadores, o caracterizam como documento de informação. Ressalta-se também que por ser objeto de uma coleção, o almanaque apresenta-se como um dispositivo infocomunicacional de valor social, histórico e cultural.

Para alcançar o objetivo geral foram delineados os seguintes passos: a) realizar uma tipologia dos almanaques da coleção quanto ao conteúdo bibliográfico, período, idioma, material ilustrativo, temas abordados, autores presentes, editores, contextualizando-os de acordo com a sua época de produção e a tradição dos almanaques no Brasil; b) classificar tematicamente os almanaques da coleção, buscando averiguar quais os assuntos e temas mais recorrentes nos almanaques no país, no contexto da coleção; c) averiguar a publicidade e propaganda veiculadas nos almanaques, sobretudo os almanaques de farmácia, tornando-os dispositivos publicitários da indústria farmacêutica no país; d) observar as características de uma coleção formada a partir dos interesses, leituras e vivências do colecionador no contexto do Brasil rural desde o início até meados do século XX; e) estudar as diferentes apropriações e usos dos almanaques ao longo dos anos, da perspectiva do colecionador, dos leitores e dos guardadores; f) analisar a relevância documental-informacional do almanaque, sobretudo na primeira metade do século XX, como fonte de informação e; g) perceber o papel dos almanaques como documentos da cultura popular escrita e sua atualização enquanto dispositivos de aproximação e diálogo entre diferentes formas de linguagens, escritas e saberes.

Para a realização do estudo, foi desenvolvida uma pesquisa descritiva e exploratória que envolveu o emprego de técnicas quantitativas e qualitativas de coleta dos dados. Para embasar o estudo, foi necessário ampliar o conhecimento acerca dos seguintes conceitos: almanaque; comunicação popular escrita; cultura popular; leitura; coleção e documento. Para tanto, realizou-se um levantamento bibliográfico em outubro de 2015, em livros e periódicos nacionais e internacionais, além de teses e dissertações e trabalhos de eventos acadêmicos.

Em seguida, foram realizadas pesquisas de campo que permitiram a elaboração dos instrumentos de pesquisa para a análise descritiva da coleção e da classificação tipológica e temática dos almanaques. Como técnica qualitativa, foram realizadas duas entrevistas em 2015 e 2017, respectivamente, com o guardador da coleção, Hamilton Carneiro. A análise descritiva abrangeu 55 títulos e 241 exemplares de almanaques que formam a coleção no período de 1906 a 2014. Os resultados permitiram criar tipologias de conteúdos abrangendo o período, temas abordados, autores presentes, editores e algumas peculiaridades como, por exemplo, os principais autores que publicaram nos exemplares, entre outros. Além da classificação temática, que abrangeu os assuntos mais recorrentes nos almanaques da coleção.

A tese está estruturada em nove seções, além das referências, apêndices e anexos. Nessa Introdução apresentam-se os objetivos do estudo, sua temática e os parâmetros teórico-metodológicos gerais empregados na pesquisa. A seção 2 - A Coleção de Almanques da Família Carneiro Rezende - apresenta uma breve descrição quanto ao período de formação da coleção e à região goiana, onde a coleção de almanaques foi desenvolvida. A seção 3 - Almanaque e Coleção – apresenta o apoio teórico para o desenvolvimento do estudo. Está dividido em subseções: 3.1 - Explorando a literatura – apresenta os principais autores e obras que contribuíram como embasamento teórico para esta tese. Também são apresentados os resultados da busca bibliográfica realizada sobre o assunto e os autores são descritos num quadro teórico; 3.2 - Leitura e comunicação popular escrita – aborda o desenvolvimento da escrita e leitura, a escrita e a produção de conhecimento na Idade Média, a comercialização dos livros e a popularização da escrita, a popularização dos livros impressos e da cultura popular e a classificação da comunicação escrita popular realizada por Pellegrini Filho em 2009; 3.3 - Almanques – são apresentados a origem, conceito e características do almanaque, o almanaque como veículo de publicidade e propaganda, o almanaque enquanto documento; 3.4 - Almanaque como documento – abordando o conceito de Meyriat sobre documento e aponta que o uso dos almanaques pela rede familiar de leitores/usuários, atribuiu a este documento valor e relevância documental-informacional. 3.5 - Almanques de Farmácia no Brasil – história, difusão, leitura dos almanaques no Brasil, almanaques de farmácia; 3.6 - Almanaque em coleção – Aborda conceitos e características de coleção e de coleção particular. Fala da figura do colecionador. Apresenta alguns aspectos que contribuem para a formação de uma coleção, dentre eles a concepção clássica, onde o objeto é coletado para fins de guarda e exibição, o valor social e o valor afetivo.

Na seção 4 - Percurso metodológico – são apresentados os procedimentos metodológicos utilizados e o percurso metodológico percorrido para o desenvolvimento da tese. Na seção

5 - Os Almanques – são apresentados os resultados obtidos pela análise descritiva da coleção e está dividido em três critérios: a) almanques que possuem mais de dez exemplares na coleção; b) almanque que possuem menos de dez exemplares e; c) almanques que possuem um exemplar na coleção. A seção 6 - A Coleção – traz a análise e discussão dos dados obtidos a partir da análise descritiva. Está dividida em duas subseções; 6.1 – Classificação Temática – onde são apresentados os resultados do quadro de assuntos e a classificação temática feitas a partir dos almanques da coleção. 6.2 – Rastros de Leitura e Usos – traz a análise dos usos dos almanques da coleção e é apresentada a rede familiar de leitores em torno da coleção e; A seção 7 - Conclusão – onde são apresentadas as conclusões sobre o estudo envolvendo a coleção de almanques.

O estudo permitiu a representação do almanque como documento de informação da cultura popular escrita no contexto de uma coleção particular. Para tanto, realizou-se uma tipologia bibliográfica e uma classificação temática dos almanques da coleção. Por meio da análise descritiva e das entrevistas foi possível verificar os interesses de formação da coleção e dos usos atribuídos aos almanques, demonstrando que estes possuem relevância documental-informacional, sobretudo no campo durante a primeira metade do século XX, quando o almanque era uma das poucas fontes de informação impressa que alcançava a zona rural.

Por meio do estudo do uso feito dos almanques pelo colecionador, leitores, utilizadores e guardadores, constata-se que este possui um importante papel documental-informacional da cultura popular escrita e se apresenta como um dispositivo de aproximação e diálogo entre diferentes formas de linguagens, escritas e saberes. Concluiu-se que as apropriações e usos da rede familiar de leitores dos almanques da coleção o caracterizaram como documento de informação e comunicação popular escrita e comprovaram seu valor infocomunicacional, social, histórico e cultural.

2 A COLEÇÃO DE ALMANAQUES DA FAMÍLIA CARNEIRO REZENDE

A história do estado de Goiás é marcada pela exploração portuguesa em busca de ouro e outras riquezas minerais ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII. Os missionários jesuítas também desbravaram a região para fins de catequese. No século XIX, a agricultura se desenvolve, tendo como principais produtos o café e o algodão. A pecuária também se expande na região ao longo deste século, principalmente com o rebanho bovino. O início do século XX é marcado pela construção de ferrovias e expansão da agricultura e pecuária. O estado é predominantemente rural e não havia energia elétrica (IBGE, 2016).

A cidade de Ipameri tem sua origem no aglomerado do Arraial do Vai-Vem em 1816. Esse aglomerado consistia em fazendas onde foram constituídas as primeiras moradias nessa região. Os primeiros desbravadores enfrentaram eram agricultores oriundos de Minas Gerais e de Catalão e buscavam terras férteis às margens dos rios Veríssimo, Braço e Corumbá. Adquiriram ou assentaram propriedades lavrando a terra e levantando moradias. A comunidade que se formou era agrária e pastoril (BRASIL, 2018).

Em 1833 o Governo da Província de Goyas elevou as Fazendas do Vai-Vem como distrito por meio de Resolução. Em 1870 o distrito passou para a categoria de cidade com o nome de Entre-Rios, desmembrando-se do município de Catalão. Devido a outras cidades homônimas em outros estados do Brasil, foi necessária a mudança do nome e, por isso, em 1926 a cidade passou a se chamar Ypameri que em Tupi-Guarani significa Entre-Rios. Posteriormente passou a ser chamada de Ipameri, pois o ‘y’ não fazia parte do alfabeto brasileiro na época (IBGE, 2016).

Brandão (2005) afirma que esses marcos históricos são essenciais para entender que o surgimento da cidade de Ipameri se deu em função da produção agrícola e pastoril, e que as primeiras famílias vindas para a região, são originadas de Minas Gerais. “São essas famílias que vão formar, durante pelo menos um século de história, a elite do local, definindo políticas e ações relacionadas à cidade. Entre elas, os Vaz, Estrela, **Carneiro**, Machado” (BRANDÃO, 2005, p. 56, grifo nosso). Essa afirmação mostra que a família Carneiro foi uma das famílias fundadoras da cidade de Ipameri e teve importância na sua política e desenvolvimento.

Em entrevista, Hamilton Carneiro (2015) confirma essa afirmação ao dizer que por volta de 1902, José Carneiro de Rezende se instalou na região de Ipameri, onde construiu e fundou a Fazenda do Britto. A família foi constituída por Limiria Mendes Carneiro e José Carneiro de Rezende na mesma fazenda. Em 1904 nasceu sua primeira filha, Mariana. Segundo Hamilton, seu bisavô era

[...] uma pessoa rigorosa, uma pessoa muito correta. Criou uma família numerosa trabalhando na produção rural agrícola e ia pouco à cidade. Era uma pessoa instruída, não sei o nível escolar dele, mas era instruído pelos escritos que você vê, pelas cartas que ainda tinha dele. Então dava para ver que ele era bem instruído (CARNEIRO, Entrevista I, 2015).

Ipameri teve influência de colônias estrangeiras no seu crescimento. A principal colônia que se radicou foi a dos sírios que contribuíram para o comércio e para a indústria de arroz, café e laticínios. Outras colônias também se estabeleceram na região provocando grande influência na região e uma miscigenação natural.

A cidade continua se desenvolvendo, contudo, seus residentes enfrentavam problemas de mobilidade, pois as viagens para cidades vizinhas eram difíceis. “É um pessoal que não se deslocava muito, pela dificuldade de locomoção. Então ali para você ir à cidade era de cavalo, mobilidade difícil” (CARNEIRO, Entrevista II, 2017).

Em 1913, a chegada da Estrada de Ferro permitiu que seus habitantes tivessem mais mobilidade e fomentou o desenvolvimento comercial e industrial da cidade. Segundo Brandão “a chegada da estrada de ferro vai acarretar o surgimento da primeira fábrica, da energia elétrica, da primeira agência bancária e outros 'pioneirismos’” (2005, p. 33).

Devido às dificuldades de locomoção, mídias impressas não chegavam ao interior do país e, com exceção do almanaque, que se torna um dos únicos meios de informação da zona rural, devido às suas grandes tiragens e distribuição gratuita por meio das farmácias. Hamilton destaca a importância do almanaque, sobretudo o almanaque de farmácia, como fonte de informação para a zona rural:

E como eu morava na zona rural, o objeto de informação, o veículo de informação que se tinha, era o almanaque. Não tinha rádio. A rádio estava começando. Longe de chegar na zona rural. Então era o almanaque. As pessoas ficavam ansiosas para já no início do ano irem à cidade mais próxima. Tinha que comprar alguma coisa na farmácia, quase sempre tinha que comprar e ganhava o almanaque e a folhinha, o calendário. O almanaque trazia, de acordo com os tempos, informações importantes sobre agricultura, pecuária, fases da lua: o plantio pode ser feito na lua nova, como é o corte da madeira, a lua regula isso, se cortar a madeira na lua nova, você vai ter uma madeira sem caruncho. Então essas instruções todas e, é claro que recheados de vendas de produtos farmacêuticos. (CARNEIRO, Entrevista I, 2015).

Os almanaques de farmácia eram publicações que promoveram os medicamentos e os cosméticos durante décadas e que competiam no mercado de saúde do país. Com isso, “passaram posteriormente a fazer parte do conjunto de estratégias publicitárias adotadas pela maioria dos modernos laboratórios químico-farmacêuticos para a promoção e comercialização de seus produtos” (GOMES, 2006, p. 1008). Devido à carência material e cultural do meio, o

almanaque representou para muitos o livro e a revistinha infantil e em outras ocasiões, assumiu um caráter educacional, auxiliando adultos e crianças no aprendizado da leitura.

Cabia aos profissionais de publicidade, implantar novos hábitos de higiene, saúde e beleza para os leitores dos almanaques de farmácia. Principalmente na década de 1930, os textos e imagens vão introduzir na vida dos leitores novos medicamentos e novos padrões de comportamento e de costumes. Os almanaques passam “a reproduzir o clima dinâmico de uma sociedade que se transforma rapidamente” (GOMES, 2006, p. 1011).

Nas primeiras décadas do século XX, campanhas higienistas foram promovidas pelo Estado e conduzidas por Oswaldo Cruz, por meio de campanhas para o controle de epidemias, como a varíola, a malária, a febre amarela e outras doenças. As necessidades fundamentais de higienização e saúde do campo levaram à publicação do Código Sanitário Rural, em 1917, visando à transformação do homem do campo. Segundo Machado, Rossi e Neves “do ponto de vista de uma literatura sobre saúde, doenças e práticas de cura no Brasil, pode-se verificar que o consumo de elixires foi, a princípio, uma alternativa na busca de uma solução para o problema.” (2012, p. 80). O consumo desses medicamentos era caracterizado como medicina popular e estavam ligados a doenças procedentes da falta de saneamento básico, como anemia, desnutrição e vermes.

A indústria farmacêutica, que aos poucos se instalava e expandia-se no país, utilizava os almanaques como veículos de publicidade e propaganda de seus medicamentos e como objetos de disseminação das campanhas sanitárias e de saúde. Para tanto, combinava a publicidade com a educação, a ciência e a literatura, por meio da presença de autores, para condicionar o comportamento dos habitantes da zona rural e incitar o uso dos seus medicamentos.

José Carneiro de Rezende logo percebeu a importância do almanaque como fonte de informação, “porque sempre tinha uma informação útil, informações que não eram percebíveis” (CARNEIRO, Entrevista I, 2015). Nesse contexto, onde é atribuído valor de uso ao almanaque, é que se inicia a coleção dos almanaques, formada principalmente por almanaques de farmácia, e José Carneiro de Rezende torna-se um colecionador.

O colecionador demonstrou o valor dos almanaques para os seus filhos, ensinou-os a importância de guardá-los e utilizá-los, seja como fonte de informação ou de entretenimento. Seus filhos e descendentes tornaram-se catadores¹ de almanaques e com isso, a coleção crescia. No ano de 1945 veio a falecer, deixando a coleção de almanaques como um legado para

¹ O termo “catador” foi utilizado por Hamilton Carneiro durante a entrevista realizada em 2017, para designar seus familiares que buscavam os almanaques nas farmácias durante o período de formação da coleção.

sua família, onde almanaque tem seu valor como documento de informação e conhecimento reconhecido.

Ao longo dos anos o Estado de Goiás continuou seu processo de desenvolvimento e de modernização. A primeira emissora de rádio é criada em janeiro de 1942, a Amplificadora Cultural de Anápolis, obra de Abelardo Velasco. Nos primeiros anos a rádio em Goiás foi marcada pelo “predomínio do amadorismo, do improviso, uma época marcada pelo experimento da comunicação radiofônica, pelo entusiasmo e glorificação da transmissão da voz humana e a inexistência de uma indústria cultural” (MARQUES, 2009). Contudo, o uso do rádio era restrito a elite, ou seja, quem possuía condições financeiras para a compra dos aparelhos receptores, para a manutenção e despesas de seu funcionamento. Hamilton afirma em entrevista, que a rádio chegou lentamente à zona rural. Isto é, mesmo depois da chegada do rádio, o acesso a ele era difícil e quem o possuía ainda enfrentava problemas de transmissão.

[...] chegou o rádio, muito aos poucos foi chegando em fazendas de quem tinha dinheiro para comprar, porque era caro, o rádio ainda era a pilha, de som difícil, o que também promoveu muito a deformação fonética. Porque você não ouvia direito o som com aquela chiadeira toda. A pessoa ouvia uma coisa e saía falando" (CARNEIRO, Entrevista I, 2015).

Nessa época da chegada do rádio, ainda não existia luz elétrica no campo, por isso a necessidade de pilhas para seu funcionamento. A eletrificação chega a Goiás em 1955 contribuindo para o aceleração da urbanização e permitiram os primeiros passos rumo à industrialização.

Nesse contexto de desenvolvimento de Goiás, a coleção de almanaques, desde seu início, passou por várias gerações de catadores, utilizadores e guardadores da família até a atualidade. Atualmente, o acervo é composto por 55 títulos e 241 exemplares de almanaques que compreendem os anos de 1906 a 2014. Estão guardados numa caixa e organizados por ano, na agência de publicidade, *Stylus* Consultoria e Propaganda, do atual guardador Hamilton Carneiro.

Hamilton Carneiro herdou a coleção de almanaques da sua família, onde atuou como catador e utilizador de almanaques desde a infância e adolescência. É o atual guardador da coleção. Segundo Hamilton, os almanaques possuem um importante papel na história, pois por muitos anos, foram o único meio de comunicação na zona rural do país. “Esse acervo eu acho muito importante porque como eu trabalho com comunicação, para [...] mostrar o quanto ele foi importante numa época da nossa vida como veículo de comunicação” (CARNEIRO, Entrevista I, 2015).

Considerando o período histórico do início do século XX, quando a coleção teve seu início, cabe perguntar qual a representatividade dos almanaques naquele momento histórico? Com o desenvolvimento da coleção que passou de geração em geração, tendo ao longo de mais de 100 anos a figura do colecionador, utilizadores/leitores e guardadores, questiona-se que elementos de memória o almanaque guarda para o colecionador, o leitor e o guardador?

Que apropriações e usos são feitos deste veículo informacional, sobretudo para o leitor, o colecionador e o guardador da coleção? Esses questionamentos levaram a reflexão sobre a relevância documental-informacional do almanaque no contexto de uma coleção, contribuindo para o delineamento do problema de pesquisa e seus objetivos.

3 ALMANAQUE E COLEÇÃO

Nesta seção é apresentado o referencial teórico utilizado como base para o desenvolvimento do estudo, assim como os resultados da busca bibliográfica realizada sobre o assunto. Os autores encontrados são descritos num quadro teórico. Traz também o desenvolvimento da escrita e leitura, a produção de conhecimento na Idade Média, a comercialização dos livros e a popularização da escrita, dos livros impressos e da cultura popular. Traz a classificação da comunicação escrita popular realizada por Pellegrini Filho em 2009.

Também será discutido o almanaque, sua origem, conceito e características. Será apresentado o almanaque como veículo de publicidade e propaganda e enquanto documento. Traz os almanaques de Farmácia no Brasil, sua chegada ao país, difusão, leitura dos almanaques no Brasil e o almanaque no contexto de uma coleção, trazendo o conceitos e características de coleção e de coleção particular. Fala da figura do colecionador, onde serão apresentados alguns aspectos que contribuem para a formação de uma coleção.

3.1 EXPLORANDO A LITERATURA

Para responder as questões exploradas nesta tese, inicialmente realizou-se uma exaustiva pesquisa bibliográfica e documental, onde foram selecionadas as fontes que nortearam a pesquisa, dentre elas, as obras de Pellegrini Filho (2009), Casa Nova (1996), Park (1999) e Meyer (2001). Estas forneceram subsídios para maior entendimento sobre os almanaques ao conceito, origem, caracterização e importância desse tipo de documento e tratando também sobre os conceitos básicos, para o desenvolvimento do estudo.

A obra “Comunicação popular escrita” escrita por Pellegrini Filho (2009) é resultado de uma ampla pesquisa que coletou e analisou em torno de 14 mil documentos populares em 107 países. O autor elaborou uma classificação desses documentos resultando em 22 classes. Fez um estudo sobre almanaques coletados em seis países diferentes, incluindo o Brasil. O estudo fornece conceituação, características, formato e um quadro de assuntos feito a partir das temáticas recorrentes nos títulos analisados. Esse quadro de assuntos foi adaptado para o desenvolvimento desta pesquisa e para a realização da classificação temática dos almanaques da coleção.

Casa Nova (1996), no livro “Lições de Almanaque: um estudo semiótico”, resultado de sua tese de doutorado, faz uma análise das características dos almanaques, trazendo a sua história e abordando os almanaques de farmácia. Aborda também a estrutura do almanaque,

destacando o calendário, as fases da lua, o tempo, agricultura e horóscopo, elementos constitutivos do almanaque. Trata o almanaque como um instrumento mediador, sobretudo da dicotomia vida x morte, mas também como um manual de conduta para manter ‘bons cidadãos’. A história e a ciência de almanaques também são abordadas no livro. A autora analisa o discurso do almanaque de farmácia, a retórica e a dialética. Aborda também a questão das imagens e publicidades e faz uma análise sobre a representação do homem e a mulher no almanaque.

Park (1999) no livro “Histórias e leituras de almanaques no Brasil” realizou uma pesquisa histórica sobre os almanaques no Brasil, com ênfase nos almanaques de farmácia. Trata das práticas de leitura de almanaques de farmácia nos países e faz uma análise dessas práticas a partir das cartas dos leitores de almanaques. Com isso o livro traz uma importante contribuição para a história da produção, circulação e da leitura dos almanaques de farmácia, veículo de grande difusão no Brasil. Aborda que o almanaque de farmácia assumiu a tarefa de educação sanitária e moral para os cidadãos no país. E ressalta a importância do almanaque como uma obra que é destinada a todos, dos mais letrados até os analfabetos.

Meyer (2001) organizou o livro-coletânea “Do *almanak* aos almanaques”, resultado da exposição de almanaques brasileiros na Fundação Memorial da América Latina que ocorreu durante o Colóquio Internacional “Os Almanques Populares: Da Europa à América – Gênero, Circulação e Relações Interculturais” realizado em 1999. Nele estão contidos textos que abordam informações gerais sobre almanaque, história, reprodução, e os almanaques como fonte de pesquisa. Traz também um estudo sobre almanaques de farmácia apontando estes como as primeiras formas de propaganda. O livro se constitui como uma fonte de referência que resguarda a memória e a atualidade do almanaque como veículo de comunicação popular.

Além dessas obras que são importantes referências para o estudo dos almanaques, foi realizada uma busca bibliográfica, em outubro de 2015, a fim de mapear as pesquisas que tratam sobre almanaques no campo de estudos da informação no Brasil e no exterior. A busca foi feita nas seguintes bases de dados e buscadores: Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação – BRAPCI; *Scientific Electronic Library Online* – SciELO; Google Acadêmico; Base Benancib, que reúne os trabalhos apresentados nos Enancib’s – Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação; Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD; base *Library and Information Science Abstracts* – LISA por meio do Portal de Periódicos da CAPES. Os resultados foram sistematizados em quadros que trazem os temas, autores e contribuição de cada trabalho para o desenvolvimento da pesquisa.

A busca foi realizada utilizando os termos almanaque nas bases de dados e buscadores nacionais e no Portal de Periódicos foi utilizado o termo *almanac*. Foram encontrados 38 resultados relevantes, sendo 33 nas bases de dados nacionais e 5 na base internacional LISA.

Também foram utilizados os conceitos referentes ao tema e objetivos propostos, numa busca cruzada com almanaque, são eles: informação e comunicação popular escrita (não foram encontrados resultados relevantes na busca cruzada com o termo almanaque), cultura e cultura popular (4 resultados relevantes), leitura (7 resultados relevantes), coleção/coleccionismo (3 resultados relevantes) e documento (não foram encontrados resultados relevantes na busca cruzada com o termo almanaque).

O levantamento bibliográfico recuperou um total de 52 resultados relevantes, ou seja, estudos que tinham o almanaque como objeto de investigação e relacionados com os conceitos, temas e questões de interesse para a pesquisa, mencionados acima. Os resultados abrangem artigos de periódicos nacionais e internacionais, comunicações apresentadas em eventos, relatos de experiências e teses e dissertações. Não foi feita uma delimitação de tempo, contudo, a maioria dos resultados aponta para pesquisas realizadas a partir dos anos 2000, o que demonstra que o estudo dos almanaques tem história recente no campo da informação. Os resultados do levantamento bibliográfico foram sistematizados em 9 subtemas e expostos no quadro a seguir:

QUADRO 01 – Resultados do levantamento bibliográfico sobre almanaques e conceitos básicos agrupados por temas

Tema	Autor(s)	Contribuição
1) Almanaque como objeto de estudo; história do almanaque; conceito e caracterização	Bari, V.A.; Santana, G.S. (2012); Botha, F. (2004); Caldas, Y.P. (2014); Carvalho, F.R.M. (2011); Dalbello, M. (2003); Freitas, C.F.B. (2007); Gonçalves, J. (2015); Koyama, A.C. (2015); Macambira, D.D. (2010); Machado, M.O., Rossi, E.R. (2011); Menezes, R.C. (2006); Pereira, M.H.F. (2009); Rogers, S.W. (1986); Sales, T.R.R. (2013); Salesi, T.R. Reis, Almeida, M.S., Nascimento, E.F.V.C. (2012).	Trazem pesquisas sobre a história de almanaques. Sobre almanaques regionais do Ceará, do Amazonas, Sergipe e de Campinas entre 1870 e 1880. Estudos que tratam de títulos específicos de almanaques: Almanaque de lembranças Luso-brasileiro, Almanaque do Biotônico Fontoura, Almanaque Abril, Almanaque Literário de São Paulo e o Almanach de A. J. Costa Brandão. Abordam diversos assuntos que permitem maior compreensão sobre os almanaques, tais como: história, educação, literatura, cultura, regionalismo, publicidade, ciência, oralidade.
2) Análises de almanaques – impressos e eletrônicos. Estudos comparativos.	Lima, P.G.; Michelin, F.F.; Leschko, N.M. (2010); Pereira, M.C. (2002); Pereira, M.C.; Cabral, L.G. (2001); Moura, R.V. (2009); Telles, R.P.S. (1999); Trizotti, P.T. (2010).	Estes autores trazem estudos comparativos entre os almanaques nos formatos impresso e digital, além de abordarem o conceito, caracterização e análises de almanaques. Fornecem estudos de almanaques eletrônicos. Trazem análises sobre os discursos em almanaques e estudos sobre almanaque de cordel. Tratam sobre a escrita narrativa em almanaques, além do conceito e caracterização de almanaques. Abordam a literatura em almanaques e estudo sobre almanaque publicitário.
3) O almanaque no campo da saúde / Almanaque de farmácia.	David, H.M.S.L.; Marteleto, R.M. (2012); Gomes, M. L. (2006); Kuhlmann Jr, M.; Magalhães, M.G.S. (2010); Magalhães, M.G.S., Gomes, M.L., Costa, S.G.A. (2009); Marteleto, R.M.; David, H.M.S.L. (2014); Nadaf, Y.J. (2011).	Estes autores trazem contribuições sobre o almanaque no campo da saúde. Abordam o almanaque como instrumento de informação e educação e trazem a história dos almanaques de farmácia. A ciência nos almanaques também é trazida por estes autores, assim como a leitura e a narrativa. Trazem maior conhecimento sobre a infância retratada nos almanaques. Expõem o processo de produção do Almanaque da dengue.
4) Almanaque e Estudos de gênero	Areias, L. (2011); Chaves, V.P. (2011); Segalin, L.B. (2013).	Estes autores abordam a relação entre o almanaque e a mulher. Tratam sobre a questão cultural da mulher no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro.
5) Almanaque e memória	Le Goff, J. (1990); Lopes, F.F. (2002); Marteleto, Guimarães, Nóbrega (2011); Segalin, L. B. (2011).	Esses autores aproximam o almanaque e a memória. Trazem contribuições sobre a memória e esquecimento. Também trazem maior entendimento sobre a cultura dos calendários e dos almanaques, no âmbito da memória.
6) Almanaque e tecnologia / ciberespaço, Almanaque digitais	Pack, T. (1998; 2003); Alves, M.D.V., Molin, B.H.D. (2012); Frizon, V. (2014);	Esses artigos trazem a relação do almanaque com a tecnologia. Trazem também uma análise do almanaque eletrônico e educação.
7) Almanaque e leitura.	Dalbello, M. (2006); Machado, M.O., Rossi, E.R., Neves, F.M. (2012); Marteleto, R.M.; Bteshe, M. (2014); Marteleto, R.M.; Couzinet, V. (2013); Marteleto, R.M.; Nóbrega, N.G. (2005); Marteleto, R. M.; Nóbrega, N.G.; David, H. (2011); Rehig, J. (1999).	Estes trabalhos trazem a relação do almanaque e a leitura, das práticas de leituras, dos gestos de informação e leitura, as narrativas. Abordam os almanaques de saúde como dispositivos de informação e comunicação em saúde. Trazem aspectos da cultura, cultura digital e dos textos populares. Evidenciam o discurso educacional do almanaque. Representação do sertanejo (1920 – 1950).
8) Almanaque e Cultura / Cultura popular	Dalbello, M. (2005); Lima, M.E.O., Falcão, P.D.O., Menezes, Á. L. (2013); Szesz, C.M. (2008); Torres, T. M. (2009).	Estes autores trazem maior entendimento sobre almanaque e cultura e o almanaque e a cultura popular. Fornecem uma análise sobre Ariano Suassuna e sua contribuição para o almanaque. Folkcomunicação. Trazem uma análise sobre a Revista Brasil.
9) Coleção e Colecionadores / Editores de almanaques	Alves, F.N. (2004); Komza, M. (2002); Lima, C.T.M. (2014).	Esses estudos mostram as figuras de editores e colecionadores de almanaques, além de trazerem histórias regionais do almanaque. Tratam sobre narração e o almanaque.

Fonte: A autora.

Os artigos obtidos por meio da busca trouxeram diversas contribuições a respeito do almanaque, sua origem, conceito, história e características. Têm-se estudos de almanaques impressos e digitais e especializados, como os casos dos almanaques do campo da saúde. Como no Brasil há uma maior popularização do almanaque de farmácia, foram encontrados muitos trabalhos sobre este tema.

Foram encontrados artigos que abordam o almanaque como objeto de coleção e relacionados com a memória. Artigos sobre leitura, cultura e cultura popular, coleção e colecionador também foram encontrados e compõem o escopo teórico para o desenvolvimento do trabalho. Em seguida foi realizada a sistematização das leituras por meio do quadro exposto acima. Nem todos os artigos relacionados acima foram utilizados para a construção deste estudo, entretanto as leituras permitiram maior entendimento acerca do objeto de estudo, o almanaque em coleção, e os conceitos a serem trabalhados na tese.

3.2 LEITURA E COMUNICAÇÃO POPULAR ESCRITA

A história da leitura está imbricada com a história da escrita. Ambas foram se desenvolvendo ao longo dos séculos sendo por muitas vezes elitizadas na sociedade. Movimentos de expansão do conhecimento, como o surgimento das universidades e o comércio e barateamento dos custos de produção dos livros, permitiram uma popularização da escrita e da leitura. Pellegrini Filho (2009, p. 19), afirma que a primeira tentativa de fixar uma escrita ocorreu na China há 7 mil anos atrás. Há cerca de 4 mil anos, surgiu a escrita cuneiforme na Suméria, considerada uma das mais antigas civilizações da humanidade, utilizando argila como material para a inscrição. Segundo Manguel (1999, p. 206) “[...] por volta do final do quarto milênio, uma arte que mudaria para sempre a natureza da comunicação entre os seres humanos: a arte de escrever.” Para o autor a invenção da escrita foi concomitante à criação do leitor, pois escrever exigia um leitor: “[...] uma outra criação aconteceu no mesmo momento. Uma vez que o objetivo do ato de escrever era que o texto fosse resgatado – isto é, lido –, a incisão criou simultaneamente o leitor, um papel que nasceu antes mesmo de o primeiro leitor adquirir presença física.” (1999, p. 207). Na mesma época também surgiu, no Antigo Egito, a escrita hieroglífica que usava o papiro como material para inscrição. Por volta de 1500 A.C os Fenícios desenvolveram o primeiro alfabeto da história, o alfabeto Ugarítico, composto de 22 consoantes e 3 vogais (MARTINS, 1998).

Com o desenvolvimento da escrita pelos sumérios e a sua propagação pelas regiões de comércio da Europa, África e Ásia, esse instrumento de comunicação ganhava terreno e valor

pelo seu poder simbólico, cultural, social, político, religioso e econômico. Foi na Grécia Antiga que a escrita e, respectivamente, o registro das ideias em documentos, sobretudo o pergaminho, ganhou grandes proporções em relação à cultura oral. A escrita era tida como símbolo de sabedoria e de poder. A grande produção de conhecimento registrado estimulou Alexandre, o Grande (356 a.C. a 323 a.C.) a construir a Biblioteca de Alexandria para abrigar todo o conhecimento produzido pelo homem. Outra iniciativa de organização e disseminação do conhecimento, foi a construção, em 1004, pelo califa al-Hakim, da grande academia no Cairo – a *Dar al-Ilm*, ou Casa da Ciência – segundo o modelo de instituições pré-islâmicas, doando ao povo sua importante coleção de manuscritos e decretando que “todo mundo pode vir aqui ler, transcrever e instruir-se.” (MANGUEL, 1999, p. 47).

A escrita e a produção de conhecimento na Idade Média foram ditados pela Igreja Católica. A filosofia e as artes possuíam caráter religioso e propagavam o pensamento cristão, permitindo que a Igreja continuasse detentora do poder. Nessa época surge a figura do monge copista, responsável por fazer cópias de manuscritos. O trabalho consistia na tradução de textos – geralmente manuscritos antigos gregos e árabes, cópia, decoração (iluminuras) e encadernação. Os materiais utilizados eram os pergaminhos e utilizava-se a técnica do palimpsesto para reaproveitar pergaminhos já utilizados. Essa técnica permitiu que se preservasse o conhecimento da antiguidade, pois com técnicas atuais de radiografia, pôde-se resgatar os textos originais (MANGUEL, 1999).

Geralmente a leitura era realizada em voz alta. Segundo Manguel, na Idade média “ler era uma forma de pensar e falar” (1999, p. 63). Para facilitar a leitura, os monges do *scriptorium* utilizavam técnicas de escrita que ajudavam os que tinham pouca habilidade de leitura. Este método era conhecido como “*per cola et commata*, no qual o texto era dividido em linhas de significado – uma forma primitiva de pontuação que ajudava o leitor inseguro a baixar ou elevar a voz no final de um bloco de pensamento.” (MANGUEL, 1999, p. 65).

A progressiva inserção do escrito na cultura oral e gestual foi um aspecto inovador, seja com os manuscritos ou com os impressos. Segundo Chartier o caráter inovador da escrita fez com que os dois modos de transmissão cultural – oral e escrita – fossem estudados separadamente. Contudo, o autor afirma que esses dois modos se imbricam tanto quando a palavra proferida é fixada por escrito, como a leitura de algo escrito em voz alta, “pelas sociabilidades diversas da leitura em voz alta, existe nas sociedades antigas uma cultura do escrito mesmo entre aqueles que não sabem nem produzir nem ler um texto” (2004, p. 11).

A leitura silenciosa começou a ser utilizada no século VI, contudo, foi no século IX que surgiram os primeiros regulamentos exigindo que os escribas ficassem em silêncio nos

scriptoriums dos conventos. Com isso, temos dois tipos de leitura, que de acordo com Manguel (1999, p. 61) podiam ser “em silêncio, para o aprendizado privado; o outro em voz alta, para compartilhar com sua companhia a revelação do texto.” O método de leitura silenciosa, tornou-se usual a partir do século X.

Durante a Idade Média se desenvolveram as primeiras universidades que, inicialmente, tinham a intenção de propagar os conhecimentos sobre a doutrina da fé cristã. Contudo, as Universidades foram se desenvolvendo e começaram a construir seu conhecimento próprio, rompendo com a doutrina cristã escolástica. A partir do século XIII as universidades possuíam certo controle da atividade intelectual: redigiam estatutos, elegiam representantes, etc. (MARTINS, 1998).

Ao longo de todo o século XII, há um esforço para separar a cultura erudita da cultura tradicional. De acordo com Chartier (2004, p. 15), “a reordenação teológica, científica e filosófica separa cultura erudita e tradições folclóricas, censurando as práticas doravante consideradas supersticiosas ou heterodoxas, constituindo a cultura do povo como um objeto colocado a distância, sedutor ou temível”. Segundo Manguel, “no século XIV, os livros passaram das mãos exclusivas da nobreza e do clero para as da burguesia. A aristocracia tornou-se o modelo para os *nouveaux riches*: se os nobres liam, então eles também leriam” (1999, p. 185). A posse de livros ornamentados e luxuosos era sinal de posição social.

Entre os séculos XIV e XV surgem mais universidades e estas passam a ter uma participação maior do Estado, embora continuassem como instituições eclesiásticas (MARTINS, 1998). Nesse ínterim, surgem os *stationarius* (livreiros) que eram encarregados de vender aos estudantes códices novos ou usados e material para a escrita, seguindo as determinações da Igreja. Com isso, acentua-se o comércio de livros. Os livros de grande formato, ricamente iluminados produzidos nos mosteiros, davam lugar aos volumes menores e mais simples, com intenção de obter praticidade no manuseio e diminuição do preço. A partir de então, o papel surge como material para a escrita. Segundo Martins (1998), o papel teve origem na China e foi comercializado para Europa onde passou a ser utilizado largamente como suporte para a escrita.

As imagens também eram utilizadas pela Igreja como uma forma de escrita, para facilitar a leitura. Dessa forma, os iletrados podiam entender as histórias bíblicas, numa espécie de educação pela arte, onde a igreja incutia neles a crônica da misericórdia de Deus. (MANGUEL, 1999, p. 117). Pode-se inferir, por meio da intencionalidade de instrução dos analfabetos por meio dessas imagens, que esse tipo de recurso foi uma das primeiras formas de popularização da escrita.

Uma coisa é adorar imagens, outra é aprender em profundidade, por meio de imagens, uma história venerável. Pois o que a escrita torna presente para o leitor, as imagens tornam presente para o analfabeto, para aqueles que só percebem visualmente, porque nas imagens os ignorantes veem a história que têm de seguir, e aqueles que não sabem as letras descobrem que podem, de certo modo, ler. Portanto, especialmente para a gente comum, as imagens são equivalentes à leitura (MANGUEL, 1999, p. 117).

Para o autor, as imagens possibilitam a leitura para os analfabetos. Os iluminadores e gravadores usavam imagens nos livros e alguns passaram a ter muitas figuras e poucas palavras. Segundo Manguel, o primeiro livro priorizando as imagens que se tem registro ficou conhecido como *Bibliae pauperum*, ou Bíblia dos pobres e data de 1462 (1999, p. 123).

No século XV, deu-se a invenção da máquina impressora ou prensa tipográfica que ocasionou uma revolução na sociedade, estando vinculada ao progresso do conhecimento. A invenção é atribuída a Johannes Gutenberg, no ano de 1455. O primeiro livro impresso com tipos foi a “Bíblia de Gutenberg”, composta de 42 linhas.

FIGURA 01 – Prensa tipográfica e Página da Bíblia de Gutenberg



Fonte: CARDQUALI, 2015; MIDIATIVIDADE, 2015.

De início a produção das máquinas impressoras era mais voltada para a reprodução de livros religiosos. Logo depois os livros começaram a ser produzidos em grandes quantidades e o que levava anos para ser feito, passou a durar semanas e até dias. Segundo Manguel, Aldus Manutius produziu uma coleção de livros de bolso in-octavo, em 1501, que priorizava a edição do texto e “para manter baixos os custos da produção, decidiu imprimir mil exemplares de cada vez, e, para usar a página de forma mais econômica, utilizou um tipo recém-desenhado, o *itálico* ou *grifo*, criado pelo talhador e fundidor de tipos Francesco Griffo.” (1999, p. 162). Esses recursos da escrita permitiam maiores tiragens e, com isso, maior popularização dos

livros impressos. Nesse momento a população já não se importava com o livro como um objeto ricamente decorado, e sim com seu texto, com a erudição.

A máquina impressora foi de grande importância para a revolução Luterana com a tradução da bíblia do latim para a linguagem vulgar (alemão). A distribuição dessas traduções estimulou e proporcionou a leitura para o povo, dando início a outra revolução, a revolução da leitura. Como Lutero ensinara, a salvação da alma dependia da capacidade de cada um de ler a palavra de Deus por si mesmo. (MANGUEL, 1999, p. 311)

Esses fatos aliados à escolarização promovida pelo advento das universidades, iniciada nos anos de 1100, permitiram a ‘democratização da educação’ onde os registros da atividade humana se proliferaram na sociedade. O Latim era a língua da burocracia, dos assuntos eclesiásticos e da intelectualidade até o século XV, contudo, segundo Manguel (1999, p. 87) “a partir do século XVI, as línguas vernáculas ganharam terreno”.

O século XVI tornou-se a era da palavra escrita e dos grandes manuais de caligrafia. Segundo Manguel “na metade do século XVI, um leitor poderia escolher entre mais de 8 milhões de livros impressos, talvez mais do que todos os escribas da Europa haviam produzido desde que Constantino fundara sua cidade no ano de 330.” (1999, p. 163). Com a grande quantidade produzida de livros impressos, nota-se que a intenção dos livreiros e editores era de publicar livros para serem vendidos, desprivilegiando a erudição do seu conteúdo. Com isso, passou-se a produzir livros mais ‘populares’.

O termo ‘popular’ foi aceito por muito tempo na história social como uma definição redutora do social. Ou seja, privilegiava a hierarquia econômico-social e não considerava outros aspectos, tais como diferenças territoriais, religiosas, sexuais, entre outras, sendo que estas poderiam explicar melhor a diversidade das práticas culturais.

De acordo com Pellegrini Filho, (2009, p. 35) as primeiras ocorrências do uso do termo ‘popular’ se deram num período de grandes mudanças socioculturais na Europa quando apareceram “na voz de representantes da elite, trazendo claro o sentido político, econômico e social, com conotações ideológicas negativas”. Segundo Park (1999, p. 29), popular utilizado como adjetivo, “qualifica uma grande quantidade de coisas que são concernentes ou pertencentes ao povo”. Para a autora, as palavras ‘popular’ e ‘povo’ possuem conotações políticas e não podem ser usadas inadvertidamente.

No século XVII há uma amplificação da popularização da escrita e da cultura popular. “São numerosos os exemplos de usos ‘populares’ de objetos, de ideias, de códigos não considerados como tais, e numerosos também os materiais e as formas de uma cultura coletiva das quais as elites só se separou lentamente” (CHARTIER, 2004, p. 08). Contudo, neste século há

uma espécie de repressão à antiga cultura do povo. A cultura folclórica foi influenciada pela religião católica, mas também foi censurada e controlada, pois como dito anteriormente, a Igreja impôs à sociedade suas doutrinas e normas eclesiásticas. Segundo Chartier (2004, p. 14), essa censura contrastava com “uma época de ouro da cultura popular, viva, livre, profusa, e a época das disciplinas eclesiásticas e estatais, que a reprimem e a submetem”.

No século XVII, surgem algumas formas de escrita popular. Na França, surgem os materiais denominados ‘*colportage*’, títulos da ‘*Bibliothèque Bleue*’, inventada pelos Oudot em Troyes, como tipo de leitura camponesa. Esses livros eram baratos e impressos em grande quantidade, sendo vendidos por ambulantes. Segundo Pellegrini Filho, os escritos tradicionais e populares não foram registrados nem estudados sistematicamente em outras épocas e até os dias atuais. Entretanto, esses livretos ou avulsos da chamada *Littérature de Colportage* na França e em outros países europeus, podem ser considerados de algum modo uma exceção em relação a registros de estudos, pois “há coleções que mostram terem alcançado grande presença como veículos populares de difusão de informações e opiniões” (PELLEGRINI FILHO, 2009, p. 23).

Segundo Chartier (2004), na Inglaterra surgem os *chapbooks* (ou livros de ambulantes), livros populares que eram comercializados por mascates. Estes livros alcançaram grande popularidade entre os menos abastados, sobretudo, em áreas rurais. O livro tornou-se, cada vez mais, um objeto menos aristocrático e mais popular. Torna-se objeto de uma indústria popular voltada para o convencional, para o cotidiano. No século XVIII, na Espanha, surgem os *pliegos* de cordel, pequenos folhetos ou livretos de uma ou duas folhas, que possuíam uma difusão maciça devido ao fato de serem cantados pelos ambulantes que os vendiam. Portanto, entre os séculos XVII e XVIII se multiplicaram os livretos baratos e de altas tiragens que se destinavam a um público de maioria popular.

Esses textos produzidos, segundo Chartier (2004, p. 09), assim como os textos de todos os gêneros, todas as épocas e todas as literaturas são, em sua grande maioria, “de origem letrada e erudita, tais como os romances de cavalaria, os contos de fadas, os livros de devoção, as obras práticas”. Portanto, não são textos que nasceram populares. O que ocorria era a adaptação realizada pelos editores, para torná-los mais legíveis para leitores menos letrados. Nessas adaptações havia reduções, cortes, censuras e remanejamentos para compor livros mais populares, de modo que estes livros pudessem alcançar o público popular, a quem não eram destinados originalmente.

A partir do século XIX, segundo Park (1999, p. 31), “a cultura dita popular fica relegada aos estratos sociais mais baixos da população”. Sendo posta, portanto, como algo menor

na sociedade. Entretanto, percebe-se que ao longo dos séculos a cultura popular, assim como os escritos, sejam nascidos desta cultura ou adaptados, se mantém presente e ganha popularidade em contraponto à repressão que recebe. Para Chartier (2004, p. 15), o “destino historiográfico da cultura popular, portanto, é ser sempre sufocada, reprimida, destruída, e ao mesmo tempo renascer de suas cinzas”.

Pelegrini Filho complementa essa afirmação do Chartier, ao dizer que para se obter algum dado sobre folclore/cultura popular de antigamente se faz necessário recorrer a fontes indiretas, à tradição oral ou a documentos oficiais, tais como: documentos da Inquisição, testamentos, inventários, cartas e outros caminhos. “Um teimoso trabalho de garimpo, para se chegar a estudos de história sociocultural” (PELEGRINI FILHO, 2009, p. 22).

Por meio da história da leitura e da escrita, percebe-se que ao longo dos anos, os países mais tradicionais, tal como os países europeus, passaram da cultura oral para a escrita e conseguiram dar prosseguimento ao pleno desenvolvimento da cultura escrita, possibilitando a alfabetização das suas respectivas populações. Com a revolução da mídia impressa e com o advento dos materiais escritos de larga circulação, tornou-se indispensável uma alfabetização em larga escala. Segundo Pellegrini Filho, a escrita de comunicação popular se ampliou, alcançando mais larga difusão do século XX, a partir dessa revolução “a reboque das mídias massivas impressas com alfabetização generalizada” (2009, p. 29).

Ao longo dos anos, os termos ‘povo’ e ‘popular’ foram se modificando, mas não perderam totalmente as gradações depreciativas. Têm-se vários termos que são utilizados como sinônimo de popular que ressaltam essa caracterização como algo menor, tais como: plebe, massa ignorante, subalternos, classe baixa e outros. Segundo Pellegrini Filho (2009, p. 35), no século XX, pode-se perceber esse posicionamento depreciativo em definições de folclore, onde o ‘*folk*’ é formado por pessoas marcadas por falta de instrução e de senso crítico em oposição à cultura de pessoas instruídas. Contudo, em seus estudos, o autor confirmou a existência de manifestações tradicional-populares, escritas de classes sociais ‘inferiores’ e de classes ‘elevadas’.

Este autor realizou uma pesquisa sobre as manifestações populares da escrita, que resultaram no seu livro “Comunicação Cultural Escrita”, resultado de 20 anos de pesquisa em âmbito mundial, onde o autor cria, por meio da coleta, registro e análise, uma classificação da Comunicação Escrita Popular, que é por ele definida como

[...] um universo incomensurável de manifestações verbais, comuns em sociedades letradas e feitas em diversos suportes - mídias e neomídias - em áreas urbanas, sendo de se notar a presença de liberdade de expressão, mimese,

constante atualização e reatualização de conteúdos (em função de contextos socioculturais) (PELLEGRINI FILHO, 2009, P. 48).

A pesquisa incluiu países de todos os cinco continentes, independentemente de sua situação econômica ou de seu grau de desenvolvimento cultural. O objetivo do estudo foi de “saber *o que* os povos comunicam por escrito e de modo informal (isto é, um comportamento tradicional-popular, sem teoria), *o onde*, *o como* e em especial *por que* se dá esse fenômeno de expressão verbal, também *relações e aspectos interculturais* aí perceptíveis” (PELLEGRINI FILHO 2009, p. 50, grifo do autor).

O estudo construiu uma amostra de 14.014 mensagens populares, coletadas por meio de observação direta, com a colaboração de 38 pessoas, em 107 países, que pretendem “demonstrar a existência de um imenso universo de escritos populares na mais larga geografia, considerando as sociedades letradas do final do século XX e inícios do século XXI.” (PELLEGRINI FILHO, 2009, p. 51-52). Para tanto, foi necessário construir um acervo significativo de expressões escritas. As mensagens populares coletadas estão escritas em 42 línguas e quatro dialetos (Catalão, gaélico, galego, napolitano) e foram feitas traduções livres da língua original para a língua portuguesa.

A aplicação da classificação construída por Pellegrini Filho na amostra de mais de 14 mil mensagens populares demonstrou que esta pode ser utilizada em pesquisas sobre o tema. A classificação é formada por 22 classes e 40 temas que podem ser desdobrados em subtemas. As classes são:

QUADRO 02 – Classificação de documentos de comunicação popular escrita

1. Avulsos;	12. Mensagens em veículos;
2. Brochuras populares;	13. Mensagens em espaços públicos;
3. Cartas a Papai Noel / Velha Befana;	14. Mensagens pela internet;
4. Correntes;	15. Mensagens sentimentais em periódicos;
5. Epitáfios populares;	16. Mensagens místico-religiosas em locais do sagrado
6. Fórmulas de fiado;	17. Mensagens místico-religiosas fora de locais do sagrado;
7. Latrinália	18. Pedidos/agradecimentos em periódicos;
8. Mensagens em meios de hospedagem	19. Programas de eventos;
9. Mensagens em papel-moeda	20. “Testamento” e identificações populares;
10. Mensagens em plaquetas/souvenires;	21. Miscelânea
11. Mensagem utensílios de tecido;	

Fonte: PELLEGRINI FILHO, 2009, p. 82.

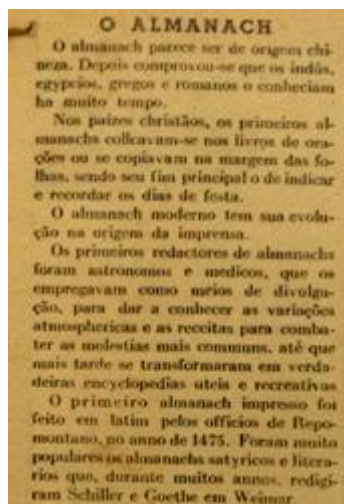
Segundo a classificação acima, os almanaques estão inseridos no contexto documental da informação e comunicação escrita popular e fazem parte da classe 2 – brochuras populares, que agrupa documentos em papel com textos impressos ou manuscritos. Segundo a descrição da classe, tanto os almanaques quanto os folhetos populares incluem diversos temas.

3.3 ALMANAQUES

A etimologia da palavra almanaque possui várias origens. Marteleto, Guimarães e Nóbrega sintetizam a origem do termo afirmando que “a provável origem etimológica do termo remonta ao grego *almenikhiaká*, estando sempre ligado ao interesse pela astrologia; em latim medieval registra-se *almanac*, que deriva do árabe *al-manah*, ‘o calendário’” (2011, p. 91).

O aparecimento do almanaque é anterior, porém eles se expandiram após a invenção da imprensa. Segundo Leite (2016) os almanaques foram trazidos do Oriente para o Ocidente, oriundos dos calendários, no final da Idade Média.

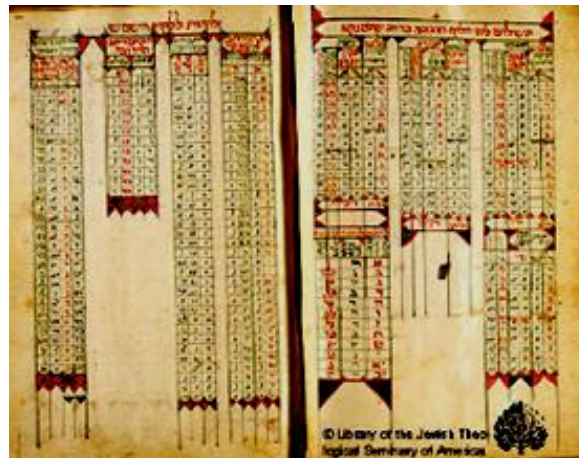
FIGURA 02 – Texto no Almanach A Saúde da Mulher sobre a origem do Almanaque



Fonte: Almanach A Saúde da Mulher, 1938, p. 11.

Segundo Jacques Le Goff (1990), no ano de 1464, na Europa, circulou o Almanaque da Corporação dos Barbeiros, e, em 1471, o Almanaque Anual e o *Le Grand Calendrier Compost dês Bergers* que foi o mais importante e popular almanaque francês. O primeiro almanaque em Portugal data de 1496: *Almanach Perpetuum* de Abraão Zacuto.

FIGURA 03 - *Almanach Perpetuum* de Abraão Zacuto, 1496



Fonte: LEITE, 2016.

Os primeiros redatores dos almanaques foram astrólogos e médicos. Quando surgiram, eram usados, principalmente, para tomar conhecimento sobre feriados, dias de festas, ciclo lunar e solar e em seu conteúdo “traziam indicações astronômicas, predições relativas às mudanças de tempo, temperatura e acontecimentos políticos, ao lado de conselhos higiênicos, receitas de medicina popular e notícias sobre uma vastidão de assuntos” (CASA NOVA, 1996, p. 18) É um livro popular por excelência e desde seu surgimento foi utilizado como veículo de divulgação científica, literária e publicitária.

O calendário geralmente está presente nos almanaques, inclusive como dito anteriormente, na etimologia da palavra. Para Casa Nova (1996, p. 30) calendário e almanaque são palavras sinônimas. A história de ambos está entrelaçada. Contudo, o almanaque acabou por tornar-se mais abrangente, pois além de abarcar o calendário, possui caráter informativo. A história deve ser rememorada e para tanto, deve ser registrada. Para a autora (1996, p. 32), a origem do calendário nos almanaques, parece ter relação com o *parapegma* dos gregos, ou seja, uma espécie de agenda que indicava os dias favoráveis e desfavoráveis à agricultura, fenômenos naturais e calendário meteorológico. Outra origem possível segundo a autora seria relacionada à *paragmeta* – superfície plana, onde eram expostos os calendários civis (vida exterior da comunidade e da família) e o natural (usado em relação ao trabalho).

Marteletto, Guimarães e Nóbrega (2011, p. 92) abordam a proximidade do almanaque com o calendário, afirmando que o almanaque nasce marcado pela organização ligada ao tempo e, por isso, pode ser considerado uma extensão do calendário, pois este precisava conter mais informações.

O almanaque está relacionado à astrologia em sua raiz etimológica, como visto anteriormente. Desde seu surgimento os almanaques veicularam o saber astrológico. A seção do almanaque voltada para a astrologia – o horóscopo – é uma forma de controle do tempo simbólica, isto é, controla o tempo por meio de profecias e predições. Os astros influenciam a vida na terra de várias formas, como por exemplo, as condições climáticas, a influência da lua até as tentativas de conhecer o futuro. Vale ressaltar que uma das funções do horóscopo no almanaque é de entretenimento (CASA NOVA, 1996).

Otlet desenvolve uma descrição sobre o Almanaque, a partir do fragmento 241.334 *Almanach. Calendrier* (1934), onde este foi representado, como documento bibliográfico. Para Otlet, o almanaque é uma obra que contém além do calendário, informações astronômicas e às vezes predições sobre o tempo. O autor afirma também que o almanaque é, geralmente, uma obra popular (OTLET, 1934). Portanto, em sua descrição, Otlet ressaltou o caráter popular do almanaque, contudo, o classificou na dentro da categoria de Anuários.

Pellegrini Filho traz um conceito ressaltando o calendário, as ilustrações e os diversos assuntos contidos nos almanaques e características em relação ao formato e aspectos físicos. Segundo o autor “os almanaques são publicações anuais – às vezes com origens antigas – que trazem o calendário do ano entrante, com datas de maior interesse e ilustrações, além de textos sobre assuntos diversificados” (2009, p. 152). O autor destaca alguns temas recorrentes nos almanaques analisados em sua pesquisa: clima, agricultura, história, fenômenos celestes, horóscopo, humorismo, gastronomia, narrativas, curiosidades, entre outros.

O conceito trazido por Ceia (2015) no e-Dicionário de termos literários, traz o almanaque como uma publicação anual generalista. O autor aborda a informação contida no almanaque, que segundo ele tem caráter enciclopédico, isto é, informação ‘útil’. Fala também da grande variedade editorial dos almanaques, pois é utilizado em áreas específicas como astronomia, meteorologia, agricultura, gastronomia, entre outros.

Chartier (1999) denomina o almanaque como “livro dos livros”. Para o autor, “o almanaque é um livro destinado a todos e que todos, mesmo os menos letrados ou analfabetos, podem ‘ler’” (1999, p. 09). Chartier afirma que o almanaque pode ser ao mesmo tempo útil e prazeroso, tradicional e esclarecido.

Portanto, almanaques são documentos de informação e de comunicação da cultura popular, abrangendo diferentes saberes e formas de escrita, tais como ciência, literatura, poesia, história, religião, crendices populares, etc. Se expandem com a invenção da imprensa e se disseminam por toda a Europa. Foram mudando ao longo do tempo, de acordo com seus ambientes culturais e sociais, mas nunca deixaram de ser um manual prático de informação que

reúne o conhecimento científico e técnico, a literatura, a poesia, a religiosidade, a arte, as crendices e saberes populares. Podem assim ser chamados de ‘enciclopédias populares’.

Ao longo do tempo, segundo Park (1999), o que marca a relação dos almanaques com a sua época são as mudanças tipográficas e não os temas, mantidos praticamente os mesmos desde o século XVII. São eles, principalmente: tempo, previsão, eclipses, fases da lua, calendários, festas religiosas, signos astrológicos, anedotas, fábulas, contos, conselhos para viver bem, fatos estranhos e admiráveis da natureza (inundações e tremores de terra, por exemplo), saúde, conselhos culinários, provérbios, história (PARK, 1999). Agricultura também é um assunto recorrente nos almanaques. Esses temas mantiveram a função do almanaque como fonte de informação útil até a atualidade.

Nos séculos XVI e XVII, com a grande expansão e circulação dos livros impressos, os almanaques começaram a circular de forma ampla na Europa. Geralmente tinham o padrão de oito páginas, com ilustração e papel de baixa qualidade. Como vimos anteriormente, o uso de materiais mais baratos para a publicação foi um facilitador do aumento da circulação dos livros impressos. Os formatos também variam ao longo do tempo. De acordo com Pellegrini Filho (2009, p. 152), os tamanhos podem ser entre 10,5x15 cm e 17x23,5 cm e outros maiores. A capa costuma ser em cartão, impressa em cores; e o miolo pode ser impresso apenas em preto ou em cores.

A partir do século XVIII, de acordo com Leite (2016), os almanaques passaram ter uma nova apresentação, com mais páginas e conteúdo diverso, além de se voltarem à propaganda e à instrução, tornando-se assim, publicações mais elaboradas. Os almanaques do século XVIII podem ser considerados os precursores da revista moderna. Segundo Casa Nova (1996), a Revolução Francesa influenciou e alterou os almanaques com alegorias e símbolos revolucionários como liberdade, igualdade, justiça e lei, etc. No século XIX os almanaques continuaram a surgir. Apareceram outras especificações editoriais, tais como os almanaques cômicos, proféticos, pitorescos e astronômicos.

Segundo a autora, os almanaques mais conhecidos em sua história são o “*Le Grand Calendrier Compost des Berges* (século XV), *Le Messenger Boiteux*, de Strasbourg (século XVII), e o *Poor Richard’s Almanak* (século XVIII), publicado por Benjamim Franklin, e o Almanaque das Musas.” (CASA NOVA, 1996, p. 18).

FIGURA 04 - *Le Grand Calendrier Compost des Berges*, de 1471



Fonte: LEITE, 2016.

Uma das características mais marcantes do almanaque é de ser um instrumento de registro e perpetuação de memórias. Marteleto, Guimarães e Nóbrega afirmam que o almanaque é um “[...] suporte para comportar um texto que pretende retratar as resistências do cotidiano comunitário que não apaga de seus modos de fazer, ser e conviver, uma memória de saberes acumulados.” (2011, p. 83). Os conteúdos de história no almanaque mantêm os acontecimentos históricos presentes na memória popular. Esses acontecimentos são transmitidos geralmente por meio de narrativas. A escrita narrativa é comumente encontrada nos almanaques, como dito anteriormente. As narrativas são oriundas da tradição oral que por muitos séculos foi o meio de transmissão de conhecimentos para as gerações futuras. Para Pomian (2000, p. 509) a “[...] arte da memória é uma arte da linguagem”. Por meio da memória, pode-se conservar as narrativas e permitir que o indivíduo se torne um depositário de recordações e, conseqüentemente, possa transmitir essas recordações aos seus descendentes.

Crippa afirma que o comportamento narrativo se revela como um “ato mnemônico fundamental, pois exerce a função social de transmitir, comunicar informação na ausência do objeto narrado e na falta de uma opção escrita.” (2010, p. 82). O ato de narrar é uma forma de transmissão de vestígios do passado, que podem ser transmitidos pelo narrador por meio de relatos e por escritos, desenhos, quadros e esculturas, entre outros.

Segundo Pomian, a memória é a capacidade de repetir comportamentos repetidos e ressuscitar as impressões ou sentimentos vividos anteriormente. Por meio da memória somos capazes de descrever os seres, objetos e acontecimentos do passado. A memória é “[...] o que permite a um ser vivo remontar no tempo, relacionar-se, sempre se mantendo no presente, com o passado: conforme os casos, exclusivamente com o seu passado, com o da espécie,

com o dos outros indivíduos” (POMIAN, 2000, p. 508). Por meio da memória, portanto, pode-se conservar o passado para rememoração das gerações futuras e pode ser transmitida por narrativas orais e/ou escritas. Com o surgimento da escrita, aumenta-se a capacidade de armazenamento de informações, e, conseqüentemente, de memória. A passagem da cultura oral para a escrita possibilitou que a memória fosse conservada, visto que solucionou os danos que a morte do portador da memória causava com a perda de informações e aumentou a quantidade de informação armazenada (CRIPPA, 2010, p. 83).

A experiência social é registrada no almanaque por meio da narração, sendo o almanaque, portanto, um suporte propício para o registro de experiências e memórias. Vale ressaltar que, segundo Pomian, as narrações são baseadas em reconstruções do passado a partir da memória individual e coletiva além de documentos e monumentos (fósseis) que representam recordações materializadas coletivamente e, por isso, podem ser indiretas, imperfeitas e incertas (2000, p. 509). Segundo o autor, “a memória coletiva era constituída por uma sucessão de memórias individuais, cada uma delas recebendo as recordações das outras e conservando-as como suas”. Ferreira (2001) afirma que o almanaque traz por um lado a fragmentação, por outro a memória reativada e que a concepção de almanaque recupera práticas e saberes dos mais antigos aos mais imediatos.

Em síntese, pode-se inferir que as memórias transmitidas de geração para geração pela figura do narrador são carregadas de subjetividades e interpretações, e, por isso, podem ser incertas, sendo vestígios do passado. Portanto, os fatos originários foram sendo modificados, reconstruídos e reinterpretados ao longo dos anos, sendo a memória perpetuada intersubjetivamente e o almanaque um meio cultural popular de conservação da história.

Outra característica do almanaque é que ele mistura assuntos do cotidiano, da natureza, do imaginário social com textos de cientistas, autores, poetas ou jornalistas. Para Alves e Molin (2012), o almanaque abarca os saberes do senso comum e do conhecimento erudito. Segundo Casa Nova (1996, p. 61), o conhecimento científico e técnico ou a ciência no almanaque, tem objetivo de instruir, de educar o indivíduo.

Na autoria de textos e nos procedimentos editoriais destaca-se a presença de autores, cientistas, historiadores e de jornalistas, como uma tradição nos almanaques. Em Portugal e no Brasil destaca-se a presença de alguns autores como Eça de Queiroz, Ariano Suassuna e Machado de Assis como colaboradores na escrita de contos sobre e para almanaques. Para Marteleto, Guimarães e Nóbrega, “almanaques reúnem uma mistura de diferentes saberes utilizados para informar e contar histórias. Embora tidos pelo senso comum como instrumento

popular, podem conter, por definição, textos de cientistas, escritores e intelectuais de um modo geral.” (2011, p. 91).

Devido ao fato de trazer uma variada gama de assuntos e utilizar uma linguagem de fácil compreensão, os almanaques possuem grande interação com o leitor. Segundo Marteleto, Guimarães e Nóbrega (2011), o almanaque estabelece uma conversa com o leitor. Sua escrita é narrativa e conversacional. A forma de escrita do almanaque remete ao hipertexto: “modelo rizomático de organização, produção e leitura das informações [...] um hipertexto popular que remete tanto à informação enciclopédica ou especializada quanto às tradições e às narrativas populares” (2011, p. 84).

O almanaque é secularmente utilizado como fonte de informação, tanto em sua dimensão utilitária (informação útil) quanto simbólica, tanto para buscar informações a fim de obter destreza técnica para lidar com coisas do dia a dia e com a grande gama de informação em fluxo na sociedade gerada pela ciência, quanto para alimentar o imaginário e alegrar a vida, alimentar suas reservas simbólicas (MARTELETO; NÓBREGA, 2006). Portanto, o almanaque é uma fonte de informação nas dimensões técnicas e simbólicas, tornando-se um documento de informação útil, que provoca o diálogo e a reflexão.

O almanaque, dentro da classificação adotada por este estudo, é um dos documentos que compõem o espectro documentário da comunicação popular escrita. Vale ressaltar que, o almanaque é um documento de caráter popular não porque tem autoria popular, e sim, porque é dirigido ao popular. É produzido por editores, autores, jornalistas, entre outras pessoas letradas, que incorporam ao almanaque elementos da cultura popular.

3.4 ALMANAQUE COMO DOCUMENTO

Paul Otlet publicou em 1934 o *Traité de Documentation*, onde o autor trata enciclopedicamente sobre inúmeras noções, dentre elas a noção de documento como suporte de dados, receptáculo de ideias ou simplesmente como meio de registro e transmissão do pensamento. Para Otlet (1934, p. 9-12) livros e documentos são sinônimos – “*Livre (Biblion ou Document ou Gramme) en leur donnant par convention une signification équivalente: 1º biblion, 2º grapho (grammata gramme), 3º liber, 4º documentum.*” Documento, para o autor seriam os manuscritos, impressos, registros memorialísticos de toda espécie que, em número de milhões, têm sido feitos ou publicados em forma de volumes, periódicos, publicações de arte – constituem em seu conjunto a memória materializada da humanidade, armazenando os fatos, as ideias, as ações, sentimentos, sonhos, ou seja, aquilo que tem “impressionado” a razão do ho-

mem. Portanto, os documentos podem ser considerados, de acordo com Otlet, como instrumentos de pesquisa, de cultura, de ensino, de informação e de entretenimento, além de meio de transporte de ideias.

*Ils sont à la fois le réceptacle et le moyen de transport des idées [...] La définition la plus générale qu'on puisse donner du Livre et du Document est celle-ci: **un support d'une certaine matière et dimension**, éventuellement d'un certain pliage ou enroulement sur lequel sont **portés des signes représentatifs de certaines données intellectuelles** (OTLET, 1934, p. 43, grifo nosso).*

Suzanne Briet foi uma das continuadoras do pensamento de Otlet por meio da obra *Qu'est-ce que la documentation?* publicada em 1951. Para a autora o documento é todo signo indicial (*ou índice*) concreto ou simbólico, preservado ou registrado para fins de representação, de reconstituição ou de prova de um fenômeno físico ou intelectual. A noção de documento em Briet é fruto de uma produção documentária a respeito de uma evidência físico-cognitiva, ou seja, o documento nasce de uma operação cultural sob uma base de conhecimento material fixado. Em síntese, o “documento seria a prova em apoio de um fato” (BRIET, 1951, p. 09).

Jean Meyriat é um dos continuadores dos estudos sobre o documento na França. Em seu artigo *Document, documentation, documentologie* (1981), afirma que o “documento pode ser definido como um objeto que suporta a informação, que serve para comunicar, e que é durável” (1981). A noção de documento é caracterizada por dois aspectos indissociáveis: a natureza material que seria o objeto/suporte e a natureza conceitual que seria a informação. Para o autor, toda mensagem possui uma significação, isto é, tem que ser levado em consideração o significado da mensagem que o documento transporta, antes mesmo da função de transmissão que este comporta.

Meyriat trata sobre como um objeto pode tornar-se um documento, ressaltando que a vontade do emissor não é suficiente para metamorfosear um objeto num documento. Ou seja, a lógica do documento é uma lógica da recepção, o indivíduo que busca a informação num objeto é que atribui a este objeto o caráter de documento – documento por atribuição. Como exemplo, o autor diz que um jornal cotidiano é feito para servir de suporte e para transmitir informações, mas se o comprador o usar para embrulhar legumes, o jornal não é mais um suporte de informação. Ou seja, o documento foi retirado de sua função originária e designado para outra função, ganhando outra utilidade, não mais a de um suporte de informação. Contudo, se o comprador utilizar o jornal como fonte de informação, este será novamente realocado em seu posto de documento. Enfim, o que delimita e demarca um objeto enquanto documento é o uso.

Em síntese, o documento, segundo Meyriat, possui duas condições de estabelecimento ou definição: a primeira é o objeto produzido ou não com intenção de ser documento (documento por intenção), e a segunda é o objeto que pode funcionar como documento, a partir dos usos sociais que determinam a função deste como documento (documento por atribuição).

Com essa abrangência de sentidos que podem ser atribuídos aos objetos, Meyriat afirma que a capacidade informativa de um documento não é esgotada pelos usos de informações já realizados. Assim, para Meyriat (1981, p. 54), “o documento não surge como tal, *a priori*, mas como o produto de uma vontade, aquela de informar ou se informar, a segunda ao menos sendo sempre necessária”. Portanto, a noção de uso é fundamental. O autor sintetiza sua teoria dizendo que o “usuário faz o documento”. Em suma, pode-se inferir que, para Meyriat, não é a função atribuída ao objeto quando da sua criação que lhe dá caráter de documento, este é indicado pelo uso ou pelos usos que afetam o documento, delimitando-o como tal.

Neste estudo o almanaque enquanto documento de informação e comunicação popular está inserido no contexto de uma coleção; seu valor e relevância documental-informacional foram analisados sob a perspectiva multidimensional do uso que foi atribuído (documento por atribuição) a ele pela rede familiar de leitores/usuários em torno da coleção.

3.5 ALMANAQUES DE FARMÁCIA NO BRASIL

Em relação à chegada dos almanaques no Brasil, estes foram trazidos pelos portugueses durante a colonização. Segundo Leite (2016) os almanaques chegaram ao Brasil por meio de importações contrabandeadas da Europa, devido ao fato da Coroa Portuguesa ter proibido a circulação de periódicos na Colônia. A Imprensa Nacional surge após a chegada da Família Real Portuguesa ao Brasil em 1808. A partir daí surgem os primeiros periódicos e tipografias nacionais.

O primeiro almanaque brasileiro foi o Almanach para a cidade da Bahia, publicado em 1812 pela Tipografia de Manoel Antônio da Silva Serva (1761- 1819). De acordo com Leite (2016) este primeiro almanaque impresso no Brasil seguiu o modelo europeu, ou seja, permaneceu com a função de calendário, informando os feriados e dias comemorativos. O segundo almanaque publicado no Brasil foi o Almanach do Rio de Janeiro, em 1816.

Para Melo (1973), o fator que propiciou a popularidade dos almanaques no Brasil foi a grande taxa de analfabetismo durante o período colonial. O fato dos almanaques serem repletos de imagens com pequenos textos pode ter contribuído para o seu sucesso editorial, nos

quais as ilustrações tinham um caráter atrativo, devido ao grande número de analfabetos à época.

Ferreira destaca o fator econômico como propiciador do êxito dos almanaques no país. Segundo a autora, “eram utilizados papéis de baixa qualidade assim como um grande número de anúncios que custeavam parte significativa dos custos com a produção” (FERREIRA, 2001, p. 13). Esses fatores econômicos tornaram possível que os almanaques fossem distribuídos, geralmente, de forma gratuita. Como ocorria, por exemplo, com os Almanques de Farmácia, que eram distribuídos gratuitamente ou vendidos com valores acessíveis às camadas populares. Por esse motivo, os almanaques de farmácia ganharam maior popularidade no país.

Segundo Le Goff (1990, p. 518) “a literatura popular de divulgação acolhe e difunde os almanaques. Ilustrado com signos, figuras, imagens, o almanaque dirige-se aos analfabetos e a quem pouco lê”. Diante da sua representatividade e características, o almanaque assume funções de destaque para a população, dentre elas a difusão de informações básicas sobre trabalho, saúde, ciência, história, cultura, comércio, astrologia e literatura, sobretudo para as camadas mais populares. Ao longo dos anos os almanaques foram se transformando de acordo com os interesses, gostos e necessidades dos leitores. Com isso, o almanaque passou a aumentar o número de suas seções e buscava cada vez mais, ser um instrumento de informação útil para a vida cotidiana.

Nesse contexto, surgem os almanaques de farmácia. No século XIX, havia em Portugal, os almanaques *Apiol* dos Drs. Joret e Homnole e o *Leptandrine Royer* (PARK, 1999). No Brasil, este gênero de almanaque tornou-se muito popular, tornando-se uma fonte de informação privilegiada, tanto no meio rural quanto urbano, sobretudo nas primeiras décadas do século XX. Destacam-se os almanaques Saúde d’Mulher, Bromil, Capivarol e, principalmente, o Biotônico Fontoura.

Em meados do século XIX, os anúncios de fabricantes de remédios passaram a ser mais recorrentes no Brasil. Em 1887, segundo Park (1999, p. 74) surge ‘O Pharol da Medicina’, que circulou gratuitamente de 1887 até a década de 1940, fazendo propaganda dos produtos da Casa Granado. O Pharol trazia pequenos textos, anedotas, calendários com os nomes de Santos, tábuas de câmbio, charadas, carta de leitores curados, informações sobre doenças, propagandas de médicos, atestados escritos por médicos que haviam curado seus pacientes com medicamentos da casa. De acordo com Casa Nova (1996, p. 22), O Pharol de Medicina seria uma espécie de almanaque tido como modelo inicial para os almanaques de farmácia que apareceriam posteriormente. Nesse contexto, surge uma nova função para o almanaque – a divulgação de anúncios, publicidade de produtos nacionais e estrangeiros.

Segundo Park (1990), os editores/compiladores de almanaques utilizavam a estratégia de subscrever seus autores como professores, matemáticos visando obter mais prestígio. Ou seja, o almanaque, que sempre fora relacionado ao humor, passou a transmitir mais seriedade por meio da inserção de conteúdos científicos. No caso dos almanaques de farmácia, a presença de orientações dos médicos e descobertas de novos medicamentos garantia a credibilidade do gênero.

Corroborando essa afirmação, Gomes afirma que as palavras de médicos, artistas populares e representantes da Igreja católica possuíam considerável força de persuasão e compartilhavam estrategicamente os espaços publicitários nos almanaques. “Reforçando as manifestações espontâneas do usuário comum, o prestígio e a credibilidade dessas fontes exerceriam influência decisiva no ato da escolha” (GOMES, 2006, p. 1011).

De acordo com Casa Nova (1996, p. 24), a forma do almanaque de farmácia era intencionalmente popular, com no máximo 35 páginas e formato 18,3cm x 13,4cm. Com isso, os exemplares tinham maior portabilidade, sendo distribuídos em lojas e farmácias. Segundo a autora, essa facilidade de acesso aos almanaques facilitou sua expansão pelo interior do país, “interessando, sobretudo ao homem do campo e sua família, carente de informação, que, no início de cada ano, o procurava nas farmácias, para se informar e se distrair, como se fosse um livro, objeto de difícil acesso para a maioria” (CASA NOVA, 1996, p. 24). O almanaque trazia em seu escopo, conselhos e propagandas de medicamentos que prometiam melhorar a saúde da população. Médicos e pacientes davam testemunho de curas de doenças por meio do medicamento veiculado no almanaque.

No início do século XX, o almanaque de farmácia passou a ter mais publicidade e material ilustrativo. De acordo com Casa Nova (1996, p. 24-25) o laboratório Bayer trouxe uma nova publicidade de almanaque, onde estes passaram a ter mais espaço e aprenderam a direcionar seus discursos a partir de temas persuasivos com o objetivo de promover as vendas. Segundo Park, (1999, p. 79) o almanaque Iza do Laboratório Kraemer, é editado no Brasil em 1912 e possui grande relevância entre os almanaques de farmácia, pois era voltado para questões de saúde e tinha o papel de informar e instruir.

A presença de autores também foi marcante nos almanaques de farmácia no Brasil. Poetas como Olavo Bilac e Raimundo Correia tiveram participação na produção de textos do almanaque Saúde da Mulher. Segundo Gomes (2006, p. 1011) “quanto mais bem produzido o almanaque, maiores as suas possibilidades de aceitação e de retorno público. Investir na colaboração de escritores, poetas, humoristas e ilustradores de destaque resultou em momentos de alto nível de comunicação escrita e ilustrada”. Monteiro Lobato foi um dos criadores do al-

manaque do Biotônico Fontoura e participava dos exemplares como escritor e como utilizador do Biotônico, onde aparecia dando depoimento sobre as melhorias em sua saúde obtidas por meio do medicamento. Segundo Gomes (2006, p. 1013), ele “foi o intelectual mais importante para a história da propaganda nos almanaques de farmácia”.

Para Gomes, autores de renome estiveram a serviço dos laboratórios farmacêuticos de maior porte, elaborando textos diretos e convencionais, mas também textos que exploravam com criatividade as crônicas e contos e que construía enredos e personagens - como o caso do Jeca Tatu – com o objetivo de alavancar as vendas. “A linguagem nos anúncios dos almanaques percorria do mau gosto intimidativo e cru a mais refinada e sutil prosa aliciante” (GOMES, 2006, p. 1009). Segundo o autor, por meio destes textos, eram abordados temas polêmicos para a época, como o divórcio, além de utilizar a estratégia publicitária do “antes e o depois” para incitar o uso dos produtos de saúde, higiene e beleza.

O exemplar do Almanaque Andorinha de 1936 traz editorial com texto falando sobre a utilidade do almanaque. No texto o almanaque é apresentado como algo útil, sintético e atraente. Útil porque seu *leitmotiv* seria a propaganda de produtos, sintético devido ao dinamismo da época em que foi escrito, onde vê-se a necessidade de se ter informações mais precisas para o leitor e atraente devido à grande variedade de assuntos novos e exóticos, de curiosidades e humor.

FIGURA 05 – Recorte do editorial ‘Salve 1936’ do Almanaque Andorinha



Fonte: Almanaque Andorinha, 1936.

Meyer aborda o caráter educacional do almanaque de farmácia ao afirmar que este “desempenhou grande papel político e pedagógico no Brasil” (2001, p. 127). Para a autora, lazer e utilidade são características dos almanaques de farmácia enquanto leitura popular, que ensina por meio de brincadeiras, adultos e crianças. A autora afirma que o almanaque de far-

mácia utiliza como estratégia para a inserção do anúncio a ser vendido, uma aproximação amigável com o leitor, onde sua leitura exaltaria a esperança de um ano renovado com prosperidade e saúde (2001, p. 129). Segundo Gomes, estes almanaques foram adotados e adaptados pela população, transcendendo o caráter panfletário, instalando-se como hábito de leitura. (2006, p. 1008)

Casa Nova afirma que a escrita do almanaque tem um teor ideológico. Para a autora a função primordial da ideologia é “assegurar a coesão na sociedade, e, sobretudo, garantir a dominação de uma classe – a burguesa.” (1996, p. 13). Isto é, a ideologia categoriza as condições de existência estabelecendo papéis dentro do sistema de relações de produção. Sendo assim, devido à recepção do almanaque junto às camadas mais populares da população e seu papel pedagógico, este se torna um objeto propício para a manutenção do sistema de relações de poder e de produção. A autora afirma que por meio do discurso ideológico, o almanaque de farmácia conta, computa e modeliza a partir de signos, o sistema de representações que é capaz de “inspirar atitudes concretas, orientando gestos e ações, inscritas nas regras de conduta, nas marcas do tempo controlado, nos conselhos, na Pedagogia geral, até mesmo no destino traçado pela Astrologia (horóscopo)” (CASA NOVA, 1996, p. 13).

Ainda sobre o discurso ideológico, no almanaque estão contidas figuras de santos e heróis como representações que a sociedade civil, o Estado, impõem como memória, como história. Essas figuras alcançam uma espécie de imortalidade no meio da sociedade por meio do calendário. O fato histórico sempre lembrado a cada ano no almanaque torna-se marco e relaciona-se com o tempo. Este recebe continuamente significações, e, com isso, perpetuam-se e perpetuam, na mentalidade popular, a consciência cívica. Segundo a autora, tendo por característica a repetição, “o almanaque reproduz estruturas tradicionais de geração em geração, sem variações significativas. E essa repetição está na origem do ritual do calendário, esse conjunto significativo que ordena o mundo, ordenando o tempo” (CASA NOVA, 1996, p. 58-59).

Ricoeur (2007) afirma que a memória manipulada é utilizada pelos detentores do poder e que a ideologização da memória se torna possível por meio da variação de recursos oferecidos pelas narrativas. É na função seletiva da narrativa que a manipulação encontra estratégias, tanto de esquecimento quando de rememoração.

O leitor do almanaque, tal como um indivíduo-cidadão, tem seus desejos de eternidade, de rememoração realizados por meio do registro dos feitos de personagens ‘heróis’ e de cientistas, que devem ser exaltados e seguidos como exemplos de conduta. Percebe-se, portanto, um direcionamento da conduta do cidadão/consumidor, por meio de uma memória manipulada, ideológica, para maior conformação do cidadão com os preceitos do Estado e, con-

sequentemente, dos detentores do poder. Ou seja, os meios de controle são exercidos pelo poder (Estado e seus meios regulatórios) e pelo mercado (indústrias farmacêuticas que produzem os almanaques de farmácia, por exemplo). Mais que rememorar o passado, os almanaques podem influenciar as condutas dos cidadãos/leitores/consumidores, como os almanaques de farmácia, que influenciam o comportamento dos leitores para compra dos medicamentos anunciados, com a promessa de mudança de um estado estigmatizado de doença, para um modelo ideal de saúde e beleza.

3.6 ALMANAQUE EM COLEÇÃO

A comunicação escrita permitiu ao homem registrar suas memórias e história para a posteridade. Para tanto, muitos suportes materiais foram usados e guardados para que as futuras gerações pudessem conhecer seu passado. Segundo Le Goff, a memória coletiva é representada em dois tipos de materiais: os documentos (escolha do historiador) e os monumentos (herança do passado), onde “o monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação, por exemplo, os atos escritos” (1990, p. 535). Para o autor, o monumento liga-se ao poder de perpetuação seja voluntária ou não das sociedades, sendo um legado à memória coletiva. Le Goff traz o conceito de documento/monumento afirmando que “só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa” (LE GOFF, 1990, p. 546).

O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento [...] que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias (LE GOFF, 1990, p. 548, 549).

A necessidade de se guardar vestígios do passado leva ao ser humano a ser um colecionador de memórias. Os vestígios e relíquias que, segundo Pomian (2000, p. 508) podem ser qualquer objeto inanimado, são transmitidos de indivíduo para indivíduo, de geração para geração, criando uma memória coletiva e transgeracional, enquanto a coleção refere-se a correlações objetivas da memória humana que é uma memória coletiva. Para o autor, coleção é um “conjunto de objectos naturais ou artificiais, mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das actividades económicas, sujeitos a uma protecção especial num local fechado preparado para esse fim, e expostos ao olhar do público” (1997, p. 53). Para o autor qualquer

objeto, conhecido pelo homem, pode fazer parte de coleções de museus ou coleções particulares.

Segundo Baudrillard (2004), no momento que o objeto é abstraído de sua função, passa a relacionar-se diretamente com o indivíduo que o escolheu e recolheu, ou seja, ele deixa de ser um objeto utilitário para tornar-se um objeto de coleção. Moreira (2012) afirma que uma coleção é iniciada no momento da extração, onde o indivíduo destaca um objeto do seu contexto para fazer parte de outro conjunto. Assim o objeto é desvinculado, desligado de tudo o que o cerca. Para Salgueiro, coleção é “um conjunto coeso de objetos com valor pessoal, um conjunto de coisas escolhidas e guardadas pela mesma razão” (SALGUEIRO, 2017, p. 15).

Quando se expõem os objetos de uma coleção, espera-se que estes liguem o passado ao presente. Ao visualizar os objetos, os indivíduos poderão fazer comparações com outros objetos similares que estão presentes no seu dia-a-dia. Com isso, pode-se perceber a história desses objetos ao longo dos anos, apreciar tais objetos como testemunhas do seu tempo suscitando a recordação. Portanto, o objeto de uma coleção estabelece uma conexão com o passado.

Cada coleção, para Blom (2003), é um “teatro da memória” onde são dramatizados os passados pessoais e coletivos, onde os objetos evocam lembranças seja de vida ou de morte. Essas lembranças suscitadas pela coleção preenchem o vazio de algo que só se tem acesso por meio da recordação. O autor afirma que uma coleção “é mais do que uma presença simbólica: é uma transubstanciação. O mundo além do que podemos focar está dentro de nós e através delas, e por intermédio da comunhão com a coleção é possível comungar com ele e se tornar parte dele” (BLOM, 2003, p. 219).

Benjamin (1987) em seu texto ‘Desempacotando minha biblioteca: um discurso sobre o colecionador’ narra sua experiência de colecionador de livros e sua paixão pelo ato de colecionar. Fala do processo de colecionar como recordações que vão de encontro ao colecionador, associando o ato de colecionar com as lembranças. Durante o desempacotamento dos seus livros, Benjamin exemplifica como essas recordações são suscitadas pelos livros colecionados, relatando que diversas imagens, lembranças afloraram nele enquanto manuseava as caixas de livros. Lembranças das cidades onde ele achou tantas coisas, salas luxuosas das cidades, lugares onde os seus livros ficavam, dos seus quartos antigos, trazendo também sensações passadas como a solidão sentida na juventude. Para o autor, o ato de colecionar seria “[...] apenas um dique contra a maré de recordações que chega rolando na direção de todo colecionador ocupado com o que é seu. De fato, toda paixão confina como um caos, mas a de colecionar com o das lembranças” (BENJAMIN, 1987, p. 227, 228).

Para Benjamin, a existência do colecionador está sujeita a muitas diversidades, dentre elas a relação com as coisas que não põe em destaque seu valor funcional ou utilitário, “mas que as estuda e as ama como o palco, como o cenário de seu destino” (BENJAMIN, 1987, p. 228). O autor aborda a diversidade de objetos que podem compor uma biblioteca, uma coleção:

Não há nenhuma biblioteca viva que não abrigue, em forma de livro, um número de criaturas das regiões fronteiriças. Não precisam ser álbuns de colar ou de família, nem cadernos de autógrafos ou textos religiosos: muitas pessoas se afeiçoam a folhetos e prospectos, outras a fac-símiles de manuscritos ou cópias datilografadas de livros impossíveis de achar; e, com certeza, revistas podem compor as orlas prismáticas de uma biblioteca (BENJAMIN, 1987, p. 234).

Segundo Giovanaz (1999), os objetos e utensílios guardados numa coleção ou acervo de museu já não são avaliados por seu valor de utilidade, ou seja, seu uso faz parte do passado, seu objetivo é ser admirado e ordenado segundo uma lógica particular. Passam a ser protegidos da ação do tempo e preparados para que possam ser expostos. Para a autora, o mundo das coleções particulares e dos museus podem ser vistos como coleções distintas, porém ambas guardam uma variada amostra de objetos acumulados por pessoas ou por instituições públicas. A autora destaca que o desejo de acumular objetos preciosos, ou seja, que sejam significativos para si ou para o grupo no qual o indivíduo está inserido, e o prazer da propriedade são elementos que devem ser levados em consideração para entender as motivações para se formar uma coleção. “O fato de possuir uma coleção confere prestígio a quem possui, testemunha o gosto de quem a adquiriu, suas curiosidades intelectuais, sua riqueza, seu poder e sua generosidade, ou todas essas particularidades juntas” (GIOVANAZ, 1999, p. 164).

Salgueiro destaca que uma diferença fundamental entre uma coleção particular e uma coleção pública seria o fato da coleção pública ter uma identidade mais distante e fragmentada, não pertencendo realmente a ninguém, não com a proximidade e profundidade de uma coleção particular, coleção esta que pertence ao colecionador. Pode, assim, dizer-se que o colecionador é o centro da coleção – colecionador e coleção são extensões um do outro (SALGUEIRO, 2017, p. 23). Para Benjamin, a paixão do colecionador é que impulsiona o desenvolvimento da coleção:

Si las grandes colecciones son socialmente menos problemáticas, si científicamente pueden resultar más útiles que las privadas, también es verdad que se les escapa su posibilidad más grande. El coleccionista tiene en su pasión una varita mágica que le hace descubrir fuentes nuevas (BENJAMIN, 1989, p. 130).

Em coleção, o objeto pode, além de perder sua funcionalidade, perder seu valor de troca. Contudo, segundo Salgueiro (2017, p. 7) “a perda valor de troca de um objeto pode evoluir para um valor social, [...] ou para um valor emocional. Este valor emocional é dado por apenas uma pessoa e é o que conecta indivíduo a objeto”. Para a autora, o colecionador por manter objetos em sua posse por razões afetivas, mesmo que este objeto mantenha sua funcionalidade e valor de mercado.

Os seres-humanos estabelecem relações com os objetos, atribuindo-lhes valores de uso, de troca, sociais e afetivos, sendo que o valor social tem um caráter subjetivo e está ligado a características como importância histórica, o contexto científico ou a beleza do objeto, entre outros. Já o valor afetivo é aquele que se distingue dos demais, porque não é, nem necessita, ser aceito por toda a sociedade. O valor afetivo é determinado individualmente, determinado pelo colecionador (SALGUEIRO, 2017).

As pessoas se relacionam com os objetos e as coisas de formas diferentes. Num primeiro nível de forma direta, fazendo prevalecer o valor utilitário desses objetos. Num segundo nível, quando alguns objetos são feitos para agirem produzindo ou modificando outros objetos - como é o caso dos instrumentos e das ferramentas. Um terceiro nível é possível quando vínculos com objetos são estabelecidos por caminhos indiretos, por mediações simbólicas, seja pela linguagem ou por imagens. E, por último, num quarto nível, o caso da acumulação, ou seja, o ato de colecionar objetos com a finalidade de sua simples posse ou exibição (MURGUIA, 2009, p. 89).

Portanto, pode-se constatar que uma coleção pode ser formada dentro de uma concepção clássica, onde o objeto é retirado da sua função utilitária ou não, pois o objeto pode ser guardado e exposto e ainda exercer sua função para qual foi concebido. Os fatores que motivam a formação de uma coleção são subjetivos dependem do valor que o colecionador atribui ao objeto, dentre eles: o valor social e o valor afetivo.

As coleções particulares podem ser compostas por objetos que são fonte de uma ligação emocional e narrativa com o colecionador. Para Salgueiro (2017, p. 12), “uma necessidade de guardar e estimar um objeto pode ser o primeiro passo para que o objeto se torne parte de uma coleção”. Isto significa que o objeto é estimado antes de fazer parte da coleção, ou seja, é primeiro visto como um objeto de valor. Esse foi o princípio seguido pelo colecionador da coleção de almanaques estudada. O colecionador atribuiu valor de uso informacional ao almanaque e passou a guarda-lo como fonte de informação e conhecimento. Com o passar dos anos, esses almanaques tornaram-se uma coleção, pois consistiam em objetos com valor pessoal que foram guardados pela mesma finalidade (SALGUEIRO, 2017).

Levando em consideração os fatores, mencionados acima, que levam uma coleção a ser formada, constata-se que devido ao valor informacional atribuído aos almanaques da coleção particular estudada, esta possui uma característica que a diferencia de uma concepção clássica – ela foi e continua sendo utilizada. Isso significa que, a coleção de almanaques da família Carneiro Rezende, foi formada e se desenvolveu preservando a função utilitária original do almanaque como documento de informação.

Ao longo dos anos, após o falecimento do colecionador, a coleção foi herdada pela sua família passando de geração em geração e, com isso, passou a fazer parte de uma memória familiar, onde lhe foi atribuído valor afetivo. Benjamin afirma que a herança é a maneira mais comum de formar uma biblioteca (1987). A atitude de guardar o que é herdado gera um sentimento de responsabilidade do dono em relação à sua posse. Sendo assim, a transmissibilidade é o traço mais distintivo de uma coleção. Para um colecionador “a posse é a mais íntima relação que se pode ter com as coisas: não que elas estejam vivas dentro dele; é ele que vive dentro delas” (BENJAMIN, 1987, p. 235). Assim, o colecionador passa um pouco de si, de sua história por meio dos objetos que coleciona e que poderão ser transmitidos para outras pessoas. Os indivíduos que herdam a coleção podem atuar como guardadores ou podem assumir o papel de colecionadores, contribuindo para o desenvolvimento e ampliação da coleção.

Giovanaz afirma que “no caso das coleções particulares, acontece, por vezes, de se tornarem documentos para a reconstrução da biografia de seus possuidores” (1999, p. 164). Isto é, a escolha e a seleção de materiais efetuada pelo colecionador, contam a experiência vivida por ele durante o tempo que os acumulou.

Outra característica do ato de colecionar é que este é oriundo dos esquemas de classificação que as pessoas adquirem com o passar dos anos. A coleção pode ser organizada e classificada de várias formas, que vão desde o acúmulo até a ordenação simétrica. Dessa forma, a coleção pode ser estudada sob diferentes perspectivas e abordagens de diferentes campos do conhecimento. A Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia são campos do conhecimento que trabalham diretamente com coleções, buscando organizar, classificar, disseminar, preservar e expor os objetos/documentos que compõem as coleções.

Contudo, de acordo com Gomes, as poucas pesquisas desenvolvidas até o momento sobre o tema almanaque, são unânimes acerca das dificuldades em se estudar esse tipo de fonte, em virtude da inexistência de acervos em bibliotecas ou instituições de pesquisa. Por essa razão, as coleções particulares ganham uma dimensão essencial para o desenvolvimento de projetos que envolvem esses impressos (GOMES, 2006), como é o caso da coleção de alma-

naques objeto deste estudo. Por serem documentos populares de informação, os almanaques são desprestigiados pelos órgãos oficiais, que deveriam guardar essa memória. Os almanaques foram guardados por pessoas formando as coleções particulares, e, com isso, essa memória pôde ser preservada e estudada.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

O recorte escolhido para o estudo foi a coleção de almanaques da Família Carneiro Rezende. Em 1906, José Carneiro de Rezende adquire seu primeiro almanaque, um exemplar do Almanak do Dr. Richards e dá início à coleção. Toda a família possuía algum envolvimento com os almanaques, como leitores, catadores e guardadores. José Carneiro de Rezende e sua esposa Limiria Mendes Carneiro tiveram seis filhos: Mariana, Amélia, Maria, Clarice, João e Emidia Carneiro de Rezende.

Dentre os filhos do colecionador, Mariana era a que tinha uma participação mais proeminente, pois herdou a coleção de seus pais e a continuou adquirindo mais exemplares. Era casada com Coreolano Ignácio Carneiro, com quem teve dois filhos: João Ignácio Carneiro e Hilda Carneiro de Rezende. João Ignácio continuou a coleção adquirindo novos almanaques, como o Renascim Sadol. Era casado com Cidália Cândida Carneiro e com ela teve nove filhos: Hamilton, Maria Helena, Amélia, Almir, Cesar, João, Maria Amélia, Diva e Coreolano. Hilda herdou a coleção de almanaque do seu pai e passou para seu sobrinho Hamilton Carneiro.

Hamilton, atual guardador da coleção, nasceu em 1948 e reside atualmente na cidade de Goiânia. É formado em Letras Vernáculas pela Universidade Federal de Goiás. Iniciou sua trajetória na televisão em 1966 trabalhando como câmera, locutor, produtor e em quase todas as funções existentes na televisão até se tornar apresentador. Sempre teve grande interesse pela cultura popular, pela cultura do Cerrado, levando-o a apresentar o programa Frutos da Terra, que teve seu primeiro episódio exibido no dia 07 de julho de 1983 e está há mais de 30 anos no ar.

Hamilton é publicitário e faz campanhas políticas no estado de Goiás. Possui uma agência de publicidade, *Stylus* Consultoria e Propaganda, que já recebeu diversos prêmios por seus trabalhos e campanhas. Também é compositor. São de sua autoria grandes composições que já fazem parte do imaginário goiano e brasileiro, como “Colheita do Milho”, interpretada por Chitãozinho e Xororó e trilha do filme “Dois Filhos de Francisco”, “Jeito Goiano” e o tema de abertura de seu programa, a canção “Frutos da Terra”. Além da música, também escreve poesias. Com isso, é tido como uma das personalidades mais proeminentes e expressivas de Goiás.

O programa Frutos da Terra tem a pretensão de resgatar a identidade das principais manifestações da cultura popular começaram a perder sua identidade da zona rural goiana. Traz em seus episódios música, receitas culinárias e humor relacionados à cultura popular. A

proposta do programa é ser um ambiente onde os atores de muitos gêneros das artes possam desenvolver sua música, suas danças, suas festas religiosas, seus mutirões e tantas outras expressões marcantes dos costumes do cerrado. Dessa forma, Hamilton e os produtores do Frutos da Terra, se preocupam em evitar o esquecimento e até mesmo a perda desses valores. O programa permaneceu no ar por 32 anos, na TV Anhanguera e atualmente é exibido na TV Serra Dourada, onde ganhou mais espaço e mantém sua proposta de documentar e divulgar os legítimos valores da cultura popular. De acordo com os produtores (FRUTOS DA TERRA, 2016) os registros que são feitos no programa constituem um valioso documento da história brasileira com foco nos costumes, hábitos e sentimentos da gente brasileira, apreciados em sua bela diversidade de manifestações.

Hamilton é o atual dono da Fazenda do Britto e com isso, a fazenda, assim como a coleção, vem se mantendo na família por gerações, por mais de cem anos. “[...] essa fazenda que foi do meu bisavô hoje é minha. Eu fui comprando dos herdeiros e acabei juntando uma parte até maior do que ele deixou e adoro ir lá. Sempre que tenho tempo, eu vou. Às vezes fico até três meses sem ir, porque fica a 180 km, mas adoro ir” (CARNEIRO, Entrevista I, 2015).

Além de herdar a cultura de almanaques da sua família, Hamilton também herdou o gosto por desenvolver coleções como seu Bisavô. Ele formou uma coleção de diversos veículos de comunicação e cultura popular, como rádios antigos, gramofones, periódicos impressos, folhetos entre outros. Na entrevista (2017) Hamilton afirmou que o fato de ser publicitário e comunicador, o levou a formar essa coleção que conta a história dos meios de informação e comunicação do Brasil. Essa coleção é paralela à coleção de almanaques, pois mesmo sendo o almanaque um veículo histórico de comunicação, a coleção de almanaques foi formada por sua família, servindo como fonte de informação histórica e cultural para seu trabalho de comunicador e inspiração para que se tornasse um colecionador. Sobre essa inspiração familiar, Salgueiro afirma que “coleccionar pode ser uma forma de reunir objetos que guardam memórias positivas, muitas vezes associadas à infância e ao universo familiar, mas também ligadas a momentos de vitórias profissionais, por exemplo” (SALGUEIRO, 2017, p. 19).

Para conhecer a coleção foi realizada uma exploração preliminar em dezembro de 2015, na cidade de Goiânia, nas dependências da agência de publicidade *Stylus* Consultoria e Propaganda, onde se encontra preservada a coleção. Os almanaques estão guardados numa caixa e organizados por ano. A separação é feita por um papel em branco com as datas escritas à caneta.

FIGURA 06 – Caixa onde estão guardados os almanaques da coleção



Fonte: A Autora, 2015.

As coleções, tanto as coleções particulares quanto as institucionais, precisam de um espaço para serem mantidas. Segundo Maciel, o que rege uma coleção são os princípios espaciais e estes podem se ater à “caixa, ao álbum, ao armário e à serialidade das gavetas, num jogo de dentro e fora, exposição e ocultamento” (2009, p.27).

Essa exploração preliminar havia sido precedida de uma visita às dependências da agência, quando foi proposta e aceita pelo guardador, a realização deste estudo. Foi então realizada uma descrição temática e bibliográfica dos almanaques por meio de uma ficha de descrição preliminar (Apêndice A), para a representação descritiva dos almanaques com base no Código de Catalogação Anglo-Americano (AACR2, 2002). Para tanto, foram escolhidos aleatoriamente 19 almanaques entre os anos de 1906 a 1953. Essa primeira análise permitiu uma aproximação dos almanaques e forneceu subsídios para a elaboração dos instrumentos para a coleta dos dados empíricos.

Em seguida, foi aplicada uma entrevista com o guardador da coleção. Para a entrevista, foi elaborado um termo de consentimento de entrevista (Apêndice B) e um roteiro de entrevista (Apêndice C) que abrangeu perguntas sobre a) origem da coleção; b) como se deu o interesse pelos almanaques e a guarda da coleção; c) se o guardador se considera um leitor de almanaques; d) por que guardar uma coleção de almanaques, qual a intenção; e) possibilidade de tornar acessível a coleção.

Durante a entrevista, abordaram-se outros temas e questões sobre a continuidade da coleção na família e sobre a passagem da guarda da coleção ao longo dos anos, sobre o local onde eram guardados os almanaques e como eram arrumados. Buscou-se saber também um

pouco sobre a biografia do bisavô de Hamilton Carneiro, José Carneiro de Rezende, que inaugurou a coleção, e dos principais continuadores da coleção como a sua avó, Mariana Carneiro de Rezende e seu pai José Ignácio Carneiro.

A análise descritiva dos almanaques foi realizada entre os dias 13 e 17 de junho de 2016, em Goiânia, nas dependências da agência de publicidade *Stylus* Consultoria e Propaganda. Para a análise foram utilizados dois instrumentos de pesquisa: a) a ficha descritiva da coleção de almanaques (Apêndice D) e b) quadro de assuntos (Apêndice E).

A ficha descritiva para a representação descritiva dos almanaques contém os seguintes campos: a) título, b) subtítulo, c) autor, d) editora, e) número de páginas, f) ano de publicação, g) periodicidade, h) idioma, i) coleção/série, j) tipos de materiais ilustrativos, k) local de publicação, l) notas e m) área do conhecimento prioritária.

Os materiais ilustrativos foram divididos nas seguintes categorias: fotografia, gravura (desenho feito em superfícies duras, como metal, madeira ou pedra para posterior impressão); desenho/ilustração à caneta e tinta; colagens (composição de texto e imagens); quadri-nhos/desenhos satíricos; anúncios publicitários/ cartazes; caricaturas; pinturas; mapas; brasões; fórmulas; música (cifras, partituras); plantas (projeção de um objeto, ou de um espaço arquitetônico); tabelas genealógicas; desenhos publicitários (imagem publicitária que reproduz o medicamento, o livro ou outro produto a ser publicitado nos almanaques).

O quadro de assuntos foi extraído do Pellegrini Filho (2009, p. 159) e adaptado para a análise da coleção, objeto desse estudo. Este quadro é resultado da análise de 15 almanaques de 9 países, que foram coletados no bojo da sua pesquisa de âmbito mundial sobre comunicação popular escrita, exposta anteriormente. Em seu livro o autor destaca algumas passagens analisadas e, com isso foi possível extrair os temas e os conteúdos mais constantes nesses almanaques. O autor percebeu por meio da análise que a maioria dos almanaques eram de assuntos gerais, porém haviam mitos de cunho religioso e educacional. O autor levantou os assuntos mais recorrentes nos almanaques do seu estudo e os utilizou para criar seu quadro de assuntos, são eles:

- a) Astrologia – zodíaco, previsões astrológicas, horóscopo;
- b) Astronomia – planetas, eclipses, cometas, ano bissexto, horas do nascer do sol;
- c) Calendário – o calendário gregoriano (usado no ocidente); também os calendários: judeu, maometano, chinês, japonês, o perpétuo;
- d) Cartas de leitores – missivas de leitores e respectivas respostas (a despeito da demora, já que se trata de publicações anuais);

- e) Cidadania – direitos e deveres do cidadão; defesa nacional;
- f) Clima – previsões climáticas no ano entrante e na região focalizada pela publicação;
- g) Conselhos – recomendações aos leitores, variando sobre cuidados com a saúde, conservação de utensílios, etc.;
- h) Culinária – alimentos para o ser humano, bebidas, receitas de gastronomia;
- i) Comunicação social – meios de comunicação, inclusive o próprio almanaque (metalinguagem) – seu histórico, *Nuestra portada* e outros; meios de transporte;
- j) Cultura erudita – alfabetos, artes, ciência e tecnologia, economia da região, experiências científicas, edificações sacras, história, política/políticos, formas de governo.
- k) Cultura popular/Folclore – festas tradicional-populares, ditados, frases feitas, linguagem regional, costumes populares, lendas, crenças populares;
- l) Curiosidades/Passatempos – informações que despertem interesse; o lúdico em formas simples de lazer, jogos, entretenimentos, palavras cruzadas;
- m) Datas comemorativas – feriados, dias de sentido cívico ou religioso, festas;
- n) Feiras/Mercados/Eventos – agendamento de feiras públicas, na Europa também eram chamados mercados, no país ou na região focalizada;
- o) Hora legal – medição de tempo no planeta, tendo por referência o meridiano de Greenwich;
- p) Humorismo – breves situações de humor (às vezes com ilustração);
- q) Literatura – contos, poesias, menos comumente crônicas;
- r) Misticismo – crenças em forças sobrenaturais; previsões do futuro;
- s) Nacionalismo/Regionalismo – assuntos diretamente relacionados ao país ou região, quase sempre enaltecendo valores; características ecológicas, geográficas, sociológicas, traços culturais;
- t) Pesos e medidas – elementos de referência resultantes de convenções internacionais.
- u) Religiões/Religiosidade – entidades de religiões (quando no âmbito do cristianismo, é comum a pauta “Santos do dia”), comemorações e informações de base religiosa.
- v) Saúde – propriedades de espécies de vegetais benéficas à saúde humana; o corpo humano; medicina social;

- w) Tábua das marés – horários, a se notas nas praias, dos ciclos de preamar (elevação do nível) e baixa-mar (abaixamento) das águas do mar;
- x) Vida rural/Agricultura – assuntos de agricultura, pecuária, caça, pesca, jardinagem. (PELLEGRINI FILHO, 2009, p. 160-161).

A adaptação do quadro para os almanaques da coleção inseriu o assunto Anúncios/Publicidade e acrescentou Depoimentos no item “Carta aos leitores”. Na medida em que a análise e descrição dos almanaques estava sendo realizada, foram acrescentados assuntos recorrentes nos almanaques da coleção que não estavam originalmente no quadro de assuntos do Pellegrini Filho, tais como: gênero (tratando especificamente da mulher); música (canções, partituras); correio/tarifas postais (valores monetários, selos). Assuntos menos recorrentes como educação (processo de ensinar e aprender; apoio didático); Jogo do Bicho/Jogos de aposta (resultados de jogos de apostas, anúncios), moda (tendências da moda feminina e masculina, trajes e dicas de como se vestir) e esportes (informações sobre qualquer tipo de esporte) que foram classificados como outros assuntos.

O quadro de assuntos permitiu a realização de uma classificação temática dos almanaques da coleção, que averiguou quais foram os assuntos e temas mais recorrentes nos almanaques no país, no contexto da coleção. Com a inserção do assunto Anúncios/Publicidade no quadro de análise, foi possível analisar o conteúdo de publicidade e propaganda veiculadas nos almanaques, sobretudo os almanaques de farmácia e comprovar que estes foram importantes veículos publicitários da indústria farmacêutica no país.

Foram analisados 55 títulos e 241 exemplares. Após a coleta, deu-se início à sistematização para posterior análise dos dados. Esta análise, permitiu a realização de uma tipologia bibliográfica dos almanaques, averiguando também o período, idiomas, materiais ilustrativos, temas abordados, autores presentes e editores. Nesta análise os conceitos de documento, coleção e colecionador foram aplicados para se obter maior entendimento do almanaque enquanto documento de informação e comunicação popular no âmbito de uma coleção, onde sua característica de fonte de informação é preservada. A análise dos usos dos exemplares da coleção pelo colecionador, possibilitou entender que características dos almanaques levaram à formação da coleção, a partir dos interesses, leituras e vivências do colecionador no contexto do Brasil rural desde o início do século XX até 1945, ano do falecimento do colecionador. O estudo das diferentes apropriações e usos dos almanaques ao longo dos anos, da perspectiva do colecionador, dos leitores e dos guardadores pelos guardadores e leitores, permitiu a cons-

tatação da relevância documental-informacional do almanaque, sobretudo na primeira metade do século XX, como fonte de informação.

A sistematização dos dados das fichas descritivas e do quadro de assuntos foi realizada por dois quadros: 1) Quadro de condensação das fichas de análise dos almanaques (APÊNDICE F) e 2) Condensação dos quadros de assunto (APÊNDICE G). Os dados obtidos dos 55 almanaques foram organizados nesses quadros para auxiliar na análise da coleção.

Após a análise dos dados obtidos das fichas de descrição e dos quadros de assuntos, foi realizada uma segunda entrevista (APÊNDICE H) com o guardador da coleção, Hamilton Carneiro, em setembro de 2017. Buscou-se obter maiores informações sobre 1) José Carneiro de Rezende, o colecionador; 2) Mariana Carneiro de Rezende e sua participação no desenvolvimento e na guarda da coleção; 3) João Ignácio Carneiro e Cidália Carneiro e contribuições com a coleção; 4) identificar a autoria das anotações manuscritas nos almanaques em formas de rabiscos, palavras soltas, etc.; 5) identificar a autorias das anotações manuscritas que sinalizavam partes de maior interesse nos almanaques; 6) identificar a autoria de frases que aparecem nos exemplares como "O que é dado não se come e nem joga fora, poristo guardo meos almanacks"? No ano de 1920, Almanaque do Biotônico; 7) informação sobre quem datilografava e/ou digitava as receitas culinárias e grampeava aos almanaques; 8) identificar as pessoas que assinaram seus nomes nos exemplares; 9) obter informações sobre os carimbos de registros de farmácias encontrados nos almanaques. O objetivo da entrevista foi ampliar o conhecimento sobre as pessoas que fizeram parte do desenvolvimento, do uso e da guarda da coleção.

Após a entrevista os dados obtidos foram organizados nos quadros: 1) Rastros de leituras e usos dos almanaques da coleção (APÊNDICE I) e 2) Conteúdos de maior interesse nos almanaques pelo colecionador (APÊNDICE J). No quadro dos rastros de leitura e uso, foram organizados todos os usos encontrados nos exemplares: anotações manuscritas do colecionador, rabiscos, palavras soltas, entre outras anotações aleatórias, nomes e assinaturas de pessoas, sinalizações com setas em receitas culinárias e dicas de saúde e as receitas culinárias que foram extraídas dos almanaques, datilografadas e/ou digitadas e anexadas aos exemplares. No quadro sobre os conteúdos de maior interesse do colecionador, foram levantadas, a partir das suas anotações manuscritas, todos os assuntos/conteúdos sinalizados por este na folha de rosto e nas páginas dos exemplares. Em seguida foram contabilizadas a ocorrência desses assuntos em todos os almanaques que possuem anotações do colecionador.

Por meio da análise dos almanaques e da segunda entrevista, pode-se construir a rede familiar de leitores em torno da coleção de almanaques. Para tanto, foi elaborada uma árvore genealógica por meio do *software* “*My Family Tree*” que está exposta na seção 6.

Para a apresentação da descrição de almanaques foram estabelecidos três critérios relacionados ao número de exemplares na coleção: a) almanaques que possuem mais de 10 exemplares; b) almanaques que possuem menos que 10 exemplares e; c) almanaques que possuem um exemplar. Vale ressaltar que o termo ‘exemplares’ nesse contexto, refere-se à quantidade de exemplares por ano. Ou seja, o Almanaque Renascim Sadol possui 30 exemplares, isso significa que é um exemplar para cada ano, representando 30 anos de publicações deste almanaque. Foram elaborados dois quadros para os almanaques que possuem menos de dez e um exemplar na coleção, que serão apresentados na seção 5.

5 OS ALMANAQUES

A análise dos 55 títulos de almanaques que compõem a coleção estudada gerou 241 fichas descritivas, uma ficha para cada exemplar, contendo informações relacionadas à publicação dos almanaques, tais como: título, editor, data, número de páginas, periodicidade, local de publicação, idioma e área do conhecimento.

Foi realizada também uma descrição do conteúdo dos almanaques, evidenciando suas características principais e suas peculiaridades. Para tanto, foram investigados os tipos de materiais ilustrativos e notas, onde foram expostas particularidades dos exemplares como, por exemplo, anotações manuscritas, carimbos de registro das farmácias distribuidoras dos almanaques, carimbos de registro do proprietário dos almanaques, condições físicas dos exemplares, seções especiais, autores famosos que publicaram nos almanaques. Por meio das anotações manuscritas foram extraídas informações sobre os tipos de usos que a rede familiar que desenvolveu e/ou utilizou a coleção, fez dos almanaques.

A apresentação da descrição de almanaques foi dividida em três partes, obedecendo aos critérios estabelecidos na seção anterior: a) almanaques que possuem mais de 10 exemplares; b) almanaques que possuem menos que 10 exemplares e; c) almanaques que possuem um exemplar. Os que possuem mais de 10 exemplares, totalizando 7 almanaques, serão descritos um a um, em ordem decrescente, partindo do princípio de que estes tinham uma oferta maior na época, devido às tiragens que eram de milhões de exemplares e distribuição, e porque houve interesse do colecionador de adquiri-los e guarda-los. Os almanaques que possuem menos de 10 exemplares e um exemplar serão expostos em quadros, para melhor visualização do conteúdo analisado.

5.1 ALMANAQUE RENASCIM SADOL

O Renascim Sadol é o almanaque publicitário do Laboratório Catarinense com propaganda de medicamentos. É o almanaque com mais exemplares na coleção, com 30 exemplares entre os anos de 1960 a 2001. Os exemplares deste almanaque foram acrescentados à coleção por João Ignácio Carneiro e por meio de doação. Até 1985 o título era Almanaque Renascim e a partir de 1986 passou a ser Almanaque Renascim Sadol. É editado anualmente pelo Laboratório Catarinense em Joinville, Santa Catarina e possui em média 32 páginas.

O material ilustrativo contém imagens coloridas, gravuras, fotografias, desenho/ilustração à caneta e tinta, anúncios publicitários, quadrinhos e desenhos satíricos, mapa

(1979) e desenhos publicitários. Alguns exemplares se encontram com bordas danificadas, folhas soltas e manchados.

O almanaque traz em seu conteúdo a carta enigmática e a seção Página Feminina com dicas de moda, de saúde, maquiagem, conselhos domésticos. O exemplar de 1965 traz o editorial de comemoração de 20 anos de publicação e conselho extraído do exemplar e anexado nas páginas 10 e 11, para ser usado no programa de televisão de Hamilton Carneiro. O exemplar de 1970 traz o editorial de 25 anos de publicação fazendo analogia com a era espacial – ida do homem ao espaço. Em 1971 o almanaque traz na capa a atriz Vera Fischer. Em 1974 a 1976, o Renascim realizou mudanças em seu leiaute onde as seções estão mais sucintas, como por exemplo, o espaço para agricultura que passou a ocupar uma única seção em uma página, trouxe novas seções, mais informações, mais anúncios e humor.

A partir da década de 1970, as capas começam a explorar a sensualidade feminina com a exibição de uma mulher de biquíni. O exemplar de 1976 traz na capa uma mulher em pose sensual, vestida de pescadora e biquíni. Traz também credices populares na página 19 e cruzadinhas – passatempo na página 24. Em 1978 a capa contém uma mulher com uniforme brasileiro de futebol e o editorial fala sobre a Copa do mundo de futebol de 1978 e faz analogia do futebol com saúde e alegria. Em 1979 o almanaque traz novo leiaute, com mais espaço para publicidade e menos espaço para as seções.

FIGURA 07 – Página do Almanaque Renascim de 1979, mudança de leiaute



Fonte: Almanaque Renascim, 1979.

No exemplar de 1980, o almanaque traz o editorial apresentando o concurso Modelos Sadol 1980, para pessoas que tomam Sadol todos os dias, com ficha de inscrição para ser preenchida, recortada e enviada para o endereço indicado. Traz também o folclore, falando sobre a Lenda Amazônica. Em 1982, o editorial traz texto sobre a Copa do Mundo de futebol de

1982. O editorial de 1987 fala sobre a utilidade do almanaque trazendo o texto: "Faça do seu almanaque um amigo divertido com muitas dicas e informações". A partir de 1988, o almanaque passa a trazer os quadrinhos de publicidade "Sadolico" e "Sapolino".

No ano de 1995 o almanaque traz a Edição de aniversário de 50 anos para colecionador. O exemplar foi impresso em papel brilhante, de revista e o editorial de comemoração traz a pesquisa da tese da Margareth D. Park de Campinas. Esta tese foi publicada em livro que é utilizado nesta tese como uma das obras referenciais para o desenvolvimento do estudo.

Traz também os seguintes textos sobre almanaque: O renascimento do Almanaque Renascim/Sadol na página 5 e Texto sobre a ECO 92 e o Almanaque na página 27. Em 1998, o exemplar traz uma edição especial sobre o poder medicinal das plantas brasileiras. Este número passa a fazer propaganda de roupas infantis. Foram encontrados os seguintes carimbos de farmácias distribuidoras:

- a) 1960 - Carimbo da Farmácia Sergipe, distribuidora do Almanaque em Londrina, Paraná;
- b) 1965 - Carimbo da Farmácia Morifarma;
- c) 1966 - Na capa: Oferta das Farmácias Reunidas Hosken S/A Londrina;
- d) 1967, 1968, 1970 a 1973 - Na capa: Oferta da Farmácia Sergipe, Londrina;
- e) 1974 - Na capa: A sua Farmácia Galeno, Goiás;
- f) 1975, 1976 - Na capa: A sua Farmácia Sergipe, Londrina;
- g) 1978 - Na capa: Farmácia Higinópolis, Londrina;
- h) 1979 - Na capa: Farmácia Santo Antonio, Eldorado, Mato Grosso (Dist.);
- i) 1980 - Na capa: Farmácia Atalaia, Londrina (Dist.);
- j) 1981 - Na capa: Farmácia San Remo Ltda., Londrina (Dist.);
- k) 1982/83 - Na capa: Farmácia Sergipe, Londrina (Dist.);
- l) 1985 a 1988 - Na capa: Farmácia San Remo Ltda., Londrina (Dist.);
- m) 1989 - Na capa: Drogaria Primavera, Goiânia (Dist.);
- n) 1993 - Na capa: Drogaria Karlla, Goiânia (Dist.);
- o) 1995, 1997 a 2001 - Na capa: Drogaria Goiânia, Goiânia (Dist.).

Em relação ao uso do almanaque, em 1968 foram encontrados rabiscos e o número de habitantes da cidade de Londrina. O almanaque Renascim foi utilizado amplamente no programa de televisão de Hamilton Carneiro. Foram extraídas do almanaque dicas, conselhos, curiosidades e receitas culinárias que foram digitadas, impressas e grampeadas aos exemplares dos anos de 1970, 1971, 1972, 1975, 1980, 1988, 1993, 1995, 1998, 1999 e 2000.

5.2 ALMANAQUE DO CAPIVAROL

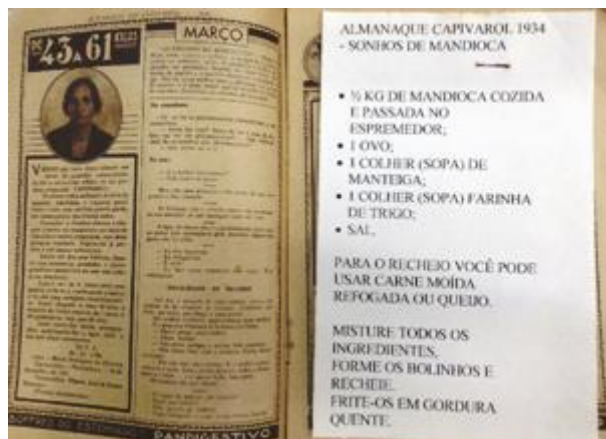
O Capivarol é um dos almanaques mais representativos dentro da coleção com 24 exemplares (1929-1980). Trata-se do Almanaque publicitário do Fortificante Capivarol com propaganda de medicamentos e/ou produtos de higiene. Até 1938 o título era '*Almanach* do Capivarol' e após 1939 não sofreu mais alterações passando a ser 'Almanaque do Capivarol'. Foram encontrados dois subtítulos nos exemplares: A Providência do Lar (1930, 1931) e Calendário para 1934. Ambos evidenciam características dos almanaques, de trazer informações úteis e calendário.

O Almanaque do Capivarol foi editado e impresso pelo Laboratório Capivarol e pela Litho. Typo. Pimenta de Mello que depois passou a chamar-se Lith Pimenta de Melo & Cia. Os exemplares de 1929 a 1931 foram produzidos em Juiz de Fora, MG. A partir de 1934, de acordo com os exemplares existentes na coleção, passou a ser produzido no Rio de Janeiro, com exceção do ano de 1938 quando foi editado em São Paulo. A média era de 32 páginas e a periodicidade anual. Traziam informações sobre agricultura, clima, curiosidades, culinária, a carta enigmática, quiromancia, presença de artistas e personalidades do cinema. Os exemplares, usualmente, traziam editoriais assinados por Carlos Barbosa Leite, criador do Capivarol. Sua tiragem em 1942 foi de 2.800,00 exemplares, sendo este seu 23º ano de publicação. No exemplar de 1980, a impressão foi feita em papel brilhante e há mudanças no leiaute, de forma que o Capivarol, passou a acompanhar a tendência dos almanaques da época, que passaram a ser publicados de forma semelhante às revistas.

O material ilustrativo abrange imagens em preto e branco (P&B) e coloridas em sua maioria, gravuras, fotografias, desenho/ilustração à caneta e tinta, quadrinhos/desenhos satíricos, anúncios publicitários, desenhos publicitários, caricaturas, brasões. Os exemplares, em sua maioria, possuem bordas danificadas e folhas soltas e alguns contêm o carimbo de registro do proprietário: José Carneiro de Rezende - Fazenda do Britto - Ipamery – Goyaz.

As anotações manuscritas feitas pelo colecionador, entre 1929 e 1936, destacam os conteúdos de maior interesse nos exemplares: poesias, anedotas, impostos, receitas, previsão do tempo, sorte, história, carta enigmática, propaganda de medicamentos. Os exemplares de 1942 e 1943 trazem rabiscos, alfabeto, numerais, datas e nomes de pessoas. Nomes de pessoas e/ou assinaturas também foram encontradas: João Carneiro de Rezende, na capa, em 1930; Assinatura de João Ignácio Carneiro, em 1942, e nome de Jorge Gonçalo em 1951 que, segundo Hamilton Carneiro, não fazia parte da família (CARNEIRO, Entrevista II, 2017). A partir de 1945 não foram mais encontradas mais anotações manuscritas.

FIGURA 08 – Receita culinária extraída do almanaque para uso no programa de TV Frutos da Terra



Fonte: Almanaque Capivarol, 1934.

Alguns exemplares possuem receitas culinárias extraídas do almanaque, que foram dactilografadas e/ou digitadas e anexadas aos exemplares. Em entrevista, Hamilton revelou que esta prática foi utilizada para uso no seu programa de televisão (CARNEIRO, Entrevista II, 2017).

5.3 ALMANACH DA SAÚDE DA MULHER

O Almanach A Saúde da Mulher que teve seu primeiro título publicado em 1904, era um almanaque publicitário do remédio Saúde da Mulher e do Xarope Bromil. Trazia propaganda de medicamentos e/ou produtos de higiene, carta enigmática, medicamentos e produtos de saúde para a mulher.

Possui 22 exemplares na coleção de Hamilton Carneiro entre os anos de 1908 a 1954. Seus títulos variaram de Almanach d'a Saúde da Mulher até 1951 e Almanach da Saúde da Mulher em 1954. Os subtítulos encontrados informavam o ano ao qual o almanaque era destinado. A editora do almanaque era a Daudt, Oliveira & Cia, localizada no Rio de Janeiro. A média de páginas era 32 e sua periodicidade era anual com exceção do ano de 1912/1913 que lançou um exemplar bianual.

Em seu conteúdo, o almanaque traz assuntos voltados para o universo feminino. Por ser um almanaque de farmácia, contém dicas e conselhos sobre a saúde feminina, assim como propagandas de medicamentos para doenças inerentes à mulher. Além de astrologia, humorismo por meio de anedotas, religião, e curiosidades, trazia modelos de condutas para as mulheres que, segundo os textos veiculados nos almanaques, eram apropriados para a época. A

maioria dos almanaques da coleção foi publicada na primeira metade do século XX, neste período a mulher era preparada para ser dona de casa e cuidar do marido e filhos (SANTOS, 2009). O almanaque de 1938 traz um texto sobre a origem do almanaque.

O material ilustrativo traz imagens em preto e branco (P&B) e coloridas em sua maioria, gravuras, desenho/ilustração à caneta e tinta, quadrinhos/desenhos satíricos, anúncios publicitários, desenhos publicitários, caricatura, brasões. Os almanaques não se encontram em boas condições físicas. Possuem bordas danificadas, folhas soltas, exemplares incompletos, deteriorados, rasgados e manchados. Alguns exemplares contêm o carimbo de registro do proprietário: José Carneiro de Rezende - Fazenda do Britto - Ipamery – Goyaz. Em 1934 encontrou-se o carimbo da farmácia distribuidora S. Sebastião de Randolpho Carneiro em Ypameri, Goiás.

Foram encontradas anotações do colecionador entre 1912 e 1936 destacando as partes de maior interesse nos exemplares: listas com despesas e provisões para a Fazenda do Britto, para rir, criação do mundo, definição do amor, passatempo e curiosidades, operações matemáticas, saúde/mulher, calendário, horóscopo, poesias, anedotas, carta enigmática, dias santificados, cantigas, fases da lua. Frase "Guarda - Hoge - Amanhã ten" e "Primeira carta enigmática" (1923). Observou-se também a presença de rabiscos, alfabeto, numerais, datas e nomes de pessoas nos exemplares de 1912 e 1914.

Em 1940 há uma dedicatória de João Inácio Carneiro: "Ofereço Esti Almanake ao meu Tio José [trecho não compreendido] João Inasio C." Segundo Hamilton, este tio era José Onofre Fagundes casado com Maria Carneiro de Rezende, filha de José Carneiro Rezende (CARNEIRO, Entrevista II, 2017). Em 1908 aparece o nome de Benedicta que, de acordo com Hamilton, não fazia parte do núcleo familiar. Isso significa que o exemplar mais antigo deste almanaque na coleção foi doado e acrescentado posteriormente e, portanto, o primeiro exemplar da coleção adquirido pelo colecionador data de 1912.

5.4 ALMANAQUE DO BIOTÔNICO

A coleção possui 21 exemplares do Almanaque do Biotônico, publicado pelo farmacêutico Cândido Fontoura Silveira e por Monteiro Lobato. Um desses exemplares é um número especial para 1934 e 1935 com 20 páginas e subtítulo “o mais completo fortificante”. Os exemplares compreendem o período de 1920 a 1985. Houve algumas variações no título como *Almanack* do Biotônico, Almanaque do Biotônico e Almanaque Fontoura. A editora era

o Instituto Medicamenta Fontoura e o local de publicação era São Paulo. Tinha em média 32 páginas e periodicidade anual.

Em relação ao conteúdo, o Almanaque do Biotônico trazia editoriais e números especiais; propaganda de medicamentos, presença de autores, onde a mais proeminente é Monteiro Lobato; campanhas de saúde e vigilância sanitária (Maleita/Malária); ciência; humorismo, jogos e passatempos. A primeira publicação do Almanaque do Biotônico teve uma tiragem de 50 mil exemplares e foi crescendo ao longo dos anos com a aceitação do almanaque. Entre as décadas de 1930 a 1970 a tiragem era entre dois e meio a três milhões de exemplares. No ano de 1982 sua tiragem chegou a cem milhões de exemplares (MEYER, 2001). Isso comprova a importância e representatividade que este almanaque teve no país.

No que diz respeito às condições físicas, os almanaques, em sua maioria, apresentam-se incompletos, com folhas soltas e manchadas. Alguns exemplares trazem o carimbo de registro do proprietário: José Carneiro de Rezende - Fazenda do Britto - Ipamery – Goyaz. Foram encontrados também Carimbo das farmácias distribuidoras: Carimbo da Pharmacia Santiago, Castro & Cia, Ypameri – 1937, Farmácia San Remo Ltda., Londrina – 1984, Farmácia Jurandy, Ibiúna, SP – 1985.

O material ilustrativo abrange imagens coloridas; gravuras; fotografias; desenho/ilustração à caneta e tinta; quadrinhos/desenhos satíricos; anúncios publicitários; desenhos publicitários. Alguns exemplares contêm mapas. Anotações manuscritas trazem frases do colecionador, José Carneiro de Rezende, e foram encontradas entre os anos de 1920 a 1938. Segue abaixo a imagem do primeiro exemplar do almanaque com anotações do colecionador.

FIGURA 09 – Primeiro ano de publicação do Almanaque do Biotônico, 1920. Anotações manuscritas do colecionador.



Fonte: Almanaque do Biotônico, 1920.

Na imagem aparece a frase escrita pelo colecionador "O que é dado não se come e nem joga fora, poristo guardo meos almanacks", valorizando o almanaque. Frases semelhantes foram encontradas nos exemplares, como: "O que é dado não se come nen se joga fora" (1922), "guardei poes - foi dado" (1923 e 1924); além de frases destacando as partes de maior interesse nos exemplares, principalmente anedotas, poesia, humorismo, horóscopo, carta enigmática, doenças e remédios, fases da lua, agricultura.

Há também presença de rabiscos, alfabeto, numerais e nomes de pessoas entre os anos de 1941 a 1955, comprovando a utilização dos exemplares por crianças como apoio didático. Nomes de pessoas e/ou assinaturas também foram encontrados: assinatura de João Ignácio Carneiro em 1941 e 1944; Nome de Sebrão Carneiro de Rezende em 1943, genro de José Carneiro de Rezende, marido de Amélia Carneiro de Rezende.

Há também uma dedicatória na capa do Almanaque Fontoura de 1985: "De Juracy Brettas para a Maria de Araújo (Ibiúna, dez. de 1987), contudo essas pessoas não pertencem à rede familiar e, portanto, trata-se de um exemplar doado a Hamilton Carneiro. A partir de 1956 não foram encontradas mais anotações manuscritas.

Pode-se observar nos almanaques do Biotônico que a presença do personagem do Jeca Tatu, de Monteiro Lobato, representando a dicotomia homem do campo (Jeca Tatu, caipirice²) x homem da cidade (estereótipo de saúde, beleza e felicidade). Na estratégia publicitária de

² Termo utilizado por Hamilton em entrevista, onde explica sua perspectiva de que caipirice é uma caricatura negativa do caipira "acho que a caipirice é terrível, ela é uma caricatura e o Monteiro Lobato fez isso, a caipirice. O caipirismo é muito bonito, é uma cultura" (CARNEIRO, Entrevista II, 2017).

“antes e depois” (GOMES, 2006, p. 1009), o homem do campo, o camponês, o caipira, é sempre mostrado nos almanaques de farmácia como uma pessoa triste, doente e lhe é aconselhado a tomar o remédio que está sendo anunciado, em seguida este homem aparece revigorado, saudável e belo, tal como o estereótipo do homem da cidade. Assim, por meio do almanaque do Biotônico Fontoura e a personagem do Jeca Tatu, o homem do campo era induzido a usar o Biotônico, seguir os conselhos de saúde e de higiene contidos no almanaque para se tornar o modelo idealizado do homem da cidade, funcionando como um manual de conduta para o cidadão (CASA NOVA, 1996). Na figura abaixo, Monteiro Lobato aparece entregando o Biotônico para sua personagem Jeca Tatu, no primeiro número do Almanaque do Biotônico, para que este se cure da doença que o aflige, a ancilostomíase ou "amarelão".

FIGURA 10 - Monteiro Lobato entregando o Biotônico Fontoura para Jeca Tatu



Fonte: Almanaque Biotônico Fontoura, 1920.

De acordo com Gomes, o discurso da propaganda vai se empenhar em demonstrar as vantagens utilitárias da boa aparência e de um corpo saudável, sendo este estereótipo pré-requisito essencial para o êxito econômico e social. As promessas de alcançar este estereótipo de forma rápida e barata “vinham acompanhadas de sedutoras possibilidades de realização pessoal. Convencidos pela argumentação dos textos, leitores e leitoras experimentavam o xarope, a pílula ou o elixir, na esperança da gratificação física, material e sentimental” (GOMES, 2006, p. 1010).

FIGURA 11 – “Antes e depois” da personagem Jeca Tatu após uso do Biotônico



Fonte: Almanaque Biotônico Fontoura, 1934.

Em entrevista, Hamilton criticou o escritor Monteiro Lobato em relação ao uso da personagem Jeca Tatu como um estereótipo negativo do caipira. Isso provocou, segundo Hamilton uma rejeição ao termo caipira “as pessoas não gostam de serem chamadas de caipira” (CARNEIRO, Entrevista I, 2015).

[...] Monteiro Lobato nos deixou uma obra interessantíssima, mas acho que ele cometeu um pecado muito grande com o Jeca Tatu e a propaganda do Biotônico Fontoura. Porque ele colocou um sertanejo deplorável, um galinho andando de butina, talvez se fosse um realismo fantástico, mas não foi nada disso, foi uma coisa de publicidade mesmo, acho que faltou um pouco de consciência crítica para jogar aquilo para um público tão ingênuo como era o povo da zona rural (CARNEIRO, Entrevista I, 2015).

O Almanaque do Biotônico trazia campanhas contra várias doenças, dentre elas a Malária ou ‘Maleita’ como era chamada pelo homem do campo e a ancilostomíase ou amarelão, doença parasitária infecciosa intestinal. Portanto, era utilizado como veículo para as campanhas higienistas do Estado, com a participação de médicos, da indústria farmacêutica e de Monteiro Lobato.

FIGURA 12 – Campanha higienista do Almanaque do Biotônico e publicidade de medicamentos

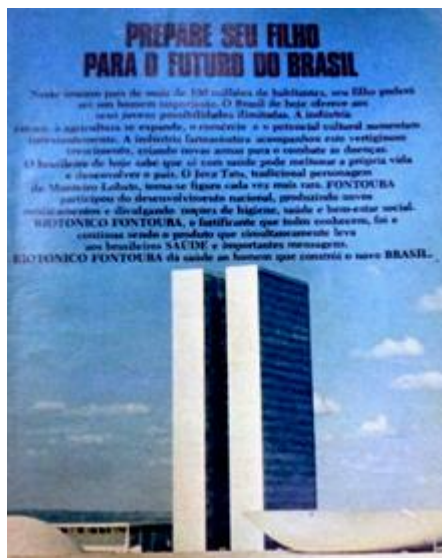


Fonte: Almanaque do Biotônico, 1936.

Segundo Dias (2006) O Almanaque do Biotônico tinha como finalidade promover a marca do elixir fortificante Biotônico Fontoura, e era distribuído gratuitamente em todo o território nacional. Possuía o discurso de cunho desenvolvimentista, característico de Monteiro Lobato, que apresentava um “convite a mudanças de procedimentos, de melhoria de atitudes em busca de mais conforto e saúde, pois este era o paradigma vigente das classes que mantinham o poder” (DIAS, 2006, p. 06).

No exemplar de 1974 houve mudança de nome de Almanaque do Biotônico para Almanaque Fontoura. Neste ano também houve mudança no leiaute e do papel, tornando o almanaque mais parecido com uma revista. Foram agregados novos tipos de anúncios como, por exemplo, a casa própria, e espaço para mais informações. Este exemplar traz um texto na contracapa que corrobora esse discurso desenvolvimentista.

FIGURA 13 – Discurso desenvolvimentista do Almanaque do Biotônico Fontoura



Fonte: Almanaque Fontoura, 1974.

Em 1985, último exemplar do almanaque na coleção, há mudança de papel que passa de amarelo fosco para branco. Traz também uma sessão onde conta a história do primeiro almanaque do Biotônico, em 1920, e de como o almanaque esteve atrelado à personagem Jeca Tatu do Monteiro Lobato.

5.5 ALMANAK SILVEIRA

A coleção possui 14 exemplares do Almanak Silveira compreendidas entre 1920 a 1956. É o almanaque publicitário do Elixir Nogueira e traz propaganda de medicamentos. Os subtítulos traziam os anos a que se destinavam os exemplares e o nome da casa publicadora, como por exemplo: Para 1921. Oferecido pela Casa Viúva Silveira & Filho. O local de publicação era Pelotas, RS. Houve mudança de nome da editora em 1940, onde ela deixa de ser Viúva Silveira & Filho para se chamar Silveira Filhos & Cia. A média de páginas é de 16 e a periodicidade anual.

O material ilustrativo contém imagens preto e branco (P&B) e coloridas, gravuras, fotografias, desenho/ilustração à caneta e tinta, quadrinhos/desenhos satíricos, anúncios publicitários, desenhos publicitários, brasões. Em relação às condições físicas os exemplares apresentam bordas danificadas, estão manchados e rasgados. No exemplar de 1920 foi encontrado o carimbo de registro do proprietário: José Carneiro de Rezende - Fazenda do Britto - Ipamery – Goyaz e o carimbo da farmácia distribuidora: José Fagundes Onofre.

Foram encontradas muitas anotações manuscritas do colecionador entre 1920-1938 destacando as partes de maior interesse nos exemplares. Dentre essas anotações diversas continham interesse por poesia, anedotas, religião, curiosidades e agricultura. Há também registros de chuvas no mês de setembro de 1925. São elas:

- a) 1920 - "Começo do anno, anno de 1920, dia da semana, datas, "Belas poisias a cada 1 mems";
- b) 1923 - conto dois bicudos em quadrinhos, letras que compõem iniciais do nome;
- c) 1924 - "oreo nº 6", "O Venceslau Dorminhoco em 5 Quadros";
- d) 1925 - "Comtem anedotas" na pg. 12: "1 set chuva, muito fina com trovões", "8 d setembro trovões relampagos e chuva 09 e 10";
- e) 1931 - oreo nº 13, anedotas, "revizao de Jesus pg. - 7 a 13", 1932 - canto na pg. 2, "a espoza pede o filho pg. 15;
- f) 1933 - oreo nº 9, gestacao pg. 6, o preto pg. 7, a imagen de Cristo pg. 3, F.^a Brito 30-1-1933;
- g) 1935 - data: 18 de janeiro de 1935, Aniversário, "quadropedes pg. 5", tinta secreta pg. 19, verão pg. 2, anatomia do 'bejo' pg. 2, Sal, laranja, banana, pg. 12, contra as [trecho ilegível], como podem ser visualizadas na figura abaixo;
- h) 1936 à 1938 - frutas, aniversários, curiosidades, tempo, feriados, Estado Brasil.

FIGURA 14 – Página do Almanaque Silveira, 1935, com anotações manuscritas do colecionador



Fonte: Almanaque Silveira, 1935.

Há presença de rabiscos, alfabeto, numerais, datas e palavras soltas entre os anos de 1930 e 1940 e receita culinária extraída do almanaque, digitada e anexada ao exemplar para uso no Programa de TV de Hamilton Carneiro. Em 1940 foi encontrado o nome de João Ignácio Carneiro.

5.6 ALMANAQUE CABEÇA DO LEÃO DO DR. AYER

O Almanak Cabeça do Leão do Dr. Ayer é o almanaque de publicidade do Dr. Ayer com propaganda de medicamentos e cosméticos. É um almanaque internacional publicado nos Estados Unidos e possui versão brasileira. A coleção possui 13 exemplares entre os anos de 1916 a 1940. De 1916 a 1925 o título era Manual de Saúde do Dr. Ayer com subtítulo informando o ano de publicação: “Sexagesimo quarto anno de publicação”. É um almanaque estrangeiro, publicado em Lowell, Mass. EUA pela editora Dr. J. C. Ayer & CA. e distribuído no Brasil.

A partir de 1927 o almanaque passou a ser Almanack Cabeça do Leão do Dr. Ayer com o subtítulo ‘Antigo Manual de Saúde’ mostrando que no ano de 1927 houve alteração no título. A editora também foi alterada passando a ser The Ayer Company of Brazil localizada no Rio de Janeiro. Em 1937 há alteração de editora novamente. A partir deste ano o almanaque passa a ser publicado pela *Warner International Co.* também localizada no Rio de Janeiro. Os exemplares possuem uma média de 32 páginas e periodicidade anual.

O material ilustrativo contém imagens preto e branco (P&B), gravuras, desenho/ilustração à caneta e tinta, quadrinhos/desenhos satíricos, anúncios publicitários e desenhos publicitários. As condições físicas dos almanaques compreendem exemplares com folhas soltas, bordas danificadas, manchados, rasgados e incompletos.

O conteúdo dos almanaques englobava saúde e medicina, ciência, literatura, presença de autores como Olavo Bilac no ano de 1940. No exemplar de 1918 possui seção “Uma grande medicina para meninas” e o conselho “Repetimo-lo: Depositae toda a confiança no vosso médico. Estratégia semelhante à do Almanaque Andromaco mencionado anteriormente, para incentivar a confiabilidade no médico e, conseqüentemente, no almanaque. Em 1930 há a presença de nudez feminina e isto é inovador para a época, por isso chamou a atenção do colecionador que sinalizou a nudez feminina por meio de anotação manuscrita.

Em 1937 o almanaque traz a seção ‘Heroes Brasileiros’. Este tipo de informação veiculada no almanaque condiz com o discurso ideológico mencionado anteriormente por Casa Nova (1996, p.13) onde a coesão da sociedade e a manutenção das relações de poder estabele-

cidas seriam asseguradas por modelos de condutas veiculados nos almanaques. A Seção traz duas personalidades como modelos de conduta: Padre José Anchieta e André Vidal de Negreiros. O primeiro representando a Igreja e a religião inspirando a todos a serem religiosos e o segundo era soldado e lutou na guerra, mostrando que servir no exército é uma conduta de patriotismo para com seu país e que leva a uma carreira de sucesso.

FIGURA 15 – Recorte do Almanak Cabeça do Leão do Dr. Ayer, com a seção “Heroes Brasileiros”



Fonte: Almanak Cabeça do Leão do Dr. Ayer, 1937.

Em 1938 o almanaque aborda a ciência brasileira com a seção ‘Grandes nomes da Sciencia Brasileira: textos biográficos do Oswaldo Cruz e Carlos Chagas’. Em 1939 o exemplar faz uma comparação dos Estados do Brasil com países europeus o que proporciona aos leitores conhecer, por meio do almanaque, países distantes e outras culturas.

Foram encontrados carimbos das farmácias distribuidoras em 1922 - Figueiredo & Cia. Rua José Bonifácio, 23, São Paulo e em 1925 - Drogaria Magalhães, Magalhães, Braga & Cia. Sucessores.

O colecionador fez uso considerável dos almanaques do Dr. Ayer, onde escreveu frases que valorizavam o almanaque pelo fato de que lhe foi dado. Foram encontradas anotações do colecionador de 1916 a 1937 destacando as partes de maior interesse nos exemplares:

- 1916 e 1918 - "puesia e anedota a cada mez", observações sobre o clima;
- 1921 - "Foi - Dado - eu - guardo", "Boas puisias de janeiro a dezembro" Aureo numero – 3;
- 1922 - Aureo numero - 4, "Anedotas a cada 1 mes";
- 1924 - "Foi - Dado - Guarei", Na p. 4: [trecho ilegível] "puisias a cada mez", pronomes de tratamento e várias páginas;
- 1925 - "Foi - Dado – Guarei", Na p. 3: [trecho ilegível] "puisias de janeiro a dezembro", "1925" em várias páginas;

- f) 1927 - a sciencia oculta das mãos, saber idade, carta enigmática;
- g) 1929 - anedotas e curiosidades;
- h) 1930 - "a carta inigmática pg. 14", "puizias e anedotas", Ayer 1930, a mulher pelada [trecho ilegível];
- i) 1937 - Horóscopo, fases da lua, “por do sol”, tempo, data.

O exemplar de 1924 possui o nome de Mariana Carneiro de Rezende e os exemplares de 1939 e 1940 contêm rabiscos, alfabeto, numerais, datas, desenhos e nomes de pessoas como a assinatura de José Carneiro Rezende e Mariana Carneiro de Rezende (1939) e de João Carneiro (1940).

5.7 ALMANAQUE ROSS

Há 11 exemplares do Almanaque Ross na coleção de almanaques. O almanaque Ross era o veículo de publicidade do Dr. Ross e trazia propaganda de medicamentos, cosméticos e/ou produtos de higiene. A astrologia era muito marcante no almanaque, pois além de várias informações astrológicas trazia também o Oráculo do Ross com predições do futuro. O editorial de 1927 trouxe a 'arte de computar o tempo para a formação de almanachs', tratando a questão do tempo no almanaque como uma arte.

Os exemplares da coleção estão compreendidos entre os anos de 1926 a 1942. Nesse período houve várias mudanças de títulos: Almanach Americano de Ross; Revista Almanach de Ross; Revista Almanach de Ross, sendo que este último possuía o subtítulo: com oráculo e em 1942 passa a ser Almanaque Ross. É um almanaque estrangeiro publicado no Brasil pela editora The Sydney Ross Co., o local era Rio de Janeiro. O almanaque Ross era extenso e sua média de páginas era de 48 e era publicado anualmente.

Traz em seu conteúdo informações sobre tempo, clima, conselhos e dicas, informações sobre saúde, humorismo, entre outros. Neste almanaque destaca-se a astrologia, pois era muito presente nos exemplares, assim como assuntos que envolviam misticismo e predições. O Almanaque trazia o Oráculo do Ross com predições mensais baseadas nos signos do zodíaco.

O material ilustrativo abrange imagens preto e branco (P&B) em sua maioria e coloridas, gravuras, fotografias, desenho/ilustração à caneta e tinta, quadrinhos/desenhos satíricos, anúncios publicitários, desenhos publicitários, mapas e brasões. Os exemplares não se encontram em boas condições físicas, possuem folhas soltas, bordas danificadas, exemplares manchados, rasgados, deteriorados e incompletos. No exemplar de 1928 foi encontrado o carimbo

de registro do proprietário: José Carneiro de Rezende - Fazenda do Britto - Ipamery – Goyaz. Também foram encontrados carimbos das farmácias distribuidoras: Farmácia S. Sebastião de Randolpho Carneiro, Ipamery, Goiás em 1932 e Farmácia S. Vicente de Paula, José da Costa Paranhos, Ipameri, Goiás em 1933. As anotações do colecionador foram encontradas entre 1926-37 destacando os conteúdos de maior interesse nos exemplares e frases ressaltando a importância de guardar os almanaques:

- a) 1926 - oráculo do amor, com poesias, "Quem guarda tem, porisso guardei";
- b) 1927 - "Oraculo" e "Eisenpros de siencia";
- c) 1928 - "Face da lua", "Predeção d tempo", anedotas;
- d) 1930 - Data, predição,"oroscopo", "os santos e poclamação a cada mez", carnavalesco. No Segundo exemplar: "Lenbrnça de 1930", "Guardei - por - que - foi - dado" (1930), Estrela favorita pg. 15, encomendas da mulher, curiosidades, clima;
- e) 1932 o colecionador faz muitas anotações e o próprio adverte: "aqui tomei de verças notas necesarias", na folha de rosto: "Cana - Café - Arros, milho, trigo, batata, bacalhau godo, dias santos, oraculo, perguntas, Degestan - Oreo, número 14, data, "succo epatico - experimentar este medicamento" relatos de sonhos nas pp. 25 e 28. Na p. 28 diz que a guerra começou em 10 de julho; na p. 29 fala sobre aeroplano;
- f) 1933 - Oreo, número 15, oraculo pg. 2 Estrela favorita pg. 15, encomendas da mulher p. 32, anedotas;
- g) 1935 e 36 - anedotas, curiosidades; oráculo de Ross, clima e data.

O exemplar de 1938 está assinado por Maria (Maria Carneiro de Rezende) filha do colecionador. Entre os anos de 1927 e 1938 existem mais de um exemplar por ano, demonstrando que o almanaque foi bem difundido no Brasil e, por isso, era fácil adquiri-lo.

5.8 OUTROS ALMANAQUES

Na coleção, 22 almanaques possuem entre oito e dois exemplares. A análise descritiva destes almanaques foi sintetizada no quadro abaixo para possibilitar melhor visualização e entendimento do conteúdo.

QUADRO 03 – Análise descritiva dos almanaques com menos de 10 exemplares na coleção

Almanaques	Ex.	Ano de publicação	Variações de título	Subtítulo	Editora	Média de Páginas	Periodicidade	Idioma	Local de publicação
Raul Leite	8	1934 a 1941	-	1935 e 1936: Balsamo das Almas; 1940 e 1941: Guaraína	Laboratório Raul Leite	32 p.	Anual	Pt	Rio de Janeiro
Fosfotoni	8	1939 a 1956	Almanack do Fosfotoni; Almanaque do Fosfotoni	para 1940, para 1952	Laboratório Lister Ltda	16 p.	Anual	Pt	São Paulo
Bistol	8	1918 a 1958	Almanak Ilustrado de Bistol; Almanaque Ilustrado de Bistol; Almanaque de Bistol	anno de 1937. Preparado para os E.E. U.U. do Brazil	Lanman & Kemp-Barclay & Co. of Brazil	48 p.	Anual	Pt	New York; Rio de Janeiro
Elixir de Inhame	6	1934 a 1954	Almanak Elixir de Inhame; Almanack Elixir de Inhame; Almanack Elixir de Inhame Goulart	Elixir de Inhame depurativo-tonico. Almanaque para 1936, Para 1937. Depurativo tônico saboroso.	Lith Pimenta de Mello Cia.; Lab. Goulart	32 p.	Anual	Pt	Rio de Janeiro
Xavier	4	1932 a 1936	-	-	Xavier Irmãos Químicos Farmacêuticos Professores de Química	32 p.	Anual	Pt	São Paulo
Xarope S. João	4	1932 a 1940	-	-	Alvim & Freitas	16 p.	Anual	Pt	São Paulo
Elekeiroz	4	1917 a 1925	Almanach Queiroz; Almanack Elekeiroz	para 1917	Sociedade de Productos Químicos L. Queiroz	32 p.	Anual	Pt	São Paulo
Elixir Brasil	4	1936 a 1947	Almanack Elixir Brasil; Almanaque Agrícola Elixir Brasil	‘Biotol o dominador; Fortificante científico e moderno’	A. A. Mazza; Lab. Do Elixir Brasil; Ipiranga	24 p.	Anual	Pt	São Paulo
Famílias	3	1936 a 1938	-	-	Laboratório Paulista de Biologia	32 p.	Anual	Pt	São Paulo

Scott	3	1936 a 1939	-	-	Scott & Bowwe Inc. of Brazil	18 p.	Anual	Pt	Rio de Janeiro
Nestlé	3	1937 e 1938	Almanach Nestlé; Almanaque Nestlé	-	Cia. Nestlé	33 p.	Anual	Pt	Rio de Janeiro
Vanadiol	3	1922 a 1938	-	para 1922. Um milhão de exemplares. Benigno Mendes Caldeira, Inventor do Vanadiol, Proprietário do Laboratório Chimico Pharmaceutico Vanadiol	Laboratório Chimico Pharmaceutico Vanadiol; Muniz - Est. Gráficos	16 p.	Anual	Pt	Rio de Janeiro; São Paulo
Dr. Richards	3	1906 e 1910	-	-	Dr. Richards Dyspepsia Tablet Association	54, 09 e 63 páginas respectivamente	Anual	Pt	New York; Rio de Janeiro
Nutrotherapico	3	1928 a 1933	Almanack do Laboratório Nutrotherapico. Almanack do Laboratório Nutrotherapico Dr. Raul Leite & Cia	A Providência do Lar; Calendário para 1928	Laboratório Nutrotherapico	33 p.	Anual	Pt	Ipameri
Silva Araújo	2	1935 e 1936	-	Para 1935. Gotta's Physiologicar	Silva Araújo & Cia. Ltda.	32 p.	Anual	Pt	Rio de Janeiro
Andromaco	2	1935 e 1936	-	Cruzada pró saúde; Tenha confiança no seu médico	Laboratórios Andromaco	32 p.	Anual	Pt	São Paulo
Coelho Barbosa	2	1936 e 1937	Almanach Homeopatha Coelho Barbosa; Almanach Coelho Barbosa	Homeopathia: 1858-1937 - quase secular!	Coelho Barbosa & Cia	32 p.	Anual	Pt	Rio de Janeiro
Tapajós	2	1939 e 1940	-	para 1939	Instituto Biochimico Campinas	32 p.	Anual	Pt	São Paulo
Brasil	2	1949 e 1964	-	-	Farmácia São José em Arceburgo, MG; Gráfica Muniz S/A	32 p.	Anual	Pt	Rio de Janeiro
Bayer	2	1927 e 1930	-	para 1927, para 1930	Bayer	64 p.	Anual	Pt	Rio de Janeiro
Do Pensamento	2	1928 e 1933	-	Calendário para 1928	Empresa Editora "O Pensamento"	288 p.	Anual	Pt	São Paulo
Biocytose Saretti	2	1928 e 1932	-	para 1928, para 1932, poderoso fortificante.	Laboratório Biocytose Saretti	16 p.	Anual	Pt	São Paulo

Fonte: A Autora.

As informações contidas no quadro de análise descritiva dos almanaques com menos de 10 exemplares abrangem: título, exemplares, ano de publicação, variações de título, subtítulos, editora, média de páginas, periodicidade, idioma (Português – PT) e local de publicação. Por meio da análise, constatou-se que os 22 almanaques com menos de 10 exemplares na coleção representam 40% do total de 55 almanaques. Os 22 títulos somam 80 exemplares do total de 241.

Constata-se que a maioria dos almanaques foram publicados na primeira metade do século XX, destacando-se a década de 1930. Isso demonstra que a maioria dos almanaques foi adquirida pelo colecionador. Dos almanaques expostos no quadro, somente o Almanaque Brasil foi adquirido após a morte do colecionador. Em relação aos títulos, percebe-se que houve algumas alterações que estão relacionadas com mudanças da gramática brasileira, sobretudo em relação à letra Y, que foi retirada do alfabeto, como dito anteriormente. Essas mudanças também foram mais frequentes em relação às terminações da palavra ‘almanaque’ que antes eram finalizadas com ‘ch’, ‘ck’ e ‘k’ ao final da palavra. Os almanaques que trazem subtítulo, geralmente informam o ano para o qual o almanaque se destina: ‘para 1938’, por exemplo. Quando ou complemento, quase sempre estava relacionado com uma propaganda do medicamento veiculado no almanaque: ‘poderoso fortificante’. Alguns também trazem as tiragens e informam sobre a distribuição nas capas.

As casas publicadoras são na maior parte os próprios laboratórios farmacêuticos e em alguns casos tipografias. A maioria dos almanaques possui 32 páginas, sendo que o Almanaque Dr. Richards apresentou a maior inconstância em relação ao número de páginas, pois os três exemplares existentes na coleção possuem 54, 09 e 63 páginas, respectivamente. O mínimo de páginas era de 16 e o máximo encontrado nos almanaques da coleção, foi de 288 do Almanaque D' "O Pensamento". Todas as publicações são anuais e estão em português. Os locais de publicação mais frequentes foram Rio de Janeiro e São Paulo. Há uma publicação da cidade de Ipameri, cidade do colecionador, o Almanaque Nutrotherapico. Há duas publicações internacionais, advindas de New York, sendo que o Almanaque Dr. Richards, aponta New York e Rio de Janeiro como locais de publicação. No quadro a seguir serão apresentados os resultados da análise descritiva dos almanaques que possuem um exemplar na coleção, totalizando 26 almanaques.

QUADRO 04 – Análise descritiva dos almanaques com um exemplar na coleção

Almanaques	Ano de publicação	Subtítulo	Autor	Editora	Nº de Páginas	Periodicidade	Idioma	Local de publicação
Picot	1934	-	-	Laboratórios Picot INC, Wilmington, Del.	30 p.	Anual	Pt	Rio de Janeiro
Wintersmith	1921	Muito em pouco para agricultores, famílias, etc	-	Arthur Peter Y CA.	16 p.	Anual	Pt	Louisville, NY, USA
Andorinha	1936	-	-	Comp. América Fabril	32 p.	Anual	Pt	Rio de Janeiro
Curiosidades	[19-?]	-	-	Laboratório Velnan	24 p.	-	Pt	São Paulo
Dengue	2004	Dicas, informações, conversas, diversões e indicações úteis	Grupo de Pesquisa Antropologia da Informação. Coord. Regina Maria Marteleto	MCT, IBICT, ELOS, ENSP, FIOCRUZ	28 p.	-	Pt	Rio de Janeiro
Utilidades	1937	-	-	Foster-McClellan Co.	32 p.	Anual	Pt	Rio de Janeiro
Sian	1937	para 1937	-	Laboratório Sian	32 p.	Anual	Pt	Rio de Janeiro
Beirão	1937	Brinde da Pharmacia e Drogaria Beirão de Carvalho Leite & Comp ^a .	-	Carvalho Leite & Comp.	48 p.	Anual	Pt	Belém – Pará
Bio-Nevron	1938	para 1938	-	Laboratório Bio-Nevron	24 p.	Anual	Pt	São Paulo
Elixir 914	1938	para 1938	-	Vieira, Vellon & Cia.	20 P.	Anual	Pt	Rio de Janeiro
Santosin	1938	o protetor	-	Laboratório Santosin; Ed. Niklaus	16 p.	Anual	Pt	São Paulo
Leite de Bismutho Composto	1938	para 1938. O salvador das crianças	-	Laboratório Santa Cruz	24 p.	Anual	Pt	Rio de Janeiro
Rodhia	1938	-	-	Chimica Rhodia Brasileira	48 p.	Anual	Pt	Santa Catarina
Remédios do Lar	1938	para 1938	-	ADRA Martini & Cia	16 p.	Anual	Pt	São Paulo
ACS	2014	Quem são os agentes comunitários de saúde. O que fazem. Linha do tempo dos ACS. Dicas e informações. Contos e narrativas. Anedotas. Curiosidades. Cuidados de saúde	Grupo de Pesquisa Culti-com, Coord. Regina Maria Marteleto	CNPq, MCTI e Ministério da Saúde	73 p.	Anual	Pt	Brasília

Jawak	1945	para 1945	-	Laboratório Farmacêutico "Jawak" Ltda.	16 p.	Anual	Pt	São Paulo
Reuter	1909	-	-	Barclay & Co	40 p.	Anual	Pt	New York
Elixir Doria	1918	-	-	Doria & Comp.	34 p.	Anual	Pt	Campinas
Baruel	1920	-	-	Baruel & Comp.	32 p.	Anual	Pt	São Paulo
Sanifer	1977	-	-	Laboratório Sanifer SA	24 p.	Anual	Pt	Porto Alegre
América Inteira	1934	-	-	Laboratório A. P. Ordway	16 p.	Anual	Pt	New York
Costa Velho	1950	13º ano de publicação	-	Laboratório Costa Velho S/A	18 p.	Anual	Pt	São Paulo
Phymatosan	1951	-	-	Laboratório Phymatosan S.A.	23 p.	Anual	Pt	Rio de Janeiro
Urodonal	1931	Ofecece-vos a saúde. para 1931	-	Laboratório Urodonal	64 p.	Anual	Pt	[s.l.]
Brim Kaki Cavador	1932	para o anno de 1932	-	Typ. Almanak Laemmert; Companhia América Fabril	36 p.	Anual	Pt	Rio de Janeiro
Folhinha do Luetyl	1922	para 1922	-	Laboratório Luetyl	18 p.	Anual	Pt	[s.l.]

Fonte: A Autora.

As informações contidas no quadro de análise dos almanaques com um exemplar na coleção abrangem: ano de publicação, subtítulos, autor, editora, número de páginas, periodicidade, idioma (Português – PT) e local de publicação. Por meio da análise, constatou-se que os 22 almanaques com menos de 10 exemplares na coleção representam 40% do total de 55 almanaques. Os 22 títulos somam 80 exemplares do total de 241.

A maioria dos almanaques que possuem uma publicação na coleção são da primeira metade do século XX, com exceção de quatro: Almanaque da Dengue, Agente Comunitário de Saúde - ACS, Sanifer e Phymatosan. Os almanaques da Dengue e do ACS foram incorporados à coleção após doação da Professora Regina Marteleto. Ambos possuem a autoria de Grupos de Pesquisa coordenados por Regina Marteleto e são os únicos da coleção que possuem autoria. Em relação aos subtítulos, geralmente informam o ano para o qual o almanaque se destina. Os almanaques da Dengue e do ACS que são almanaques mais atuais, trazem o conteúdo geral do exemplar como subtítulo.

As casas publicadoras são na maior parte os próprios laboratórios farmacêuticos e em alguns casos tipografias. Os almanaques da Dengue e do ACS tiveram a produção realizada em parceria com o Governo Federal, portanto, a publicação foi realizada por meio de órgãos federais. O número de páginas dos almanaques varia muito, tendo como mínimo 16 e máximo de 73 páginas.

Os almanaques da Dengue e do ACS são publicações únicas e, por isso, não possuem periodicidade. Não foi possível averiguar a periodicidade do Almanaque Curiosidades, pois não foi possível localizar a data. Entretanto, pelas características do exemplar em relação a formato, conteúdo e ilustrações pode-se supor que o almanaque tenha sido publicado na primeira metade do século XX. Os demais almanaques são publicações anuais. Todas as publicações estão em português. Os locais de publicação mais frequentes foram Rio de Janeiro e São Paulo. Existem três publicações internacionais, originárias de New York.

6 A COLEÇÃO

A coleção de almanaques da família Carneiro Rezende é composta por almanaques entre os anos de 1906 a 2014. Isto significa que há mais de cem anos de publicações com diversos conteúdos históricos e culturais que podem ser lidos nestes almanaques. Para conhecer melhor a história dessa coleção, além da ficha de análise descritiva, também foram realizadas entrevistas com Hamilton Carneiro, guardador da coleção.

Com a primeira entrevista (ANEXO I), realizada em 2015, pode-se obter maiores informações sobre a origem da coleção, como e por quem a coleção foi formada. Hamilton informou que o colecionador foi seu bisavô e que na época que começou a coleção, o almanaque era o único veículo de informação da zona rural. Informou também que o interesse do bisavô em guardar os almanaques se deu porque estes continham informações úteis, informações que não eram perecíveis, além de ter literatura e anedotas.

Segundo Hamilton “o almanaque tinha para eles **[a família]** um valor em termos de conhecimento e todos os valores eram bem guardados, “[...] era guardado por que em qualquer época você podia voltar ali e recorrer um ensinamento que você viu, uma informação que você leu o que podia precisar dela mais tarde, então era considerado objeto de valor mesmo.” (CARNEIRO, Entrevista I, 2015, grifo nosso). Portanto, de acordo com o guardador, a informação contida no almanaque era muito valiosa e precisava ser guardada.

Buscou-se também entender como se deu o interesse do Hamilton pelo almanaque e como se deu a guarda da coleção. Em resposta, Hamilton informou que sempre lia os almanaques na infância. Informou que na cidade onde morava havia duas farmácias e que era preciso comprar algo para ganhar os almanaques. “Então você pode observar que na coleção deve ter almanaques diferentes do mesmo ano. Cada um tinha um tipo de informação. Era ligado a um laboratório diferente, então você tinha essa diversidade de informações.” (CARNEIRO, Entrevista I, 2015). Ele mesmo ia buscar os almanaques durante a infância.

Além dos almanaques que seus pais adquiriam, Hamilton, quando criança, tomou conhecimento dos almanaques mais antigos do bisavô, guardados numa cômoda como objetos de valor e se interessou. “Bom, aí quando me deparei com a coleção do meu bisavô, que eu nem cheguei a conhecer, ele guardava isso numa cômoda. Uma coisa muito bem guardada, os livros dele. Aí comecei a ver os almanaques, não só os mais recentes, mas esses antigos. Me interessei, comecei a folhear todos” (CARNEIRO, Entrevista I, 2015).

Falou que a família tinha a cultura do almanaque e que, por isso, a coleção foi passando de geração em geração. A coleção manteve-se guardada na cômoda até a sua guarda e que

após mostrar os almanaques no programa de televisão Frutos da Terra, passou a ganha-los dos seus telespectadores. Falou que essa tradição de guardar almanaques não era só da sua família, mas também das famílias próximas porque o almanaque era muito importante. Explicou que as informações eram passadas por via oral e que por isso, ocorreram várias deformações fonéticas que permanecem na fala do caipira até os dias atuais. Defendeu o caipirismo e narrou algumas de suas experiências com as deformações fonéticas, como quando contraiu malária ou maleita como era chamada no interior. Abordou o êxodo rural, afirmando que a chegada da rádio foi um grande impulsionador para que a migração do campo para a cidade acontecesse. Falou das dificuldades de ter acesso a saúde no campo e de como isso contribuiu para essa migração.

Quando questionado sobre se ele se considera um leitor de almanaques, Hamilton respondeu que foi um leitor assíduo na infância e adolescência e que os utilizou muito no seu programa de televisão, mas atualmente tem muita coisa para ler e tem uma rotina muito rigorosa, com muitas atribuições diárias, com isso não dispõe de tempo para ler almanaques. Afirma que sua leitura atualmente nos almanaques é por curiosidade.

Afirmou que seu interesse em guardar a coleção vem devido ao seu trabalho com comunicação, para mostrar a importância do almanaque como veículo de informação. Disse também que a coleção é um dos acervos da sua agência, em paralelo com outras coleções de veículos de informação. Quando questionado sobre a possibilidade de tornar acessível a coleção, citou Fernando Pessoa e disse que tem que tornar público esse conhecimento. Disse que ele mesmo não digitalizou porque dá muito trabalho.

A conversa continuou e Hamilton falou sobre seu trabalho com a cultura popular, sobretudo a música e foi questionado sobre se ele possui a característica de ser um colecionador de memórias populares. Respondeu dizendo que se sente muito pequeno nesse processo de memória, porém às vezes dá palestras sobre o tema e, acredita ser importante falar como era a publicidade antigamente.

Em seguida, Hamilton falou sobre a possível influência dos almanaques com seu trabalho de cultura popular e de como sua vivência na zona rural foi intensa, porém não muito extensa. “Tudo isso eu acho que fortaleceu as minhas raízes, embora eu nunca tivesse morado em definitivo na zona rural, mas a frequência foi muito grande e foi intensa. Eu vivi isso com muita vontade, com muito gosto. Agora eu acho que isso me influenciou” (CARNEIRO, Entrevista I, 2015).

Ao final da entrevista, Hamilton falou novamente sobre a continuidade da coleção. Disse que não há continuidade porque ele não está adquirindo edições de almanaque. Todas as

aquisições mais recentes foram doações. Falou também que seu pai continuou a coleção até a década de 1970, mas não com a mesma frequência de seus avós e bisavô, porque já havia o rádio e a televisão, outras formas de se obter informações importantes.

Por meio da análise da coleção e da entrevista, foi possível tomar conhecimento de diversas informações históricas que foram vivenciadas por Hamilton e sua família, dentre elas a migração do campo para a cidade, as mudanças na ortografia da língua portuguesa, o desenvolvimento da publicidade e propaganda no país, as campanhas de saúde veiculadas nos almanaques, entre outros conteúdos.

A análise descritiva permitiu perceber as variações nos títulos, anos das publicações, editores, número de páginas, periodicidade, idioma, locais de publicação. Em relação a autoria, os almanaques de farmácia que fazem parte da coleção não atribuíam autoria aos seus exemplares, com exceção dos almanaques da Dengue e do ACS que possuem a autoria de Grupos de Pesquisa coordenados por Regina Marteleto, que os doou para Hamilton Carneiro, e, com isso, passaram a integrar a coleção.

No que diz respeito aos títulos dos almanaques, percebeu-se que houve alterações ao longo dos anos, e, como dito anteriormente, estão relacionadas com mudanças da gramática brasileira. Os subtítulos, quando encontrados, geralmente informam o ano para o qual o almanaque se destina e/ou uma propaganda do medicamento veiculado no almanaque.

Cada um dos 55 almanaques da coleção tem sua própria casa editora englobando os laboratórios (ex.: o almanaque Capivarol foi editado pelo próprio Laboratório Capivarol), grandes companhias e institutos (ex.: o Ross foi publicado pela companhia The Sydney Ross Co.), editoras (ex.: Saúde da Mulher foi publicado pela editora Daudt, Oliveira & Cia.) e gráficas (ex.: o Almanaque Vanadiol foi publicado pela gráfica Muniz - Est. Gráficos).

Quanto às dimensões físicas, a maioria dos almanaques da coleção tem o formato 18,3 x 13,4 cm e possuem uma média de 32 páginas. Esses valores são próximos às dimensões físicas informadas por Meyer. Esse formato já havia sido exposto acima por Casa Nova (1996). Segundo Meyer esse era o formato padrão e a média era de 36 páginas, sendo que esse formato era intencionalmente popular visto que:

O almanaque de farmácia podia ser levado de um lado para o outro com a maior facilidade – brinde das lojas, presente de Natal ou Ano Novo. E assim se espalhava pelo interior do Brasil, interessando, sobretudo ao homem do campo e a sua família, carentes de informação, que, no início de cada ano procurava nas farmácias, para se informar e se distrair, como se fosse um livro, objeto de difícil acesso para a maioria (MEYER, 2001, p. 127-8).

A quantidade de páginas dos almanaques varia entre 16 e 288 páginas. A maioria dos almanaques da coleção possuem 32 páginas (19 exemplares). Há nove almanaques com 16 páginas, sendo que dentre estes a maioria são publicações de fora do Brasil. O almanaque com mais páginas é o almanaque D’Pensamento, com 288 páginas.

O primeiro almanaque da coleção data de 1906 e até 1930 a coleção possuía 60 exemplares. A partir de 1931 a 1940, há um acréscimo de almanaques, onde foram contabilizados 104 exemplares. Este número pode estar relacionado ao aumento da quantidade de farmácias que surgiram nesse período. Antes da década de 1930, quando foi regulamentada a profissão de farmacêutico, as farmácias ou boticas, como eram chamadas na época, tinham número reduzido. Segundo Souza e Barros (2003, p. 30) “até a década de [19]30, a indústria nacional de medicamentos fazia-se presente no cenário brasileiro: as unidades de produção existentes eram, em sua maioria, de reduzidas dimensões e de origem familiar”. Segundo as autoras, as farmácias supriam o mercado que era formado por pessoas que não possuíam acesso aos serviços de saúde. Dessa forma, pode-se inferir que a quantidade de aquisições foi crescendo na medida em que o número de farmácias também aumentava. Com isso, também cresciam a quantidade de medicamentos ofertados e, conseqüentemente, a quantidade de almanaques publicitários.

Há uma diminuição da aquisição dos almanaques nas décadas seguintes a 1940, que pode ser atribuída ao falecimento do colecionador em 1945. Segundo Hamilton, todos da família tinham algum envolvimento com os almanaques, mas nem todos eram catadores. Portanto, sem a presença e o incentivo do colecionador, pode-se justificar a redução de aquisições até a década de 1970, com 47 exemplares adquiridos. As aquisições de almanaques tiveram breve aumento na década de 1970, com as aquisições do Renascim Sadol feitas por João Inácio Carneiro (13 exemplares adquiridos neste período). (CARNEIRO, Entrevista I, 2015).

A partir da década de 1980, a coleção já estava em posse do atual guardador Hamilton Carneiro. Este afirma que neste período já não alimentava mais a coleção, portanto a maioria dos almanaques a partir dessa década foi adquirida por meio de doação (CARNEIRO, Entrevista II, 2017). Com isso, foram acrescentados à coleção 19 exemplares de 1980 a 2014.

No que diz respeito à periodicidade, a maioria dos almanaques possuem periodicidade anual. Contudo, foram encontradas algumas especificidades como o exemplar do Almanach d’a Saúde da Mulher de 1912-1913 que se trata de uma publicação bianual. Esta foi a única publicação bianual encontrada na coleção e a única deste almanaque, pois as demais são anuais. O caso do Almanach Scott é diferente, apesar de ser uma publicação anual ela não tem início janeiro como geralmente são produzidos os almanaques, seu início é no mês julho até

junho do ano seguinte (1938/1939, por exemplo). Assim a publicação engloba dois anos, mas o conteúdo é referente a 12 meses. Não foi possível identificar a periodicidade do Almanaque Curiosidades, pois a data não foi localizada. Os almanaques da Dengue e do ACS são publicações únicas, portanto, não possuem periodicidade. Em relação ao idioma, todos os almanaques estão escritos em português.

No que se refere aos locais de publicação, percebeu-se que há predominância de publicações na região Sudeste, sendo que o Rio de Janeiro publicou 21 almanaques existentes na coleção. Por meio deste resultado, pode-se constatar que a região sudeste, desde a década de 1910, se desenvolveu como um grande polo da indústria farmacêutica e da indústria editorial, visto que publicou 40 almanaques dos 55 pertencentes a coleção ao longo de cem anos.

A região Sul publicou 4 almanaques existentes na coleção, sendo 2 em Santa Catarina e 2 no Rio Grande do Sul. O Estado de Goiás, Minas Gerais e Pará contam com uma publicação cada. Não foi possível identificar o local de Publicação do Almanaque Folhinha do Luetlyl. Dentre os 55 almanaques da coleção, 7 são internacionais, são eles: 1) Almanak Especial de Wintersmith para Brazil, Louisville, NY, USA; 2) Almanach Americano de Ross, Rio de Janeiro/EUA; 3) Almanak Cabeça do Leão do Dr. Ayer, Lowell, Mass. EUA; Rio de Janeiro; 4) Almanak Ilustrado de Bistol, New York; Rio de Janeiro; 5) Almanak do Dr. Richards, New York; Rio de Janeiro; 6) Almanack de Reuter, New York; 7) América Inteira, New York.

Todos os almanaques estrangeiros são oriundos dos Estados Unidos da América, sendo New York a cidade com maior número de publicações. Dos 7 almanaques, 4 deles apontam duas cidades como locais de publicação, sendo que a cidade brasileira em todos os casos é o Rio de Janeiro. Não foi possível identificar o Estado americano onde foi publicado o Almanaque Americano de Ross, contudo, o Rio de Janeiro é apontado como local de publicação. Desta forma, pode-se constatar o interesse econômico dos EUA em relação ao Brasil com os almanaques publicitários. Visto que, além das empresas americanas se associarem às empresas brasileiras, utilizando o Rio de Janeiro como local de publicação, algumas produziam números especiais para o Brasil em New York, escritos inteiramente em português. Com isso, o Brasil torna-se um nicho do mercado farmacêutico para os EUA.

No que concerne ao material ilustrativo o primeiro quesito analisado nos almanaques foi em relação a cor das ilustrações. A análise dos dados comprovou que a maioria das ilustrações eram coloridas (30 almanaques), contudo, cabe ressaltar que alguns dos almanaques traziam em suas páginas ilustrações P&B e coloridas simultaneamente. Geralmente as capas e contracapas eram coloridas com poucas ilustrações coloridas no miolo. Devido às grandes

tiragens e à distribuição gratuita, a impressão geralmente era feita em papel de baixa qualidade (FERREIRA, 2001) e conteúdo em P&B.

Uma das características mais marcantes dos almanaques é de conter muitas ilustrações. Como dito anteriormente, este foi um dos fatores que tornou os almanaques de farmácia tão populares no Brasil, sobretudo para o homem do campo e para as classes menos favorecidas socialmente (MELO, 1973). A análise dos almanaques da coleção comprovou grande presença de material ilustrativo no conteúdo dos almanaques. Como a maioria dos almanaques datam até a década de 1930, foram encontradas muitas ilustrações na forma de gravura com 54 almanaques trazendo este tipo de ilustração. Desenhos à caneta e tinta foram encontrados em 50 almanaques. As fotografias foram localizadas em 37 almanaques a partir da década de 1920, contudo, passaram a ter maior incidência a partir da década de 1930.

Os almanaques da coleção, por serem em sua maioria, almanaques de farmácia, continham muito material publicitário por meio de anúncios e propagandas. Com a exceção do Almanaque da Dengue e do ACS, todos os demais almanaques continham anúncios publicitários. Até a década de 1960 encontrou-se muito a publicidade por meio do que se denominou neste estudo de desenho publicitário. Os frascos dos medicamentos eram reproduzidos com muita riqueza de detalhes o que facilitava a sua identificação nas farmácias e, consequentemente, gerava mais eficiência nas vendas. Esses desenhos foram encontrados em 39 almanaques.

FIGURA 16 – Exemplos de desenhos publicitários nos almanaques da coleção



Fontes: Almanaque Silveira, 1935; Almanaque Silva Araújo, 1935; Livro de Utilidades, 1937.

Outro tipo de ilustração bastante presente nos almanaques da coleção foram os quadri-nhos e desenhos satíricos. Como o humorismo e o entretenimento são características muito marcantes nos almanaques, essas ilustrações eram bastante utilizadas. Dentre os almanaques

analisados, 26 continham quadrinhos ou desenhos satíricos. Alguns utilizavam quadrinhos para contar anedotas ou até mesmo para publicidade de medicamentos. Utilizavam os desenhos satíricos como forma de ironia e crítica social. Caricaturas foram pouco encontradas, dois almanaques apresentaram esse tipo de ilustração, contudo, quando utilizadas também com humorismo e sátira. Mapas foram encontrados em 11 almanaques, sendo que geralmente eram mapas do Brasil e suas regiões. Os outros materiais ilustrativos procurados não tiveram muita presença nos almanaques, sendo que 4 traziam brasões, 2 músicas e 1 trouxe colagem. Não foram encontradas ilustrações em forma de pinturas, fórmulas, plantas e tabelas genealógicas.

Notou-se, por meio da análise, que os almanaques, geralmente, buscam representar o conteúdo escrito com ilustrações. A figura abaixo pode exemplificar essa representação, onde mesmo uma pessoa que não saiba ler, poderá inferir que o conteúdo trata sobre ciência, astrologia, astronomia.

FIGURA 17 – Exemplo de ilustração representativa do Almanaque Ross, 1927



Fonte: Almanaque Ross, 1927.

A utilização das imagens nos almanaques e/ou em livros populares, mencionada anteriormente, permitiu maior difusão destes para as camadas menos favorecidas socialmente. Vários autores citados anteriormente corroboram esta afirmação sobre a utilização de imagens para a popularização da escrita (MANGUEL, 1999), para ser acessível a todos inclusive os menos letrados e analfabetos (CHARTIER, 1999; LE GOFF, 1990) e no caso dos almanaques no Brasil que possuía uma grande taxa de analfabetismo, o uso de imagens contribuiu para o sucesso deste tipo de publicação no país (MELO, 1973). O almanaque Elixir de Inhamé de 1937 chama o almanaque de “livro dos pobres” em seu editorial, evidenciando que este tipo de publicação é voltado para as classes mais populares e, portanto, seu conteúdo é planejado e

estruturado para atingir este público. Com isso, a utilização de ilustrações torna-se imprescindível.

Em síntese, conclui-se, por meio da tipologia bibliográfica dos almanaques da coleção, que a maioria dos almanaques da coleção não possuem autoria, à exceção dos almanaques da Dengue e do ACS; seus títulos e subtítulos, quando encontrados, sofreram variações ao longo dos anos por influência da gramática brasileira; cada almanaque tinha sua editora própria, sendo que nos almanaques de farmácia, geralmente era o laboratório farmacêutico do medicamento veiculado que publicava; a maioria dos almanaques da coleção tem o formato 18,3 x 13,4 cm e possuem uma média de 32 páginas, sendo que a quantidade de páginas varia entre 16 e 288 páginas; o primeiro almanaque da coleção data de 1906 e o último, recebido por doação, data de 2014; todos possuem periodicidade anual e estão escritos em português, incluindo os estrangeiros, que totalizam sete almanaques; em relação aos locais de publicação, percebeu-se que há predominância de publicações na região Sudeste, com destaque para o Rio de Janeiro e São Paulo; quanto ao material ilustrativo, constatou-se que a maioria das ilustrações eram coloridas (30 almanaques) e que destacaram-se os seguintes tipos de ilustração: a) gravura (54 almanaques); b) Desenhos à caneta e tinta (50 almanaques); c) desenho publicitário (39 almanaques); d) fotografias (37 almanaques) e; e) quadrinhos e desenhos satíricos (26 almanaques). A análise permitiu comprovar que o uso das ilustrações foi um dos fatores que contribuiu para a popularização do almanaque de farmácia no Brasil, sobretudo na zona rural que possuía grande índice de analfabetismo. A impressão em papel de baixa qualidade e distribuição gratuita, foram outros fatores que contribuíram.

Por meio da análise descritiva, constatou-se também mudanças em relação aos formatos, leiaute e material de impressão dos almanaques, o aumento de assuntos e dos temas mais voltados ao homem da cidade em detrimento dos assuntos para o homem do campo. Sobre a apresentação gráfica dos almanaques, verificou-se que estes possuem muitos anúncios publicitários e suas páginas são uma composição de textos e imagens. Nos mais antigos, os conteúdos são apresentados em papel fosco de baixa qualidade em cores ou P&B. A partir da década de 1970 há mudanças no leiaute e gráficas nos almanaques. Nesse período, como dito anteriormente, o almanaque abarca não somente os conteúdos destinados à zona rural como os destinados à cidade. Com a análise, tornou-se perceptível as seguintes alterações nos exemplares:

- a) os almanaques passaram a ter mais anúncios e mais informações;
- b) as seções foram ficando cada vez menores, com letras pequenas;

- c) constantes mudanças no leiaute com a disposição do texto e das imagens sempre sofrendo alterações;
- d) Menos espaço para agricultura, religiosidade e conselhos domésticos;
- e) Menos seções dedicadas somente às mulheres;
- f) Menos ilustrações e mais fotografias;
- g) Mais humor e quadrinhos;
- h) Aparecimento de passatempos como palavras e jogo dos sete erros;
- i) Passaram a serem mais parecidos com uma revista, impressos em papel brilhante e leiaute mais linear;
- j) Erotização feminina;
- k) Houve diminuição na presença de literatos e de literatura, de frases e pensamentos (citações);
- l) Aparecimento de esportes nos almanaques, principalmente o futebol. São apresentados em várias seções que trazem histórias e curiosidades.

Percebe-se que muitas dessas mudanças ocorreram na segunda metade do século XX. O desenvolvimento da indústria editorial e gráfica do país contribuiu com essas as mudanças, no que diz respeito ao formato e leiaute. Os almanaques precisavam se repaginar para continuarem atrativos para seu público, sobretudo os residentes nas cidades. As demandas informacionais dos leitores foram mudando ao longo do tempo e precisavam estar presentes nos almanaques. Nesse âmbito, tornou-se necessário a realização de alterações no conteúdo dos exemplares.

Os almanaques da Dengue e do ACS representam uma nova tendência dos almanaques. Em suas páginas, buscam conciliar características tradicionais dos almanaques com os recursos tecnológicos atuais. A diagramação segue a hipertextualidade inerente ao almanaque e é elaborada de forma a aproximar o conteúdo com o leitor. Eles mantêm sua função primordial de serem documentos de informação ao trazerem em seus conteúdos informações de utilidade prática para o dia-a-dia.

Em relação às condições físicas dos exemplares, estes sofreram a ação do tempo, do manuseio e do armazenamento. A maioria dos almanaques está com bordas danificadas, deteriorados, folhas soltas, exemplares incompletos, rasgados e manchados. Alguns reparos foram feitos ao longo dos anos para fins de conservação, como amarrar as folhas soltas com barbante ou grampeá-las, colar as páginas rasgadas com fita adesiva e encadernação própria. Hamilton foi questionado em entrevista a respeito das condições físicas e reparos dos almanaques.

Perguntou-se ao Hamilton quem fez os reparos nos almanaques e este respondeu não fez os reparos, estes foram feitos pela sua família ao longo dos anos:

Quando chegaram para mim, quando eu ganhei essa coleção, já veio assim. Porque se tinha problema, era muito papel, uma cômoda dessa você imagina como era cheio de ácaros, cupins. Você pode ver que tem folhas lá que estão bem comidas. Então como era normalmente grampeado. De tanto passar as folhas aquilo ia soltando. Ou era com cordão. Então foram tentando reparar esses almanaques para continuar utilizando (CARNEIRO, Entrevista II, 2017).

A análise descritiva também abrangeu o conteúdo veiculado nos almanaques. Para tanto foi realizada uma classificação temática dos almanaques da coleção, onde pôde-se averiguar quais os assuntos e temas eram mais recorrentes nos almanaques no país, no contexto da coleção. Os usos dos almanaques também foram analisados por meio dos rastros de leitura encontrados nos almanaques. Esses rastros compreenderam as anotações manuscritas do colecionador, rabiscos, palavras soltas e assinaturas de nomes, receitas culinárias datilografadas/digitadas extraídas dos almanaques e anexadas aos exemplares e, por fim, sinalizações com setas em seções de culinária e conselhos domésticos. Ambas as análises serão apresentadas a seguir.

6.1 CLASSIFICAÇÃO TEMÁTICA

Outro aspecto analisado foi em relação aos temas ou assuntos veiculados nos almanaques. Como dito anteriormente, os temas dos almanaques ao redor do mundo se mantiveram os mesmos ao longo dos anos (PARK, 1999; PELLEGRINI FILHO, 2009). Por meio deste estudo comprovou-se que estes temas se mantiveram no Brasil e que outros foram agregados ao quadro e, portanto, estavam relacionados a especificidades culturais e sociais do país.

O quadro de assuntos para a realização da pesquisa, como já informado, foi adaptado do estudo de Pellegrini Filho (2009). Os termos chave utilizados pelo autor no quadro de assuntos compreendem: astrologia, astronomia, calendário/tempo, cartas de leitores, cidadania, clima, conselhos, comunicação social, culinária, cultura erudita, cultura popular/folclore, curiosidades/ passatempos, datas comemorativas, feiras/mercados/eventos, hora legal, humorismo, literatura (contos, poesia), misticismo, predições, pesos e medidas, nacionalismo/regionalismo, religiões/religiosidade, saúde, tábua de marés, vida rural/ agricultura, outros assuntos.

Na adaptação do quadro de assuntos para a análise, foi acrescentado o assunto depoimentos junto a carta dos leitores. Os depoimentos estavam relacionados com a publicidade dos medicamentos presente nos almanaques. Segundo Gomes, a técnica dos testemunhos ou depoimentos representou uma das formas publicitárias mais utilizadas nos almanaques e consistia na participação direta dos consumidores através de cartas enviadas aos laboratórios. “Os depoimentos de cunho pessoal narravam – geralmente em linguagem exageradamente dramática – os percalços em busca do remédio ideal, terminando por enaltecer os efeitos alcançados com o uso (enfim) daquele determinado produto” (GOMES, 2006, p. 1011). O conteúdo emocional dos discursos veiculados, por meio dos depoimentos, incentivava os leitores que se encontravam em situação semelhante a tentar obter a mesma experiência, e, por isso, as cartas e os depoimentos funcionavam como propaganda dos medicamentos nos almanaques.

O quadro de assuntos foi organizado com a contagem de assuntos por almanaque e não por vezes que o assunto aparecia no almanaque. O objetivo foi criar uma classificação de temas recorrentes dos almanaques da coleção. Sendo assim, pode-se tomar como exemplo o assunto astrologia no almanaque Biotônico Fontoura, que aparece em 20 exemplares dos 21 existentes da coleção. Mesmo que este assunto apareça em várias páginas do exemplar, ele foi contabilizado apenas uma vez, chegando ao resultado de que dos 21 exemplares, 20 possuíam o assunto astrologia. O resultado da análise descritiva do conteúdo foi organizado num quadro com a classificação temática dos almanaques (APÊNDICE G). Segue abaixo o quadro sintetizado com os assuntos mais recorrentes no Brasil no contexto da coleção formada por 241 exemplares.

QUADRO 05 – Quantitativo dos assuntos mais recorrentes nos almanaques da coleção

Assuntos	Total
Anúncios/Publicidade	239
Saúde	239
Calendário/tempo	235
Curiosidades/Passatempos	233
Datas comemorativas	228
Astronomia	226
Humorismo	226
Conselhos	214
Religiões/Religiosidade	200
Vida rural/Agricultura	162
Astrologia	160
Clima	120
Cartas de leitores/ Depoimentos	112
Literatura (contos, poesia)	102

Culinária	83
Cultura erudita	71
Cultura popular/Folclore	50
Misticismo, predições	45
Gênero	34
Correios/ Tarifas postais	22
Música	18
Tábua de marés	16
Outros Assuntos	14
Pesos e medidas	12
Comunicação social	7
Nacionalismo/Regionalismo	7
Cidadania	6
Feiras/Mercados/Eventos	1
Hora legal	0

Fonte: A autora.

Percebe-se por meio do quadro que o assunto mais recorrente nos almanaques são os anúncios e publicidade. Isso ocorre pelo fato da coleção ser formada quase que integralmente por almanaques de farmácia e publicitários. A maioria dos almanaques traz em suas páginas muitos anúncios e propagandas seja de medicamentos ou de cosméticos, produtos de higiene, livros e produtos alimentícios. Com exceção dos almanaques temáticos da Dengue e do ACS, todos os demais trazem publicidade propaganda em seu conteúdo (239), demonstrando que os almanaques brasileiros foram concebidos e produzidos como peças publicitárias, seja da indústria farmacêutica ou outro tipo de indústria, como a editorial (Almanaque D’Pensamento) e alimentícia (Almanaque Nestlé).

O assunto saúde corrobora com essa afirmação, pois tal como o assunto anúncios e publicidade, está presente em 239 exemplares da coleção. Corresponde a textos sobre saúde, depoimento de médicos e leitores, campanhas de saúde contra a Malária e outras doenças que fazem parte das campanhas higienistas mencionadas acima, entre outros. O único almanaque que não trouxe saúde como assunto em seus exemplares foi o Almanach D' "O Pensamento", que possuía um conteúdo mais voltado para a astrologia.

Calendário aparece em terceiro, pois a coleção possui alguns almanaques não convencionais, ou seja, almanaques que não seguem o modelo ou módulo padrão de organizar seu conteúdo como um calendário, seguindo os doze meses do ano. Para Casa Nova, o calendário é a

[...] Razão mesma da existência do almanaque, essa página se repete, reatualizando-se a cada passar do mês. [...] Serve como exemplo, molde, modelo, e funciona como módulo, se pensarmos que é uma unidade dentro de um sis-

tema, que se ajusta a outras unidades análogas (outras seções do almanaque), formando um todo funcional” (1996, p. 27).

Os almanaques que não utilizam o calendário como módulo são: Picot, Curiosidades, ACS, América Inteira, Dengue e Kaki Cavadador. Os demais seguem este módulo distribuindo seu conteúdo como calendário.

Curiosidades e passatempos estão presentes em 233 exemplares. Compreendem textos com fatos curiosos até jogos, como a carta enigmática que era constantemente sinalizada pelo colecionador em suas anotações manuscritas. A carta também foi mencionada por Hamilton em entrevista. O guardador disse que, quando ele era criança, “estava muito com os almanaques. Então tinha primos, irmãos, porque a carta enigmática era maior atração dos almanaques. Eles descobriram, ‘o que é isso?’ Então resolviam a carta” (CARNEIRO, Entrevista II, 2017).

No exemplar 1938/1939 o exemplar do Almanach Scott traz a seção Brasil Curioso nas p. 10 e 11, informando a quantidade de rádios, bibliotecas, casa de diversões, jornais, museus e escolas no país como pode ser visto na foto abaixo. A imagem não está em boa qualidade porque o exemplar está grampeado e, portanto, não pôde ser totalmente aberto para melhorar a visualização. Pode-se notar também a presença de rabiscos, palavras soltas e nomes de pessoas.

FIGURA 18 – Seção Brasil Curioso do Almanach Scott de 1938/1939



Fonte: Almanach Scott, 1938/1939.

Com isso, percebe-se que nos almanaques brasileiros contidos na coleção, curiosidades e passatempos possui grande relevância. Sobretudo, nas primeiras décadas do século XX, onde os almanaques eram “uma das únicas fontes de entretenimento do homem do campo”

(CARNEIRO, Entrevista I, 2015). Nesta época não existia energia elétrica e o rádio só chegaria no interior de Goiás na década de 1950 (MARQUES, 2009), porém, deve ser levado em consideração que nos primeiros anos após a chegada do rádio, além deste ser caro, não era muito audível, como dito acima por Hamilton (CARNEIRO, Entrevista I, 2015). Hamilton fala também sobre o fato de não se ter energia elétrica na fazenda e reafirma que outras publicações não chegam no campo, mas o almanaque sim. Durante sua juventude, o almanaque preenchia com lazer e entretenimento as noites na fazenda, principalmente com a carta enigmática:

Interessante, na fazenda não chegavam livros, chegavam os almanaques. Então você viu que no almanaque, normalmente na última página vinha a carta enigmática, que tinha muita propaganda de medicamentos que ocupavam quase o espaço total do almanaque, então a gente lia e depois relia. Você chega na fazenda e à noite, por exemplo, não tem o que fazer. Antigamente a luz era de lamparina, então o jeito era ler os almanaques, as piadinhas, os versinhos, era um envolvimento interessante. [...] Enquanto estava na fazenda trazia os livros de casa e lia, mas o almanaque ocupava um tempo praticamente bom. Era uma leitura que distraia mais que os livros didáticos. (CARNEIRO, Entrevista II, 2017).

As datas comemorativas, sendo de cunho religioso ou não, estavam presentes em 228 exemplares. Esse assunto se entrelaça com religião, pois muitas das datas comemorativas expostas nos almanaques são dias de santos. Segundo Casa Nova (1996, p. 32), no “calendário do Almanaque de Farmácia, todo dia é dia de santo ou de herói. [...] Representações que a sociedade civil, o Estado, ou melhor a República, nos impõe como memória, como história brasileira.” De acordo com a autora, e rememoração dessas datas nos calendários fazem parte do discurso ideológico para conduzir e doutrinar os leitores para que eles se mantenham como bons cidadãos, como dito anteriormente. A vida desses santos e heróis servem de inspiração e modelo de comportamento a ser admirado e seguido.

A Astronomia, um dos assuntos mais característicos dos almanaques, aparece em 226 exemplares. Este assunto relacionava-se principalmente as fases da lua, mas também falava das estrelas, influência da lua sobre as marés, sobre a agricultura, ano bissexto, eclipses, planetas, entre outros. Hamilton afirma em entrevista que o pai, apesar de não ter o mesmo interesse que seu avô, o colecionador, também tinha interesse nos almanaques, sobretudo nas informações sobre agricultura. Quando criança o pai de Hamilton lia para ele essas informações e uma delas dizia respeito à influência da lua na agricultura: “Ele acreditava muito nisso das fases da lua e dizia “olha na lua nova que se corta madeira para madeira não brocar” (CARNEIRO, Entrevista II, 2017).

Humorismo também aparece em 226 exemplares por meio de anedotas e piadas, principalmente. Esse assunto era o mais apreciado pelo colecionador e pela sua família, pois, como dito anteriormente, o almanaque era uma das únicas formas de entretenimento do interior (CARNEIRO, Entrevista I, 2015).

Conselhos também tinham grande presença nos almanaques da coleção (214 exemplares). Os conselhos abrangiam dicas domésticas, alimentares, de higiene, de como criar os filhos, de educação, formas de conduta, principalmente para a mulher, informando como esta devia se portar para arrumar um marido ou para manter um casamento, entre outros. Esses conselhos que, em sua maioria, eram voltados para as mulheres, pois nesta época, cabia às mulheres zelar pelo cuidado com a família, condizem com o papel da mulher no início do século XX, discutido por Santos (2009).

O assunto Religião está presente em 200 exemplares da coleção. Atualmente o Brasil é caracterizado por seu sincretismo religioso, contudo no início do século XX era predominantemente cristão, com a maioria da população na religião Católica. Isso pode explicar a presença marcante desse assunto nos almanaques da coleção. Os principais temas relacionados à religião foram textos com informações de cunho religioso, dias e feriados santos, ‘Nossa Senhora’, entre outros. O colecionador sinalizava por meio de anotações, assuntos religiosos relacionados ao catolicismo, demonstrando seu interesse por essa religião.

A Agricultura também foi um tema recorrente nos almanaques da coleção estando presente em 162 exemplares. Até meados do século XX, quando ocorreu o êxodo rural no país, o Brasil era predominantemente rural e, com isso, o público prioritário dos almanaques era o homem do campo. Isso só começa a se alterar por volta da década de 1970, quando os almanaques se voltam também para o homem da cidade. Em relação a esse assunto, os almanaques traziam muitas informações sobre como cuidar das plantações, melhores períodos para colheitas, influência da lua como dito anteriormente em astronomia, pecuária, pesca, jardinagem, entre outros. O colecionador destacou várias passagens nos almanaques que tratavam sobre agricultura, como exemplo, tem-se a FIGURA 13 acima (p. 71), com anotações manuscritas do colecionador contendo agricultura.

Astrologia é um assunto que está relacionado ao almanaque desde a sua origem. Na coleção, astrologia está presente em 160 exemplares trazendo os signos do zodíaco, horóscopo, previsões astrológicas, entre outros temas. Dois almanaques se destacaram com esse assunto na coleção. O Almanach D' "O Pensamento" que é um almanaque de Astrologia. Este almanaque trazia em seu conteúdo a ciência exotérica e um guia prático astrológico. Outro almanaque que se destaca em relação a este assunto é o Almanaque do Ross que traz o Orácu-

lo do Ross. O colecionador tinha grande interesse nesse oráculo e o sinalizou em 6 exemplares datados de 1927-28, 1930, 1932-33 e 1935. Devido ao fato da Astrologia ser um assunto inerente ao almanaque e este não ter sido predominante nos almanaques, tendo 81 exemplares que não a abordaram em seus conteúdos, pode-se supor que possa ter influência da religiosidade cristã no país, onde a astrologia é tida como um conteúdo pagão. Contudo, por ser um assunto exotérico, a Astrologia suscita a curiosidade do leitor, tal como ocorreu com o colecionador.

O Clima também é um assunto proeminente nos almanaques da coleção, com 120 exemplares trazendo esse assunto. Os almanaques traziam as estações do ano, previsões climáticas que eram importantes para a agricultura, pois as previsões de chuva podiam influenciar o início da plantação ou a colheita.

As Cartas de leitores e/ou depoimentos também foram encontradas nos almanaques da coleção, mais especificamente em 112 exemplares. Muitos almanaques, sobretudo na primeira metade do século XX, utilizaram esse recurso como forma de reafirmar seus produtos publicitados nos exemplares. Ou seja, utilizavam os depoimentos com as experiências de cura após uso dos medicamentos dos leitores, como propaganda para validar seus produtos (GOMES, 2006). Médicos também davam depoimentos sobre os medicamentos, recomendando seu uso. Isso, como dito anteriormente, atribui ao almanaque credibilidade (PARK, 1999). Contudo, este é um espaço destinado à participação do leitor e isso confirma o almanaque como um dispositivo de diálogo, uma vez que permite que o leitor tenha voz e possa emitir suas opiniões e experiências.

Literatura foi um assunto encontrado em 102 exemplares da coleção. Os almanaques traziam contos, poesias e algumas crônicas em seus conteúdos. Isso corrobora com o que foi dito acima por Alves e Molin (2012), onde o almanaque traz saberes do senso comum, o saber popular com o conhecimento erudito. A presença de autores consagrados nos exemplares é frequente nos almanaques da coleção. Dentre eles destacam-se Monteiro Lobato no almanaque do Biotônico e Machado de Assis no Almanaque da Nestlé de 1938 e no Almanaque do ACS de 2014. Em relação à poesia, destaca-se Olavo Bilac, com presença no Almanaque do Biotônico de 1937, no Almanak do Vanadiol de 1938, no Almanaque Bistrol de 1939, Cabeça do Leão do Dr. Ayer de 1940 e no Almanaque do Fosfotoni de 1939. Outros autores também foram encontrados nos almanaques, com uma ocorrência ou no máximo duas, são eles: Augusto dos Anjos, José Bonifácio, F. Campos Abreu, Pompeu Silva, Raimundo Correia, Fagundes Varela. Autores internacionais também foram encontrados como Malba Tahan no Almanach Xarope S. João de 1932, Vitor Hugo no Almanach D' "O Pensamento" de 1928, Goe-

the e Lafontaine no Almanaque da Nestlé de 1928. Portanto, pode-se contatar que a literatura e a presença de autores consagrados davam um caráter erudito ao almanaque, atribuindo ao almanaque também, mais credibilidade.

FIGURA 19 – Página do Almanaque Nestlé de 1938



Fonte: Almanaque Nestlé, 1938.

Como dito anteriormente, o almanaque trazia em seus exemplares conteúdos voltados para a mulher, que era incumbida dos afazeres domésticos (SANTOS, 2009). Dentre eles está a culinária, presente em 83 exemplares da coleção. Traziam receitas culinárias e por vezes, abordavam a culinária regional. O guardador Hamilton Carneiro utilizou muitas dessas receitas em seu programa de TV, Frutos da Terra, como dito anteriormente.

Cultura erudita está presente em 71 exemplares da coleção. Contudo, seus conteúdos eram constantemente sinalizados pelo colecionador, principalmente quando se relacionava ao tema ciência. Segundo Hamilton, o bisavô “era muito estudioso embora fosse produtor rural, fosse fazendeiro” (CARNEIRO, Entrevista II, 2017). Com isso, pode-se justificar o interesse do colecionador por conteúdos eruditos. Os almanaques traziam além de ciência, história, artes, entre outros.

A cultura popular está presente em 50 exemplares da coleção. A linguagem regional é muito utilizada nos almanaques de farmácia. Diante da necessidade de passar a informação para o homem do campo, sobretudo a informação voltada para a saúde, seja para as campanhas higienistas, conselhos ou para a venda de medicamentos, os almanaques utilizavam a linguagem regional. Como exemplo, tem-se a FIGURA 12 acima (p. 70) que traz a palavra “Maleita” para se referir à Malária. Hamilton narrou sua experiência de quando contraiu a Malária durante a entrevista e num trecho ele aborda essa deformação fonética: “lá eles não

chamam de malária, lá eles chamam de maleita, mas também não falam maleita, falam maleta, porque é o som que assimila com maleta de mala. Então eles conhecem a maleta”. (CARNEIRO, Entrevista I, 2015). Portanto, os almanaques utilizam essa linguagem mais popular para alcançar o público. Essa aproximação com a cultura regional, popular foi um dos fatores que garantiu a grande aceitação do almanaque na zona rural. Outros temas recorrentes são os ditados e frases populares, presentes em muitos exemplares. Lendas populares e folclore também tiveram presença nos exemplares da coleção, como por exemplo, o Almanaque do Laboratório Raul Leite de 1940 que traz uma seção específica para lendas e folclore. Costumes populares, festas, culinária e crenças também foram encontrados. Alguns almanaques traziam remédios caseiros em seus conteúdos levando o conhecimento da medicina popular para os leitores.

Misticismo e predições foram encontrados em 45 exemplares. Esse assunto está muito próximo à Astrologia que também faz predições a partir dos astros. Contudo, existem outras ciências exotéricas que predizem o futuro e a mais encontrada nos almanaques foi a numerologia. O colecionador se interessava por este tipo de conteúdo, sinalizando seu aparecimento nas folhas de rosto. Como o almanaque busca instigar a curiosidade do leitor, este é um tipo de conteúdo que pode torna-lo mais atrativo.

As tábuas de marés estão presentes em 16 exemplares. Elas traziam os horários da maré alta e baixa e eram úteis para o transporte marítimo, para atividades de agricultura e lazer. Este assunto não foi sinalizado pelo colecionador nos exemplares. Como a região de Goiás é no centro do país, pode-se justificar o desinteresse por este assunto. Pesos e medidas também foram encontrados nos exemplares da coleção, mais especificamente em 12 exemplares. Contudo, não foram encontradas sinalizações a respeito deste assunto nos exemplares.

No decorrer da análise foram acrescentados assuntos recorrentes nos almanaques da coleção que não estavam originalmente no quadro de assuntos do Pellegrini Filho, tais como: gênero que aparece 34 vezes nos almanaques, principalmente no Almanach da Saúde da Mulher, publicação voltada para o universo feminino, correio e tarifas postais aparecendo em 22 almanaques e música aparecendo em 18 exemplares.

Vários assuntos dos almanaques são voltados para o que foi estabelecido como universo feminino. Conselhos, culinária, curiosidades, dicas de saúde, sobretudo com crianças, são direcionadas às mulheres. A educação da mulher era direcionada para habilidades domésticas, como exemplificado no Almanaque Nestlé com a proposta da escola de boas donas de casa na p. 34 e 35, indicando a criação de uma escola que ensinaria as meninas as obrigações domésticas e, conseqüentemente, como ser uma boa dona de casa. Tal tipo de recomendação condiz

com a época e com o conteúdo do almanaque que visa a venda de seus produtos alimentícios que serão preparados pelas donas de casa.

FIGURA 20 – Seção Scola de Boas Donas de casa do Almanaque Nestlé de 1940



Fonte: Almanaque Nestlé, 1940.

Com os avanços sociais e as mudanças ocorridas nas leis, essa realidade foi sendo alterada e a mulher passou a compor o mercado profissional no país. No almanaque Renascim Sadol, pode-se ver essa mudança na representação feminina. A partir dos anos 1970, as mulheres passaram a ser representadas de maneira mais sensual, sendo expostas nas capas dos almanaques de biquíni ou com pouca vestimenta. Geralmente as capas dos almanaques trazem mulheres, sendo que algumas são atrizes ou pessoas públicas e conhecidas. Para exemplificar as formas como as mulheres eram retratadas nos almanaques, abaixo seguem três imagens do almanaque Renascim Sadol de 1957, 1967 e 1977. Nesta comparação, pode-se ver claramente a erotização feminina nas capas dos almanaques.

FIGURA 21 – Representação da mulher no almanaque Renascim Sadol



Fonte: Almanaque Renascim Sadol, 1957; 1967; 1977.

Os outros assuntos abrangeram, como mencionado acima, educação, Jogo do Bicho/Jogos de aposta, moda e esportes. Sendo que Esportes tem destaque aparecendo em 9 exemplares. O Renascim Sadol trouxe esse tema em 7 dos 30 exemplares existentes na coleção, demonstrando que o interesse do país por este assunto teve início por volta da década de 1960, sobretudo o futebol, esporte considerado o mais popular no país. Percebe-se que este tema passou a ser mais recorrente quando os almanaques passaram a englobar conteúdos voltados para o público urbano. Os demais assuntos, apareceram de 3 a 1 vez nos almanaques, não podendo ser considerados como assuntos recorrentes.

Alguns assuntos tiveram menos de 10 ocorrências nos almanaques cada, são eles: Comunicação Social, Nacionalismo e Regionalismo, Cidadania, Feiras/Mercados/Eventos e Hora legal. Alguns almanaques trouxeram informações sobre as rádios difusoras no país, sobre meios de transporte, mas não com muita frequência. Nacionalismo e Regionalismo também não foi recorrente. Quando esse assunto era mencionado estava muito relacionado à cultura, podendo ser enquadrado como cultura popular.

A cidadania esteve presente de forma mais explícita em 6 exemplares. Contudo, como dito anteriormente o discurso apresentado no almanaque possui um tom educativo e condutor para gerar bons cidadãos (CASA NOVA, 1996). O almanaque inspira e conduz o leitor a ter atitudes concretas, por meio de conselhos e dicas e da publicidade e propaganda, que os leva a comprar o remédio publicitado no exemplar. Os almanaques brasileiros, no contexto da coleção, não costumam fazer referências a Feiras/Mercados/Eventos. Apenas o Renascim Sadol fez referência a este assunto em um dos seus 30 exemplares. A Hora legal não aparece nos exemplares da coleção.

Por meio dos dados coletados nos quadros de assunto, pode-se concluir que os almanaques brasileiros mantiveram os temas mais recorrentes dos almanaques ao longo dos anos, preservando assim, suas características temáticas e de conteúdo. Assuntos como calendário, astronomia, conselhos, cultura erudita, cultura popular, curiosidades e passatempos, humorismo, datas comemorativas, religião, saúde e agricultura foram encontrados na maioria dos almanaques da coleção. E assuntos como gênero, música e correios com as tarifas postais foram especificidades encontradas nos almanaques nacionais.

6.2 RASTROS DE LEITURAS E DE USOS

Durante a análise descritiva, constatou-se que os almanaques da coleção tiveram usos diversificados pelo colecionador e seus familiares. Para tanto, foram analisados os vestígios de leitura e de uso deixados nos exemplares, aos quais denominou-se de rastros de leitura abrangendo as anotações manuscritas, sinalizações à caneta e receitas culinárias digitadas, impressas e grampeadas nas páginas dos exemplares.

Neste contexto, foi necessária a realização de uma segunda entrevista (ANEXO II) com o guardador Hamilton Carneiro em setembro de 2017. Essa entrevista foi realizada à distância, por meio da plataforma online appear.in, e teve por objetivo conhecer melhor a família Carneiro Rezende e identificar as pessoas que tiveram envolvimento com a coleção e que tipo de envolvimento: desenvolvimento, uso, guarda. Identificar também quem poderiam ser os envolvidos com os rastros de leitura encontrados. Buscou-se saber também, mais informações a respeito dos carimbos de registros de farmácias encontrados nos almanaques. Ao ser questionado sobre os carimbos das farmácias de cidades mais distantes, Hamilton respondeu que os carimbos eram a identidade comercial das farmácias:

[...] essas farmácias mandavam para os interiores. Eles carimbavam porque ali era identidade comercial para as pessoas que ganhavam o almanaque. Então para comprar o remédio que está anunciado no almanaque, como a pílula de vida do Dr. Ross, iam comprar naquela farmácia porque estava estampado ali, não iam comprar no laboratório. Agora pode ser também então que, essas pessoas que moravam nessas cidades me mandaram. O que é mais provável é que essas farmácias mandavam para farmácias do interior, aí vinha com carinho delas, com a chancela delas (CARNEIRO, Entrevista II, 2017).

A segunda entrevista permitiu a confirmação de dados para a construção cronológica da rede familiar composta por pessoas que tiveram contato com a coleção seja para formação e desenvolvimento, seja para uso e guarda. Permitiu também ampliar o contexto histórico-social-cultural no qual se produziam e se usavam os almanaques como fontes de informação, no caso, no interior do estado de Goiás.

O rastro mais proeminente encontrado foram as anotações manuscritas feitas pelo colecionador. Em entrevista, Hamilton confirmou que as anotações eram feitas pelo bisavô “Com certeza foi meu bisavô. Pela data deve ter sido ele” (CARNEIRO, Entrevista II, 2017). José Carneiro de Rezende utilizava constantemente os almanaques, fazia anotações, apontamentos dos conteúdos que lhe eram mais importantes nos exemplares, “você pode observar nos almanaques que muitos tem o toque dele, tem anotações, tem o nome dele [...]” (CARNEIRO, Entrevista II, 2017).

Além das anotações sobre o conteúdo, o colecionador escreveu frases como "O que é dado não se come e nem joga fora, poristo guardo meos almanacks" no Almanaque do Biotônico de 1920 ou "Quem guarda tem, porisso guardei" no Almanaque Ross de 1926, demonstrando o valor do almanaque e a importância de guarda-los. Essas anotações manuscritas do colecionador foram encontradas até o ano de 1939 e estão descritas da forma que estão escritas nos exemplares.

O intuito da análise dos rastros de leitura deixados pelo colecionador foi de averiguar quais os interesses, leituras e vivências do colecionador no contexto do Brasil rural nas primeiras quatro décadas do século XX. Isso permitiu inferir sobre quais foram os temas e assuntos que motivaram José Carneiro de Rezende a guardar os almanaques e, consequentemente, dar início à coleção.

Para a realização da análise, foi realizado um levantamento de todos os assuntos assinalados pelo colecionador por meio de suas anotações manuscritas até o ano de 1939, coletadas no campo de notas da ficha descritiva de análise, num total de 31 assuntos, organizados no quadro Rastros de leituras e usos nos almanaques da coleção (APÊNDICE I). Foi levantado também quais almanaques continham esses assuntos, sendo contabilizados 31 almanaques.

Como resultado, tem-se que anedotas foi o assunto mais sinalizado pelo colecionador, com 18 almanaques contendo suas anotações ressaltando o assunto. Isso demonstra a importância que o almanaque teve para família como fonte de entretenimento e lazer. Como dito antes, era uma das únicas publicações impressas que chegava à zona rural, e por isso, era utilizada para a diversão, principalmente à noite, devido ao fato de não se ter energia elétrica e variados meios de entretenimento (CARNEIRO, Entrevista I, 2015). A mesma explicação pode ser aplicada para a sinalização do assunto "Passatempos e curiosidades" que aparecem em 9 almanaques, a carta enigmática que aparece em 7 almanaques e humorismo que aparece em 6 almanaques.

Poesia foi o segundo assunto mais assinalado pelo colecionador (13 almanaques continham anotações sobre poesia). Como dito antes por Hamilton, mesmo sem ter escolaridade, o seu bisavô era muito instruído e dava muito valor à cultura erudita e a literatura, sobretudo poesias (CARNEIRO, Entrevista I, 2015). Uma das anotações encontradas no Almanaque Cabeça de Leão do Dr. Ayer de 1916, diz "Boas puisias de janeiro a dezembro". Além do interesse registrado do colecionador pelo assunto, Hamilton informou em entrevista, que esse também era um assunto que interessava a sua família. Durante a entrevista rememorou uma poesia que ele leu num almanaque e que ele não esquece "se cada vez que em ti penso uma

estrela se apagasse, talvez nesse céu imenso, nenhuma estrela brilhasse” (CARNEIRO, Entrevista I, 2015).

Doenças e remédios, Astronomia e Datas apareceram sinalizadas em 12 almanaques. Doenças e remédios tem relação com as anotações sobre explicações e conselhos de tratamento de doenças e sobre os medicamentos publicitados nos exemplares. Como exemplo, tem-se as anotações no almanaque Raul Leite de 1939 que recomenda "tomar remédio na p. 14", no Almanaque Silva Araújo de 1935 “Com medicamento Silva-Araujo” e no Almanaque de Ross de 1932 "succo epatico - experimentar este medicamento". Isso demonstra que os depoimentos de leitores e médicos que dão credibilidade ao almanaque (PARK, 1999) aliados à pouca informação e ao pouco acesso aos serviços de saúde, conseguem alcançar os leitores e influencia-los a comprar (experimentar) os medicamentos.

Em relação à Astronomia, o tema que o colecionador mais sinalizava eram as fases da lua. Por ser agricultor, acreditava que as fases da lua tinham influência sobre a plantação e a colheita e isso pode justificar seu interesse por este assunto. O mesmo argumento é válido para o assunto “Previsão do tempo/clima”, que apareceram em 9 almanaques e que pode interferir nas plantações e colheitas, portanto, também eram de interesse para o colecionador. O tema específico de agricultura apareceu em 8 almanaques. Informações sobre tipos de plantações e cultivos eram as anotações mais frequentes encontradas.

As datas referem-se à marcação do dia, mês e ano que o colecionador ou ganhou o almanaque ou fez as sinalizações. Essas datas podiam vir ou não acompanhadas do nome Fazenda do Britto, que apareceu sinalizada em 6 almanaques.

As seções do almanaque se referiam aos textos veiculados nos almanaques. Geralmente eram os títulos dos textos sobre curiosidades, contos ou outros textos. Esse tipo de sinalização foi encontrado em 11 almanaques diferentes. Como exemplo, tem-se o Almanaque Silveira de 1931 o destaque da seção "a espoza pede o filho pg 15” e Almanaque da Saúde da Mulher de 1914 com destaque para a seção “definição do amor”.

Predições e misticismo foram sinalizadas pelo colecionador em 10 almanaques. A análise permitiu comprovar que o colecionador possui grande interesse em assuntos místicos e exotéricos, sendo que o tipo de predição que ele mais ressaltava nas suas anotações era oráculo, com destaque para o Almanaque de Ross que trazia o Oráculo do Dr. Ross. Outra anotação sobre predições foi encontrada no Almanaque Cabeça de Leão do Dr. Ayer de 1925, “a sciencia oculta das mãos”. Outro tipo de predição muito sinalizado pelo colecionador era a interpretação dos sonhos, como no Almanaque Urodonal de 1931, com a anotação "Significação do sonho". Estas anotações sobre misticismo e predições podem ter relação ao seu desejo por

conhecimento, curiosidade pelo exotérico, visto que nessa época, sobretudo no campo onde não circulavam muitas informações, as pessoas eram muito supersticiosas e acreditavam em crendices e lendas para explicar o desconhecido. Outro fator que pode ter influenciado o colecionador pode ter sido o entretenimento que as predições proporcionam, como jogos de adivinhações.

Como dito anteriormente, assuntos de cunho religioso eram de interesse para o colecionador. As anotações referiam-se a conteúdos mais gerais, como por exemplo, o Almanaque Reuter de 1909 que contém a anotação “palavras de cunho religioso p. 37”. Assuntos religiosos relacionados com a zona rural como no Almanaque da Saúde da Mulher de 1931, com a anotação “Cristo e rocismo pg. 9”, este assunto também se relaciona com cultura regional sinalizada em 2 almanaques. E assuntos mais específicos como quando o almanaque continha a ‘Nossa Senhora’ em seu conteúdo, como exemplo, tem-se o Almanaque Xavier de 1932, onde o colecionador escreveu “A Imagem de Nossa Senhora Aparecida”. Isso demonstra que o colecionador e sua família tinham interesse neste assunto, sobretudo em conteúdos católicos. Isso comprova a predominância da Religião Católica até meados do século XX.

Conselhos e dicas foram sinalizados em 7 almanaques. Acima foi mencionado que era um assunto voltado para a mulher, mas havia também muitos conselhos sobre agricultura e saúde. No almanaque Elixir Brasil de 1936, o colecionador anotou “conselhos” na folha de rosto e no Andromaco de 1935 anotou “bons conselhos”. Como a maioria das anotações eram generalizadas e sem páginas, não se pôde apurar qual tipo de conselho José Carneiro de Rezende se referia.

Astrologia também foi sinalizada pelo colecionador. Foram encontradas anotações sobre horóscopo e 6 almanaques. Como dito antes, havia grande interesse sobre conhecimento exotérico e, com isso, astrologia era comumente sinalizada.

Como mencionado acima, o colecionador era muito estudioso e se afinava com conteúdo mais culto (CARNEIRO, Entrevista I, 2015). A cultura erudita era sinalizada pelo colecionador principalmente quando se tratava de ciência. Este assunto apareceu em 5 almanaques, mas foi diluído em anotações sobre literatura e seções do almanaque. Como exemplo, tem-se o Almanaque Ross de 1926 com a anotação "Eisenpros de siencia", Almanaque Urodonal de 1931 com as anotações "orgo abominais" [órgãos abdominais] e “a lágrima”.

O Calendário foi sinalizado pelo colecionador em 5 almanaques. A anotação era feita por meio da palavra “calendário” o que não permitiu maior exploração quanto a este assunto. Notou-se que o colecionador relacionava ao assunto dias santos e datas comemorativas que apareceram em 2 almanaques.

Outros assuntos também foram sinalizados, porém com menos frequência. Propagandas, impostos (principalmente em relação às tarifas postais) e índice foram encontradas nas anotações de 3 almanaques cada. Contos (com exceção dos contos que ele sinalizava como seções do almanaque), depoimentos, história e mapa aparecem sinalizados em 2 almanaques cada. Assuntos mais relacionados à mulher como gênero e culinária foram sinalizados em 1 almanaque cada, assim como música e educação onde a anotação foi encontrada no Almanaque Elixir de Inhame de 1937, “abecedário”.

Outro rastro de leitura encontrado também foi sob a forma de anotações manuscritas, mas tratava-se de rabiscos, números, alfabeto, palavras soltas e extraídas do texto, datas e nomes de pessoas, no período de 1939 a 1955, em 23 almanaques e 36 exemplares. Em entrevista, o guardador foi questionado sobre a procedência desse tipo de anotação, se poderiam ter sido crianças e se os almanaques foram utilizados como apoio didático. Em resposta, Hamilton confirmou o uso dos almanaques por crianças: “Acredito que aí pode ter sido meu pai, minha tia (Hilda) que é irmã dele e outros lá em volta da fazenda” (CARNEIRO, Entrevista II, 2017, grifo nosso). Portanto, os rabiscos encontrados pertenciam ao João Ignácio e à Hilda Carneiro quando crianças. De acordo com a análise e entrevistas, outras crianças também utilizaram os almanaques ao longo dos anos, incluindo o guardador Hamilton.

Alguns nomes estão presentes nos exemplares que não fazem parte da família Carneiro Rezende. Sendo que essa confirmação veio por meio da entrevista com Hamilton. Como as assinaturas pertencem a pessoas que não fazem parte da família, tratam-se de exemplares doados. São eles: a) Benedicta - Almanach da Saúde da Mulher, 1908; b) Juvenilda Borges – Almanaque Brasil, 1949; c) Jorge Gonçalo - Capivarol, 1951; d) Valter Borges – Elixir de Inhame, 1954; e) Juracy Brettas e Maria de Araújo – Almanaque do Biotônico, 1987. Existem outros exemplares doados, mas estes citados acima foram confirmados por Hamilton, por conterem nomes que não fazem parte do seu núcleo familiar.

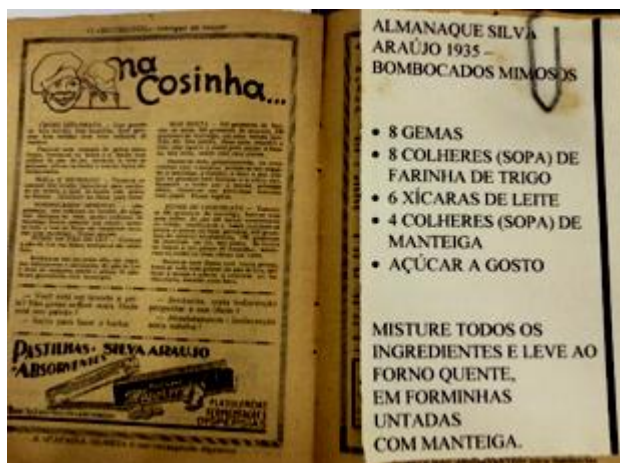
O terceiro rastro de leitura encontrado nos almanaques foram as receitas culinárias extraídas do exemplar, digitadas e anexadas aos almanaques. Hamilton revelou que era ele quem fazia essa prática para uso no Programa de TV, Frutos da Terra.

Quando eu estava utilizando os almanaques no meu programa de televisão, pegava receitinha dos almanaques e as letras eram muito pequenininhas. Então datilografava, talvez você tenha visto que era o tipo da máquina mesmo, máquina de datilografar. Aí colava na página e quando eu abria, lia com mais facilidade a receita. [...] O almanaque já era pequeno, então para câmera focalizar aquilo também era difícil, para pessoa rodar. Então datilografava

e lia ou digitava, não lembro que época foi, mas então lia com mais facilidade (CARNEIRO, Entrevista II, 2017).

Esse tipo de rastro foi encontrado em 13 almanaques e 32 exemplares. Demonstrando que os almanaques foram utilizados pelo guardador e ainda possuem valor de uso como fonte de informação. Também foram encontradas sinalizações por meio de setas e como não era a forma que o colecionador destacava as informações relevantes, acredita-se que estas sinalizações tenham sido feitas por Hamilton para uso em seu programa de televisão. As setas sinalizavam receitas culinárias e dicas de saúde.

FIGURA 22 – Página do Almanaque Silva Araújo de 1935 contendo receita culinária utilizada no Programa de TV Frutos da Terra



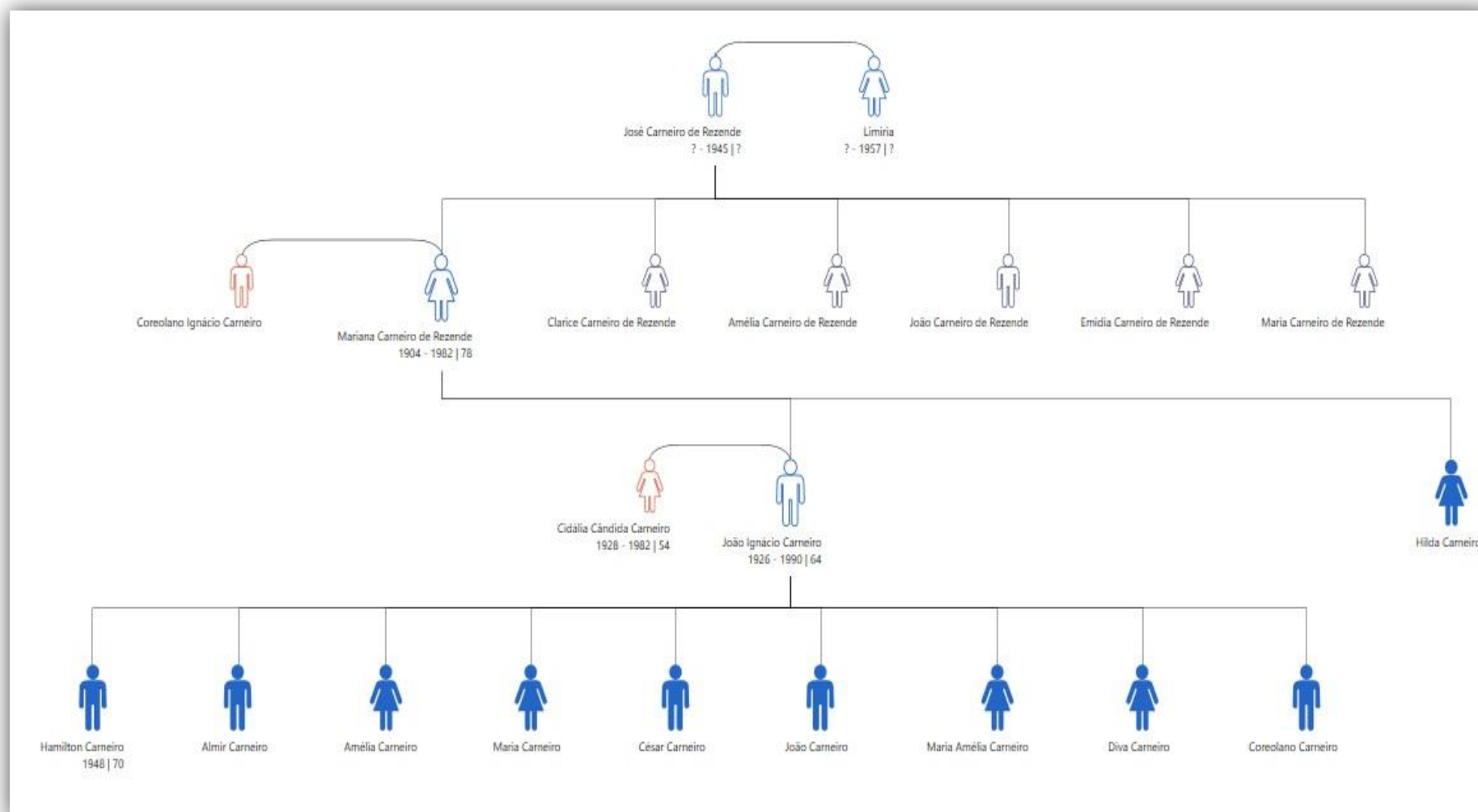
Fonte: Almanaque Silva Araújo, 1935.

Em entrevista, Hamilton informou que essas receitas também eram utilizadas pelas mulheres da família: “Muitas receitas as donas de casa da minha família, aproveitavam, faziam. Almanaque era a literatura mais utilizada na zona rural.” (CARNEIRO, Entrevista II, 2017). Portanto, a culinária foi bem explorada pela família Carneiro Rezende nos almanaques. Não foram encontrados rastros de leitura e de uso em 12 almanaques.

A análise dos rastros de leitura e dos usos do almanaque permitiram saber quais os assuntos eram mais relevantes para o colecionador, com destaque anedotas, poesia, saúde, astronomia, predições, passatempos, curiosidades, clima, religião e agricultura. Mostrou que os almanaques foram bem utilizados pela família, pois foram encontradas muitas assinaturas dos membros da família ao longo dos anos. Crianças utilizaram os almanaques para a leitura e entretenimento e os irmãos João e Hilda os utilizaram como apoio didático. Hamilton os utilizou de várias maneiras e imprimiu seus rastros de leituras nos exemplares, seja com sua assinatura, seja com setas ou com folhas contendo receitas culinárias grampeadas em suas folhas.

Por meio dos rastros de leitura foi possível identificar as pessoas que fizeram parte da formação, desenvolvimento e uso da coleção, formando assim uma rede familiar de leitores. Desde seu formador, José Carneiro de Rezende, a coleção passou por várias gerações e teve diferentes usos ao longo dos anos. Segue abaixo um organograma com a árvore familiar de leitores em torno da coleção.

FIGURA 23 – Árvore familiar de leitores e usuários da coleção de almanaques



Fonte: A Autora.

A rede de leitores tem início com o colecionador, José Carneiro de Rezende. Não foi possível saber o ano de nascimento do colecionador, mas pode-se supor que, devido ao fato dele ter fundado a Fazenda do Britto em 1902, ele possa ter nascido por volta de 1880, vindo a falecer em 1945, com cerca de 65 anos. José Carneiro de Rezende utilizou bastante seus almanaques adquiridos nas farmácia. A partir das suas leituras, fez anotações até o ano de 1939 e os guardou como objetos de valor em sua cômoda. “ele passou a guarda-los numa cômoda trancada junto com outros objetos considerados de valor, “[...] essa coleção ficava muito bem protegida numa cômoda e essa cômoda ninguém tinha a chave, só meu bisavô mesmo e minha bisavó [...]” (CARNEIRO, Entrevista II, 2017). José Carneiro de Rezende passou para os filhos a tradição dos almanaques e os ensinou a valoriza-los, usa-los e guarda-los.

Com isso, o colecionador e todos os guardadores posteriores da coleção viram a necessidade de se guardar esses documentos para poderem continuar a usa-los como documentos de informação e para repassá-los às próximas gerações. Na entrevista é ressaltado o envolvimento da família com a coleção: “então todos tiveram uma participação pequena em relação aos almanaques. Participação de leitura, de conhecimento, todos conheciam. E de guarda também.” (CARNEIRO, Entrevista I, 2015).

Não foi possível saber se a esposa, Limiria Mendes Carneiro, também era leitora dos almanaques. Por meio da entrevista, soube-se que ela era guardadora, pois só ela e o marido que possuíam a chave da cômoda. Depois do falecimento do marido em 1945, continuou a guarda dos almanaques até seu falecimento em 1957, quando a cômoda foi repassada à sua filha mais velha, Mariana Carneiro Rezende.

Além de Mariana, o casal teve mais cinco filhos que tiveram envolvimento com a coleção de almanaques, seja buscando nas farmácias, seja na sua utilização. Dentre eles Amélia Carneiro de Rezende, casada com Sebrão Carneiro de Rezende, sendo que as assinaturas de ambos foram encontradas nos exemplares. A assinatura de Amélia foi encontrada no Almanaque Nestlé de 1938 e a assinatura de Sebrão foi encontrada no Almanaque do Biotônico de 1943.

A assinatura de outra filha, Maria Carneiro de Rezende, foi encontrada em alguns exemplares – Almanaque Ross, Almanaque das Famílias, Vanadiol de 1938 e o nome de e seu esposo, José Fagundes foi encontrado em dedicatórias de seu sobrinho João Inácio Carneiro. Os outros filhos eram Clarice, João e Emidia Carneiro de Rezende, mas seus nomes não foram encontrados nos almanaques.

Após a morte do colecionador e sua esposa, a guarda da coleção passou para a sua filha, Mariana Carneiro de Rezende. Nascida em 1904 e falecida em 1982, era casada com Co-

reolano Ignácio Carneiro e morava em Catalão, região próxima a Ipameri, Goiás. Coreolano Ignácio Carneiro morreu jovem, aos 27 anos, e, com isso, Mariana voltou para a casa dos pais – a Fazenda do Britto, onde “continuou cultivando todos esses hábitos da família, de coleção de almanaques e de outras coisas, os conhecimentos caseiros” (CARNEIRO, Entrevista II, 2017). Portanto, ela também era uma catadora de almanaques e os utilizava para leitura e aquisição de conhecimentos domésticos. Pode-se observar sua assinatura em alguns exemplares da coleção, como no Almanaque Cabeça do Leão do Dr. Ayer de 1924 e 1939, no Almanaque das Famílias de 1936 e no Almanaque de Bistrol em 1940. Ela herdou a cômoda com a coleção e outros objetos de valor a seu pai e passou a ser guardadora da coleção de almanaques.

[...] eu lembro dos genros, meus tios avós, doidos para abrir essa cômoda para saber o que tinha. Porque tinha coisas de ouro, tinha anéis, cordões de ouro, então o ouro da casa ele guardava ali [na cômoda]. Tinha muita coisa de valor nessa cômoda e era trancada. Então eles ficaram doidos para abrir para ver o que tinha dentro para ver se o que tinha ia ser devidamente dividido (CARNEIRO, Entrevista I, 2015).

Na cômoda, além da coleção de almanaques e dos objetos mencionados acima, tinha livros antigos, livros de medicina, vidros de remédios e outros (CARNEIRO, Entrevista I, 2015). Mariana teve dois filhos que também herdaram a cultura da busca, uso e guarda dos almanaques. João Ignácio Carneiro, nascido em 1926, também era catador de almanaques nas farmácias e os utilizava para leitura e obter informações sobre astronomia e agricultura, como mencionado acima. Sua assinatura foi encontrada nos exemplares nos anos de 1939, 1940, 1941, 1942 e 1944. Entre esses anos encontram-se muitos rabiscos, letras do alfabeto, numerais, palavras soltas, datas e nomes de pessoas comprovando que ele utilizou os exemplares como apoio didático. Em 1940, ofereceu por meio de dedicatória dois almanaques ao tio José Fagundes, sendo um exemplar do Almanaque da Saúde da Mulher e outro do Almanaque do Laboratório Raul Leite.

João Ignácio casou-se com Cidália Cândida Carneiro, nascida em 1928 e que, segundo Hamilton, “não tinha muito envolvimento com essa questão dos almanaques, com esse tipo de conhecimento. Envolvimento mesmo era com as tarefas domésticas. Costurava, trabalhava em casa” (CARNEIRO, Entrevista II, 2017). O casal foi morar em Belo Horizonte em 1950, em busca de tratamento de saúde e apesar de ser lavrador, João Ignácio trabalhou como enfermeiro, profissão na qual se especializou, mas não se formou. Nesta cidade continuou a tradição dos almanaques, buscando e guardando: “Meus pais, minha família ainda buscavam os almanaques na farmácia. Eu mesmo, ainda menino, ia buscar na farmácia” (CARNEIRO, Entrevi-

ta II, 2017). Voltou para a fazenda dos seus avós por volta de 1957 onde ficou até seu falecimento em 1990, oito anos depois de sua mãe, Mariana, e sua esposa Cidália, que faleceram em 1982. Tiveram nove filhos: Hamilton, Maria Helena, Amélia, Almir, Cesar, João, Maria Amélia, Diva e Coreolano. Desses filhos, à exceção do Hamilton, não se soube de outro envolvimento deles com os almanaques, além de leitores.

Hilda Carneiro de Rezende também era filha de Mariana e assim como seu irmão, também era uma catadora e utilizadora dos almanaques. Foi morar cedo na cidade, onde continuou o hábito de buscar almanaques. Sua assinatura foi encontrada no Almanaque do Elixir Tapajós de 1940. Após o falecimento da sua mãe herdou a cômoda do avô com a coleção de almanaques e passou a ser a guardadora. Em seguida ela passou a guarda para seu sobrinho, Hamilton Carneiro: “olha você é o que tem interesse, sinto que você tem interesse então fica com a coleção” (CARNEIRO, Entrevista II, 2017).

Hamilton foi um catador e leitor de almanaques na infância e adolescência. Utilizou o almanaque como fonte de informação histórica e cultural para seu programa de televisão. Utilizou também as receitas culinárias dos almanaques no seu programa de televisão, para tanto datilografava/digitava e grampeava ao almanaque para facilitar a leitura e a gravação.

O nome de Manoel Carneiro foi encontrado nos almanaques Reuter de 1909 e Dr. Richards de 1910, mas segundo Hamilton em entrevista, não fazem parte do núcleo familiar mais próximo. Outro nome encontrado é o da tia materna do Hamilton, Arminda Cândida. Sua assinatura foi encontrada no Almanaque Elixir Brasil de 1939.

Com a análise dos rastros de leitura e dos usos encontrados nos exemplares, verificou-se verificar quais os interesses, leituras e vivências do colecionador nas primeiras décadas do século XX no país. Comprovou-se que a coleção foi formada pelo valor informacional do almanaque e que por mais de cem anos foi utilizada como fonte de informação útil para o dia a dia, como entretenimento e conhecimento. Foi utilizada também como fonte de informação histórica para rememorar o passado, sobretudo em relação à cultura popular e como veículo de comunicação, publicidade e de informação.

Por meio das suas anotações manuscritas entre os anos de 1906 e 1939, verificou-se quais eram suas leituras e vivências no contexto da zona rural do início do século XX. Em síntese, José Carneiro de Rezende se interessava por anedotas, curiosidades, humor, jogos e passatempos, saúde e ciência. Gostava do conhecimento exotérico e predições. Mostrava seu gosto pela literatura sempre sinalizando as poesias e os contos, textos que estavam ao longo das seções dos almanaques. Imprimia suas vivências nos exemplares inscrevendo datas e o nome da Fazenda do Britto, sua assinatura, listas de compras e despesas da fazenda, interesse

por agricultura e tudo que estava relacionado a ela como as fases da lua. Também foram encontrados relatos sobre sonhos e tempestades ocorridas, tal como se o almanaque fosse um diário.

Além da perspectiva do colecionador, foi possível verificar as diferentes apropriações e usos dos almanaques ao longo dos anos, por meio das entrevistas e dos rastros de leituras e de uso dos leitores e dos guardadores. Foram encontrados rabiscos, palavras soltas, letras do alfabeto, números, entre outras anotações, que comprovou o uso dos exemplares por crianças como apoio didático. Assinaturas de membros da família também foram encontradas ao longo dos anos nos exemplares. Com isso, foi possível delinear a rede familiar de leitores em torno da coleção de almanaques.

O guardador atual também fez uso dos almanaques como fonte de informação cultural e histórica, em seu programa de TV Frutos da Terra. Utilizou sobretudo, as receitas culinárias dos almanaques e, para tanto, datilografava/digitava e as anexava às páginas dos exemplares. Segundo Hamilton, essa prática era facilitar a leitura e a filmagem das receitas. Hamilton também fez sinalizações com setas em receitas culinárias e conselhos domésticos e de saúde nos exemplares. Durante as entrevistas, percebe-se que os almanaques o fazem rememorar sua infância e seu convívio familiar, suas vivências no campo e os elementos da cultura popular, dos quais ele é um propagador e incentivador por meio do programa Frutos da Terra. Contata-se também que a motivação da guarda da coleção se deu por interesse no uso das informações históricas contidas nos almanaques, mas também pela carga afetiva que a coleção carrega. Em entrevista, Hamilton confirmou que essa coleção de almanaques o inspirou a colecionar, e que seu bisavô, José Carneiro de Rezende, deixou enraizada a cultura de almanaques nas várias gerações da família ao longo de cem anos, incluindo ele.

Por meio dos interesses de formação da coleção e dos usos atribuídos aos almanaques, comprova-se que este possui relevância documental-informacional, sobretudo na primeira metade do século XX, quando o almanaque era uma das poucas fontes de informação da zona rural. Portanto, conclui-se que devido o almanaque ser um documento da cultura popular escrita e trazer conteúdos que retratam o cotidiano das camadas sociais mais populares, este possui um importante papel informacional-documental e se apresenta como um dispositivo de aproximação e diálogo entre diferentes formas de linguagens, escritas e saberes.

7 CONCLUSÃO

A coleção de almanaques da família Carneiro Resende, como se observou nessa pesquisa, foi formada no meio agrícola da cidade de Ipameri, no interior do estado de Goiás. A família Carneiro foi uma das primeiras famílias residentes da região, a partir de 1902, quando José Carneiro de Rezende, o patriarca, ali se instalou com sua família até seu falecimento em 1945. No início do século XX a região não possuía energia elétrica, o acesso por terra era ainda deficitário. Assim como em muitas regiões do interior do país, os almanaques de farmácia eram uma das poucas fontes de informação acessíveis à população.

Os almanaques de farmácia no Brasil atendiam aos interesses econômicos da indústria farmacêutica, sendo veículos de publicidade dos medicamentos, e foram utilizados como instrumentos para as campanhas higienistas promovidas pelo Estado. Ambas as funções moldaram comportamentos e modelizaram condutas sociais e de consumo a serem seguidas pela sociedade. Como durante muito tempo o almanaque de farmácia era uma das poucas fontes de informação para o homem do campo, isso lhe concedia o caráter de validade, de verdade. Era um objeto de valor e, por meio dele, o homem do campo poderia administrar melhor seu tempo, com os calendários e conselhos agrícolas, e obter informações úteis para a vida cotidiana. Por meio do incentivo ao modelo ‘ideal’ do homem da cidade, teve participação no processo de migração do homem do campo para a cidade, agindo em favor do sistema de relações de poder e de produção, seja por meio da migração para a cidade ou pelo consumo dos medicamentos anunciados nos almanaques. Assim, pode-se entender o almanaque como um tipo de publicação secular, que evoluiu com o passar do tempo, buscando acompanhar as demandas informacionais da sociedade. É essencialmente um documento de informação e de comunicação popular escrita que suscita o diálogo e provoca reflexões em seus leitores.

O almanaque foi estudado nessa pesquisa no contexto de uma coleção particular, onde os objetos de coleção passam de geração para geração, criando uma memória coletiva. Esses objetos, em sua maioria, são retirados da sua função utilitárias para serem colocados em exposição e preservados. As motivações que levam uma coleção a ser formada são muitas e subjetivas. O colecionador que atribui valor a um determinado objeto e passa a colecioná-lo. Algumas dessas motivações podem ser pelo valor social e pelo valor afetivo. No caso da coleção de almanaques da Família Carneiro Rezende, foi atribuído valor social e informacional ao almanaque e, portanto, passou-se a guarda-lo. A coleção particular estudada, esta possui característica que a diferencia de uma concepção clássica, isto é, ela foi e continua sendo utilizada, preservando a função utilitária original do almanaque como documento de informação.

A família Carneiro Rezende possuía algum envolvimento com os almanaques, seja como leitores, catadores ou guardadores. Além do colecionador inaugural, José Carneiro de Rezende, tiveram grande participação na formação e guarda da coleção a sua filha, Mariana, seus netos João Ignácio e Hilda, e seu bisneto Hamilton Carneiro, continuador e atual guardador da coleção. Conclui-se que as diferentes apropriações e usos que o colecionador, utilizadores, leitores e guardadores da coleção de almanaques, caracterizam o almanaque como documento de informação e comunicação popular escrita, comprovando seu valor infocomunicacional, social, histórico e cultural e sua relevância para a formação e instrução pragmática da vida popular.

Este estudo sobre a relevância documental-informacional do almanaque no contexto de uma coleção particular, alinhados com a continuidade de estudos sobre este tema do grupo de pesquisa Culticom, demonstra-se ser de grande contribuição para o campo de estudos da informação. Ressalta-se que, devido a pouca quantidade de pesquisas desenvolvidas sobre almanaque neste campo, se faz necessário o desenvolvimento de mais estudos a respeito do tema, dentre eles as múltiplas linguagens, formas e discursos dos almanaques, a questão da temporalidade, gênero, saúde pública, ilustrações, humor, os almanaques na atualidade e como são apresentados na comunicação impressa e digital, o almanaque como instrumento de publicidade farmacêutica, entre outros. E, sobretudo, desenvolver estudos no que diz respeito à recuperação e o tratamento de coleções para a sua conservação e estudo e em relação à necessidade de reconhecimento, pelos órgãos oficiais, do almanaque enquanto documento infocomunicacional da cultura popular escrita e de preservação da memória histórica e cultural do país.

REFERÊNCIAS

- ALMANAQUE. In: CEIA, Carlos. **E-dicionário de termos literários**. Disponível em: <http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=536&Itemid=2>. Acesso em: 03 nov. 2015.
- ALVES, Maria das Dores Valentim, MOLIN, Beatriz Helena Dal. Acaso do almanaque e da banda larga: tentativas de abarcar os enigmas do mundo. In: **O PROFESSOR PDE e os desafios da escola pública paraense**. Paraná, 2012. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2012/2012_unioeste_port_artigo_maria_das_dores_valentim_alves.pdf>. Acesso em: 27 out. 2015.
- ALMANACH **A Saúde da Mulher**. Rio de Janeiro: Daudt, Oliveira & Cia, 1938. p. 11.
- ALMANAQUE **Andorinha**. Rio de Janeiro: Comp. América Fabril, 1936.
- ALMANAQUE **Capiravol**. Rio de Janeiro: Lith Pimenta de Melo & Cia, 1934.
- ALMANAQUE **Renascim**. Santa Catarina: Laboratório Catarinense em Joinville, 1979.
- BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. Tradução de Zulmira Ribeiro Tavares. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- BENJAMIN, Walter. Desempacotando minha biblioteca: um discurso sobre o colecionador. _____. **Rua de mão única**: obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- _____. **Discursos Interrompidos I**: folosofía del arte y de la historia. Tradução de Jesús Aguirre. Buenos Aires: Taurus, 1989.
- BLOM, Philipp. **Ter e manter**. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2003.
- BRANDÃO, Hilma Aparecida. **Memórias de um tempo perdido**: a estrada de ferro Goiás e a cidade de Ipameri (início do século XX). 2005. 115 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas)- Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2005. Disponível em: <<http://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/16422/1/HBrandaoDISSPRT.pdf>>. Acesso em: 17 fev. 2018.

BRASIL. **Prefeitura de Ipameri**. 2018. Disponível em: <<http://www.ipameri.go.gov.br/ipameri/historia-e-tradicoes.html>>. Acesso em: 17 fev. 2018.

BRIET, S. **Qu'est-ce que la documentation?** Paris: Édit - Éditions Documentaires Industrielles et Techniques, 1951. 48 p. Disponível em: <<http://martinetl.free.fr/suzannebriet/questcequeladocumentation/briet.pdf/>>. Acesso em: 28 out. 2016.

CARDQUALI. **Prensa Tipográfica de Gutenberg**. 2012. Altura: 182 pixels. Largura: 269 pixels. 73,1 Kb. Formato PNG. Compactado. Disponível em: <<https://cardquali.com/e-tipografia/>>. Acesso em: 14 fev. 2015.

CARNEIRO, Hamilton. **Entrevista I**. [dez. 2015]. Entrevistador: Stella Moreira Dourado. Goiânia, 2015. 1 arquivo .mp4 (74 min.).

_____. **Entrevista II**. [set. 2017]. Entrevistador: Stella Moreira Dourado. Rio de Janeiro, 2017. 1 arquivo .mp4 (56 min.).

CASA NOVA, Vera. **Lições de almanaque**: um estudo semiótico. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

CHARTIER, Roger. **Leituras e leitores na França do antigo regime**. São Paulo: Unesp, 2004.

_____. O livro dos livros. 1999. In: PARK, Margareth Brandini. **Histórias e leituras de almanaques no Brasil**. São Paulo: FAPESP, 1999.

CÓDIGO de Catalogação Anglo-Americano – AACR2, 2.ed. São Paulo: FEBAB, 2002.

CRIPPA, Giulia. Memória: geografias culturais entre história e ciência da informação. In: MARANON, Eduardo Ismael Murguia (Org.). **Memória**: um lugar de diálogo para arquivos, bibliotecas e museus. São Carlos, SP: Compacta, 2010.

DIAS, Eliane Penha Mergulhão. A evolução da propaganda brasileira e a ideologia de orientação capitalista: uma relação dialética. GT – 02 – História da Publicidade e Propaganda UFSC, **Anais eletrônicos...** 2006. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/4o-encontro-2006-1>>. Acesso em: 23 out. 2015.

FERREIRA, Jerusa Pires. Almanaque. 2001. In: MEYRER, Marlyse (Org.). **Do almanak aos almanaques**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

FRUTOS da Terra, 2016. Disponível em: <<http://frutosdaterra.com.br/#programas>>. Acesso em: 08 ago. 2016.

GIOVANAZ, Marlise Maria. Práticas de coleção: seleção e classificação dos restos do passado. **Anos 90**, Porto Alegre, n. 11, jul. 1999. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/anos90/article/viewFile/6547/3899>>. Acesso em: 17 fev. 2018.

GOMES, M. L. Vendendo saúde! Revisitando os antigos almanaques de farmácia. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, p. 1007-18, out./dez. 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Cidades**. 2016. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=521010&search=goiás|ipameri>>. Acesso em: 18 fev. 2018.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

LEITE, Carlos Roberto Saraiva da Costa. Um mergulho no passado. **OBSERVATÓRIO da Imprensa**, 2016. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/memoria/um-mergulho-no-passado/>>. Acesso em: 24 jul. 2016.

MACHADO, Marcelo O.; ROSSI, Ednéia R.; NEVES, Fátima M. O discurso educacional e o almanaque do Biotônico Fontoura: por entre práticas de leitura e a produção de uma representação do sertanejo (1920-1950). **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.45, p. 78-88, mar. 2012. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/45/art06_45.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2017.

MACIEL, Maria Esther. **As ironias da ordem**: coleções, inventários e enciclopédias ficcionais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

MARQUES, Edmilson. **A História do rádio em Goiás (1942-1947)**. Dissertação (Mestrado)-Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009. Disponível em: <https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/Edmilson_ferreira.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2018.

MARTELETO, R. M.; NÓBREGA, Nanci Gonçalves da. Les documents et leurs appropriations: réflexions sur "information-document" et "réserve symbolique". **Sciences de la Société** (Toulouse), v. 68, p. 29-43, 2006.

_____; GUIMARÃES, Cátia; NÓBREGA, Nanci. Almanaque da dengue: conhecimento, informação e narrativas de saúde. In: MARTELETO, Regina; STOTZ, Eduardo Navarro. **Informação, saúde e redes sociais**. Rio de Janeiro: Editora FioCruz, 2011. p. 83-106.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca**. 3.ed. São Paulo: Ática, 1998.

MELO, José Marques. **Sociologia da imprensa brasileira**. Petrópolis: Vozes, 1973.

MIDIATIVIDADES. Bíblia de Gutenberg. 2015. Altura: 349 pixels. Largura: 490 pixels. 394 Kb. Formato PNG. Compactado. Disponível em: <<https://midiatividades.wordpress.com/2013/02/15/jornal-impresso/comment-page-2/>>. Acesso em: 14 fev. 2015.

MEYRIAT, J. Document, documentation, documentologie. **Schéma et schématisation**, n. 14, p. 51-63, 1981.

MOREIRA, Maria Elisa Rodrigues. Homenagear o autor, roubar o texto. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL CRIMES, DELITOS E TRANSGRESSÕES, **Anais eletrônicos...** 2012. Disponível em: <https://www.academia.edu/5895856/Homenagear_o_autor_roubar_o_texto>. Acesso em: 27 out. 2016.

MEYER, Marlyse (Org.). **Do almanak aos almanaques**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

MURGUIA, Eduardo Ismael. O colecionismo bibliográfico: uma abordagem do livro para além da informação. **Encontros Bibli**, Florianópolis, n. esp. 2009.

OTLET, Paul. **Traité de documenatation: le livre sur le livre: théorie et pratique**. Bruxelas: Editiones Mundaneum, 1934.

PARK, Margareth Brandini. **Histórias e leituras de almanaques no Brasil**. São Paulo: FA-PESP, 1999.

PELLEGRINI FILHO, Américo. **Comunicação popular escrita**. São Paulo: Edusp, 2009.

_____. Coleção. In: **ENCICLOPÉDIA Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1997. v. 1, p. 51-86.

POMIAN, Krzystof. Memória. In: **ENCICLOPÉDIA Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 2000. v. 42 (Sistemática), p. 507-516.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

SANTOS, A.T. A construção do papel social da mulher na primeira república. **Em Debate**, n.8, 2009. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/14404/14404.PDF>>. Acesso em: 24 jun. 2016.

SALGUEIRO, Mariana M. E. **Perspectiva**: colecionador: da coleção privada à exposição pública. 73 f. 2017. Dissertação (Mestrado)– Universidade de Lisboa, Lisboa, 2017.

SOUZA, Ana Maria de; BARROS, Silvia B. de Moraes. O ensino em farmácia. **Pro-Posições**, v. 14, n.1, jan./abr. 2003. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/2173/40-dossie-souzaam_etal.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2018.

Apêndice A – Ficha de Descrição Preliminar

Tipo:		Idioma:		Classificação:	
Cutter:		Volume:		Exemplar:	
Título:					
Subtítulo:					
Autor(s):					
Editora:		Ed.	Pág.	Ano	Ilustração [] sim [] não
Coleção/Série					
Notas:					
Local de Publicação:			ISBN:		
Assuntos/Descritor:					
Área:					

Apêndice B – Termo de Consentimento de Entrevista

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Fui convidado (a) a participar da pesquisa da tese de doutorado da Stella Dourado intitulada “**ALMANAQUE COMO FORMA DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO POPULAR**”, sob a orientação da Professora Doutora Regina Maria Marteleto, do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) / Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

A pesquisa se propõe ao estudo e organização da coleção de almanaques do Sr. Hamilton Carneiro, sob dois prismas: a) realizando uma tipologia dos almanaques que fazem parte do acervo quanto ao período, temas abordados, autores presentes, editores, contextualizando-os de acordo com a sua época de produção e a tradição dos almanaques no Brasil; b) realizando o seu estudo enquanto uma coleção formada a partir dos interesses, leituras e vivências do colecionador. Portanto, nesta pesquisa, participarei de uma entrevista sobre a coleção de almanaques, respondendo perguntas referentes à história da formação da coleção e sobre como esta coleção vem sendo mantida ao longo dos anos. Durante as atividades, é do meu conhecimento que poderei recusar responder qualquer pergunta, assim como interromper ou me retirar a qualquer momento, sem que explicações me sejam solicitadas ou venha a sofrer qualquer tipo de dano ou prejuízo. Esta pesquisa não representa riscos diretos para minha saúde ou bem estar. Caso eu queira tirar alguma dúvida ou solicitar algum esclarecimento poderei entrar em contato com a pesquisadora responsável a qualquer momento. Como procedimento para o teste e auxílio na análise das informações necessárias à pesquisa é do meu conhecimento que serão feitas anotações, gravações e fotografias durante a realização da entrevista. Fui informado que os dados serão gravados em texto, som e imagem e usados apenas para fins de estudo, que a guarda dos mesmos é de responsabilidade da Coordenadora da pesquisa, que o acesso aos dados será feito somente pelos pesquisadores do grupo, e que a divulgação dos resultados ocorrerá sob a forma de tese de doutorado, artigos científicos e comunicações em congressos. Não terei custo ao participar deste estudo. Concordo em participar voluntariamente neste estudo e declaro que todas as minhas dúvidas foram respondidas. Embora concordando em participar, não estou desistindo de nenhum direito.

Local e data:

Eu, (nome) HAMILTON I. CARNEIRO, concordo voluntariamente em participar deste estudo.

Assinatura do participante

Hamilton I. Carneiro

Stella Moreira Dourado (Doutoranda)

Assinatura Stella Moreira Dourado

Regina Maria Marteleto (Orientadora)

Assinatura Regina Maria Marteleto

Contato com a coordenação da pesquisa: Regina Maria Marteleto - Rua Lauro Muller, 455 - 4º andar - Botafogo - Tel.: (21) 3873-9450 - CEP: 22290-160 - Rio de Janeiro - RJ

Apêndice C – Roteiro da I Entrevista - Hamilton Carneiro

Roteiro da Entrevista

1. Sobre a pesquisa de doutorado: objetivos, incluindo o arranjo dos almanaques, ressaltando o colecionador, a coleção e os almanaques.
Entrega da pasta com proposta de organização e estudo da coleção de almanaques e assinatura do termo de consentimento.
2. Origem da coleção: do criador, aos leitores e guardadores.
3. Como se deu o seu interesse pelos almanaques e a guarda da coleção.
4. O respondente se considera um leitor de almanaques?
5. Por que guardar uma coleção de almanaques? Qual a intenção?
6. Já pensou em tornar acessível essa coleção? De que forma?
7. O trabalho que o guardador realiza em mídias televisivas, escritos e publicações contribui para a divulgação e a conservação da memória cultural do Cerrado, segundo diversos depoimentos. Essas ações teriam elos com o ato de continuar e resguardar a coleção de almanaques? De que forma?

Apêndice D – Ficha Descritiva da Coleção de Almanques

Título:																				
Subtítulo:																				
Autor(s):																				
Editora:	Pág.	Ano																		
Periodicidade:	Idioma:																			
Coleção/Série																				
Elementos icônicos: ☐ P&B ☐ Color <table border="0"> <tr> <td>☐ Fotografia</td> <td>☐ Caricatura</td> <td>☐ Plantas</td> </tr> <tr> <td>☐ Gravura</td> <td>☐ Pinturas</td> <td>☐ Tabelas genealógicas</td> </tr> <tr> <td>☐ Desenho/Ilustração à caneta e tinta</td> <td>☐ Mapas</td> <td>☐ Desenhos publicitários</td> </tr> <tr> <td>☐ Colagens (composição texto/imagens)</td> <td>☐ Brasões</td> <td>(Ilustrar revista, livro, etc)</td> </tr> <tr> <td>☐ Quadrinhos/Desenhos satíricos</td> <td>☐ Fórmulas</td> <td></td> </tr> <tr> <td>☐ Anúncios publicitários/Cartazes</td> <td>☐ Música</td> <td></td> </tr> </table>			☐ Fotografia	☐ Caricatura	☐ Plantas	☐ Gravura	☐ Pinturas	☐ Tabelas genealógicas	☐ Desenho/Ilustração à caneta e tinta	☐ Mapas	☐ Desenhos publicitários	☐ Colagens (composição texto/imagens)	☐ Brasões	(Ilustrar revista, livro, etc)	☐ Quadrinhos/Desenhos satíricos	☐ Fórmulas		☐ Anúncios publicitários/Cartazes	☐ Música	
☐ Fotografia	☐ Caricatura	☐ Plantas																		
☐ Gravura	☐ Pinturas	☐ Tabelas genealógicas																		
☐ Desenho/Ilustração à caneta e tinta	☐ Mapas	☐ Desenhos publicitários																		
☐ Colagens (composição texto/imagens)	☐ Brasões	(Ilustrar revista, livro, etc)																		
☐ Quadrinhos/Desenhos satíricos	☐ Fórmulas																			
☐ Anúncios publicitários/Cartazes	☐ Música																			
Local de Publicação:																				
Notas:																				
Área prioritária:																				

Apêndice E – Quadro de Assuntos

Almanques Assuntos	1	2	3	4	5	6
Astrologia						
Astronomia						
Calendário/tempo						
Cartas de leitores/Depoimentos						
Cidadania						
Clima						
Conselhos						
Comunicação social						
Culinária						
Cultura erudita						
Cultura popular/Folclore						
Curiosidades/Passatempos						
Datas comemorativas						
Feiras/Mercados/Eventos						
Hora legal						
Humorismo						
Literatura (contos, poesia)						
Misticismo, previsões						
Pesos e medidas						
Nacionalismo/Regionalismo						
Religiões/Religiosidade						
Saúde						
Tábua de marés						
Vida rural/Agricultura						
Outros Assuntos						
Anúncios/Publicidade						
Gênero						

Apêndice G – Condensação dos quadros de assunto

Assuntos / Almanques	Biotônico (21)	Capivarol (24)	Saúde da Mulher (22)	Picot (1)	Raul Leite (08)	Xavier (04)	Wintersmith (01)	Silva Araújo (02)	Silveira (14)	Ross (11)	Andromaco (02)	Elixir Brasil (04)	Andorinha (01)	Curiosidades (01)	Elixir de Inhamé (06)	Coelho Barbosa (02)	Xarope S. João (04)
Astrologia	20	6	6		8	4	1	2	14	11	2		1	1	3	1	2
Astronomia	20	24	22		8	1	1	2	14	11	2	4	1		6	2	4
Calendário/tempo	20	24	22		8	4	1	2	14	11	2	4	1		6	2	4
Cartas de leitores/ Depoimentos	11	24	7	1	2	1	1		14			3			5	1	2
Cidadania					1						1				1		
Clima		24	22		5		1		3	11		1	1		1	1	4
Conselhos	19	24	22	1	8	4		2	14	11	2	3	1	1	6	2	4
Comunicação social			1		2												
Culinária	2	24	1		5			2					1	1		2	1
Cultura erudita	8	2	4	1	3			2	1	1	2		1	1	2	1	
Cultura popular/Folclore	4		3	1	5				2	1	1	1		1		1	
Curiosidades/Passatempos	20	24	22	1	8	4		2	14	11	2	4	1	1	6	2	4
Datas comemorativas	20	24	22		8		1	2	14	11	2	4	1	1	6	2	4
Feiras/Mercados/Eventos																	
Hora legal																	
Humorismo	20	24	22	1	8	1		2	14	11	1	4	1	1	6	2	4
Literatura (contos, poesia)	6	10	7	1	5			2	5	3		1			2	2	4
Misticismo, predições	2	2			3					11	2				2		
Pesos e medidas			2						1		1						
Nacionalismo/Regionalismo	1		1		1											1	
Religiões/Religiosidade	16	24	22		8	4	1	2	14	4	2	4	1	1	3	2	4
Saúde	21	24	22	1	8	4	1	1	14	11	2	4	1	1	6	2	4
Tábua de marés			13														
Vida rural/Agricultura	20	24	1		12				6	2	1	4	1	1	3		2
Música	1		2	1						1						1	
Correio/Tarifas postais	2	3	2		1			1			1	2					1
Gênero			22		1												
Anúncios/Publicidade	21	24	22	1	8	4	1	2	14	11	2	4	1	1	6	2	4
Outros Assuntos	4	4	25		2			1			1	3					1

Assuntos / Almanques	Famílias (03)	Dengue (01)	Utilidades (01)	Cabeça do Leão Dr. Ayer (13)	Bistol (08)	Scott (03)	Sian (01)	Nestlé (03)	Beirão (01)	Bio-Nevron (01)	Vanadiol (03)	Elixir 914 (01)	Santosin (01)	Bismutho (01)	Rodhia (01)	Remédios do Lar (01)	Tapajós (02)
Astrologia	1	1		13	2	2		1	1	1			1	1	1		
Astronomia	3	1		13	8	3	1	3	1	1				1	1	1	2
Calendário/tempo	3	1	1	13	8	3	1	3	1	1	3	1	1	1	1	1	2
Cartas de leitores/ Depoimentos	1	1	1	2		3		3	1		3	1	1	1		1	2
Cidadania	1	1															
Clima	1			13	8		1						1	1		1	2
Conselhos	3	1	1	5	8	2	1	3		1		1		1	1	1	1
Comunicação social						2											
Culinária	3				1			3		1			1	1	1		
Cultura erudita	1	1		2	2	3	1	3				1					1
Cultura popular/Folclore	1	1		2		2		2		1		1	1	1			
Curiosidades/Passatempos	3	1	1	13	8	3	1	3	1	1	3	1	1	1	1	1	2
Datas comemorativas	3			13	8	3	1	3	1	1		1	1	1	1	1	2
Feiras/Mercados/Eventos																	
Hora legal																	
Humorismo	3	1	1	13	8	3	1	3	1	1	3		1	1	1		2
Literatura (contos, poesia)	1	1		7	5	1	1	2		1	3				1		1
Misticismo, predições		1		1	1								1				1
Pesos e medidas	1				1	1						1					
Nacionalismo/Regionalismo		1								1							
Religiões/Religiosidade	3			13	8	3	1	3	1			1	1	1	1	1	2
Saúde	3	1	1	13	8	3	1	2	1	1	1	1	1	1	1	1	1
Tábua de marés					3												
Vida rural/Agricultura	3	1		7	7	1		2		1	3		1				2
Música	1	1													1		1
Correio/Tarifas postais	3							1	1								
Gênero																	
Anúncios/Publicidade	3		1	13	8	3	1	3	1	1	3	1	1	1	1	1	2
Outros Assuntos	3					1		1	1								

Assuntos / Almanagues	ACS (01)	Fosfotoni (08)	Jawak (01)	Brasil (02)	Dr. Richards (03)	Reuter (01)	Elekeiroz (04)	Doria (01)	Baruel (01)	Bayer (02)	Renascin Sadol (30)	Sanifer (01)	América Inteira (01)	Costa Velho (01)	Phymatosan (01)	Do Pensamento (02)	Nutrothera pico (03)	Urodonal (01)	Biocytose Saretti (02)	Kaki Cavador (01)	Folhinha do Luetyl (01)
Astrologia		8		2	3	1	1			2	30	1			1	2				1	1
Astronomia		8	1	2	3	1	4	1	1	2	30	1		1	1	2	3	1	2		1
Calendário/tempo		8	1	2	3	1	4	1	1	2	30	1		1	1	2	3	1	2		1
Cartas de leitores/ Depoimentos	1	1		1	3		4	1	1								3	1	2		1
Cidadania											1										
Clima		8	1		3							1		1		2			2		
Conselhos		8		2	3	1	1	1		2	30	1	1		1	2	3	1	2	1	
Comunicação social	1					1															
Culinária		2		1			1				23	1		1	1		3				
Cultura erudita	1	2			1						16		1		1	2		1	2		
Cultura popular/Folclore	1									2	12		1			2					
Curiosidades/Passatempos	1	8	1	2	3	1			1	2	30	1	1	1	1	2	3	1	2	1	
Datas comemorativas		8	1	2	3	1	4	1	1	2	30	1		1	1	2	3	1	2	1	1
Feiras/Mercados/Eventos											1										
Hora legal																					
Humorismo	1	8	1	2	3		1	1	1	2	30			1	1	2	3	1	2	1	
Literatura (contos, poesia)	1	2		2	2	1	1	1	1	2	14					2		1			
Misticismo, predições		1					1			2	9					2		1	2		
Pesos e medidas				1							3										
Nacionalismo/Regionalismo											1										
Religiões/Religiosidade		8	1	2	3	1	4	1	1	2	13	1		1	1	2	3	1	2	1	1
Saúde	1	8	1	2	3	1	4	1	1	2	30	1	1	1	1		3	1	2	1	1
Tábua de marés																					
Vida rural/Agricultura		8	1	1	1		4	1			30	1		1	1	2	3	1		1	1
Música				1				1			2				1	2				1	
Correio/Tarifas postais							1	1								1					1
Gênero											10				1						
Anúncios/Publicidade		8	1	2	3	1	4	1	1	2	30	1	1	1			3	1	2	1	1
Outros Assuntos						1	1	1			17		1		1	1					1

Apêndice H – Roteiro da II Entrevista - Hamilton Carneiro

Roteiro da Entrevista

1. Conte-nos um pouco sobre seu bisavô, José Carneiro de Rezende. Ano de nascimento e falecimento.
2. Conte-nos um pouco sobre sua avó, Marianna Carneiro de Rezende. Ano de nascimento e falecimento. Qual a contribuição dela para a coleção?
3. Conte-nos um pouco sobre sua mãe e o seu pai. Ano de nascimento e falecimento. Qual a contribuição deles para a coleção?
4. A partir de 1938, os almanaques começaram a apresentar rabiscos, o que pode indicar que o almanaque era utilizado por criança(s). O Senhor poderia nos dizer quem seriam essas crianças? Os rabiscos foram feitos entre os anos de 1938 – 1956 (a partir deste ano, os almanaques não trazem mais anotações ms.);
5. De quem poderia ser as seguintes frases: "O que é dado não se come e nem joga fora, poristo guardo meos almanacks"? No ano de 1920, Almanaque do Biotônico, sendo que frases semelhantes aparecem em 1923; Em 1926: "Quem guarda tem, porisso guardei" (Ross). Frase "Guarda - Hoge - Amanhã ten" – 1923, Saúde da Mulher.
6. Quem datilografava/digitava as receitas culinárias e grampeava ao almanaque? No almanaque Renascim também foram datilografadas/digitadas e anexadas curiosidades e outras informações.
7. Verificar qual o parentesco das seguintes pessoas que tiveram suas assinaturas ou nomes encontrados nos exemplares:
 - a) Arminda Cândida, 1939 (Elixir Brasil);
 - b) Nome de Sebrão Carneiro de Rezende – 1943;
 - c) Nome de Jorge Gonçalo – 1951 (Capivarol);
 - d) José Fagundes – 1940 (Saúde da Mulher e Raul Leite);
 - e) Nome Benedicta de (ilegível), 1908 – Saúde da Mulher;
 - f) Nome de Maria Carneiro de Rezende, 1938 (Ross e Almanaque das Famílias);
 - g) Nome de Valter Borges, 1954 (Elixir de Inhame);
 - h) Assinado por: Hilda C. de Rezende, 1940 (Elixir Tapajós);
 - i) Assinatura de Juvenilda Borges, 1949 (Almanaque Brasil);
 - j) Nome de Manoel, 1909 (Reuter) e 1910 (Dr. Richards);
 - k) Maria de Araújo;

- l) Antonio Carneiro;
- m) Ozario;
- n) Amelia Carneiro de Rezende, 1939.

8. Verificar a procedência dos carimbos de registros das farmácias distribuidoras. São os almanaques recebidos de presente? Ou alguém morou nessas cidades e os adquiriu?

Anexo I – Transcrição da Primeira Entrevista com Hamilton Carneiro

CARNEIRO, Hamilton. **Entrevista I**. [dezembro, 2015]. Entrevistador: Stella Moreira Dourado. Goiânia, 2015. 1 arquivo .mp4 (74 min.).

Legenda:

Stella Dourado – SD

Hamilton Carneiro – HC

Regina Marteleto – RM

SD: O senhor poderia nos contar sobre a origem da coleção?

HC: Quando eu nasci, em 1948, esta coleção já estava avançada, porque vem de meu bisavô. Ele era o colecionador. E como eu morava na zona rural, o objeto de informação, o veículo de informação que se tinha, era o almanaque. Não tinha rádio. A rádio estava começando. Longe de chegar na zona rural. Então era o almanaque. As pessoas ficavam ansiosas para já no início do ano irem à cidade mais próxima, tinha que comprar alguma coisa na farmácia, quase sempre tinha que comprar e ganhava o almanaque e a folhinha, calendário. O almanaque trazia, de acordo com os tempos, informações importantes. Sobre agricultura, pecuária, fases da lua: o plantio pode ser feito na lua nova, como é o corte da madeira, a lua regula isso, se cortar a madeira na lua nova, você vai ter uma madeira sem caruncho. Então essas instruções todas e é claro que recheados de vendas de produtos farmacêuticos. Biotônico e muitos outros mais, Elixir, me lembro de muitos. Então, quer dizer, não tinha tantos medicamentos como hoje. Então os almanaques eram realmente muito importantes no processo de venda para o pessoal da zona rural, numa época que a população do país estava em torno de 80 a 90% na zona rural. Então esse era o grande comércio, o grande mercado dos laboratórios.

SD: Então ele (o bisavô) resolveu guardar esses almanaques?

HC: Guardava porque sempre tinha uma informação útil, informações que não eram perecíveis. Então tinha até poemas também no almanaque, uns versinhos e quadrinhos interessantes, então tinham informações que não passavam. E quase todos os almanaques tinha uma sessão muito interessante que era a carta enigmática. Através de símbolos ali você construía pensamentos, frases. Decifrava um texto e isso era muito importante, mas logo que preenchia ela

perdia o valor, mas as outras informações eram interessantes. Então o almanaque era um objeto ao qual as pessoas recorriam para buscar informações que as vezes tinham perdido ou sobre alguma coisa que nem sabiam.

SD: Qual o nome do seu bisavô?

HC: José Carneiro de Resende

SD: Como deu o seu interesse pelos almanaques e o porquê de continuar guardando essa coleção?

HC: Quando criança, já na cidade, frequentava muito a zona rural porque os avós, o bisavô, moravam na zona rural, mas na cidade era mais fácil. A gente tinha mais acesso ao almanaque. As farmácias estavam mais próximas. Eu sempre lia, eu fui alfabetizado já com 5 anos de idade. E a gente queria o seguinte, na cidade em que eu morava, era uma cidade muito pequena, tinha duas farmácias, então ia lá comprava em uma para receber o almanaque e ia comprar na outra para receber outro tipo de almanaque diferente. Então você pode observar que na coleção deve ter almanaques diferentes do mesmo ano. Cada um tinha um tipo de informação. Era ligado a um laboratório diferente, então você tinha essa diversidade de informações. Bom, aí quando me deparei com a coleção do meu bisavô, que eu nem cheguei a conhecer, ele guardava isso numa cômoda. Uma coisa muito bem guardada, os livros dele, tudo. Aí comecei a ver os almanaques, não só os mais recentes, mas esses antigos. Me interessei, comecei a folhear todos. Bem mais tarde, já no programa de televisão de cultura popular que eu faço, os Frutos da Terra, aí eu comecei a explorar os almanaques. Trechinhos. Olha no ano de 1948, olha o quê que aconteceu naquele ano, atualizando pelo almanaque. Às vezes alguns poeminhas, algumas informações interessantes. Não me esqueço de uma quadrinha interessante que eu li, que era bem romântica, que eu vi no almanaque, não me lembro agora em qual, mas deve estar aí: “se cada vez que em ti penso, uma estrela se apagasse, talvez nesse céu imenso, nenhuma estrela brilhasse”.

SD: Como se deu a passagem da coleção pela família? Depois do bisavô, quem continuou a coleção?

HC: Meu avô morreu muito cedo, mas minha avó morava na fazenda que meu bisavô fundou e continuou a família e também tinha a cultura do almanaque. Buscavam sempre na cidade, então tinha o almanaque. Minha avó, meus tios, primos, meu pai e minha mãe. Então continuou. Era uma coisa certa. Você sabia que no início do ano, ou as vezes até no fim do ano mesmo, em dezembro, você ia na cidade e sabia a farmácia certa onde você ia ganhar o almanaque e aí continuou. Não podia falhar. Todo ano você tinha que ter o almanaque, era uma coisa sistemática.

SD: Então a coleção passou para seu pai e depois para você?

HD: A coleção foi ficando guardada, no mesmo local [cômoda] ou até em locais diferentes. Para gente, que morava na cidade, tinham locais diferentes para guardar, mas não dispersava. O almanaque ficava ali guardado. Depois eu consegui reunir e curiosamente, mostrando na televisão, o público se interessou e recebi muitos de colaboradores que me mandavam. Alguns até que eu já tinha, outros não.

SD: Isso responde a outra pergunta, sobre como se deu a continuidade dessa coleção, pois há alguns exemplares de anos recentes. Foi por meio do envio do público, dos colaboradores. Mas a coleção foi sendo alimentada seguindo a tradição da família em relação ao almanaque?

HC: Essa tradição não era só da minha família não. Mas também de outras também, próximas, porque era muito importante o almanaque. O Almanaque era a novidade. “Como vai ser o ano que vem?!” Então você tinha informações das quais você estava distante. Como que a informação chegava na zona rural nessa época e até depois disso? Via oral. Daí você vê... Às vezes você pensa no caipira, eu defendo muito o caipira, eu não gosto da ‘caipirice’, o caipirismo eu acho lindo. Então essas informações eram passadas via oral. A pessoa passava, era uma coisa assim de passagem, então ela falava uma coisa ou lia de um jeito que a outra, o ouvinte, interpretava, ouvia, saia falando, saia repetindo. Então você vê, por exemplo, algumas palavras em italiano, que acabou entrando com a chegada dos italianos, na cultura do café, então algumas palavras em italiano acabaram ficando e eles não sabiam pronunciar direito. Aquele personagem, o Geraldinho, por exemplo, é um caipira que marcou bastante aqui em Goiás, descobri ele assim um reduto, quase um remanescente do caipirismo. E é interessante, ele tinha uma erudição. Dificilmente ele cometia um erro de concordância, mas ele cometia o erro fonético. Por exemplo, ele falava ‘nós foi’ então seria ‘nós fomos’, mas em compensação não era ‘nós

fomos’, era ‘nós fumo’. Então como ouvia, ficava ali e não tinha ninguém para explicar. O sujeito passa ali de passagem. O ribeirinho por exemplo, o turista passa deixa uma informação com ele e ele sai divulgando aquela informação, as palavras, aquilo que ele aprendeu.

Eu me lembro, a região do Araguaia, hoje já no Tocantins, uma vez a gente estava no Araguaia e tinha um barqueiro, eu fui ferrado de arraia e fiquei no rancho sofrendo, e eles foram para a última noite de pesca porque no outro dia eu tinha que ir embora porque podia virar uma infecção, complicado. Mas foram pescar a noite e quando voltaram, e o Araguaia no mês de julho, você olha para o céu e ele tá límpido, você vê muitos corpos luminosos em movimento, estrelas, e mesmo um avião que passa muito alto, um helicóptero, sei lá, e voltaram preocupados, viram uma luz azul incandescente girando, e o pessoal chegou preocupado e o barqueiro da região ria e eu perguntei “o quê que foi?” ele respondeu: “você não sabe não? ah o povo tá doido aí, tá rindo daquilo lá, tá com medo, aquilo é coisa atoa, é satelco” e eu perguntei: “o que é saltelco?” ele respondeu: “ah você não sabe não? satelco é embarcação dos estrangeiros”.

De outra vez também que eu peguei uma malária e essa malária levou um tempo para curar, porque eu devia ter ido na SUCAM, mas eu estava em São Paulo num congresso e aí comecei a tremer e aí me levaram pro ambulatório e lá não entendem nada de malária, e tive que vir para cá. Vim carregado do avião para o hospital e aliviou, mas depois voltou. Mas aí me falaram, no curso desse processo todo, duas pessoas me falaram: “olha, você tem que tomar pilha” – Pilha? Mas pilha é tóxica, é um carvão aquilo ali. Aí falaram, mas é pilha que cura, mas não falaram como tinha que ser. Fiquei com aquilo e não tomei é claro. Aí fui descobrir, me indicaram a SUCAM e eu fui na SUCAM e eles davam um comprimido, uma injeção, passou. Mas um dia eu voltei no Araguaia, exatamente no lugar em que eu contrai a malária. Tinham uns menininhos pescando, aí eu falei vou descobrir isso aqui hoje e cheguei para os meninos, lá eles não chamam de malária, lá eles chamam de maleita, mas também não falam maleita, falam maleta, porque é o som que assimila com maleta de mala. Então eles conhecem a maleita. Aí cheguei lá e você tem que falar no registro linguístico deles: “escuta, e a maleta aqui tá dando muito?” responderam: “ah tá, esse ano já levou dois” Já tinha matado dois. Perguntei: “como é que vocês curam a maleta?” responderam: “uai! a maleta a gente cura com a pilha” Eu ri e perguntei: “mas o que é que é a pilha? é aquela de lanterna?” responderam: “não moço, aquela de lanterna é pia” aí que perguntei: “o que era essa pilha então que curam vocês?” responderam: “é aquela que os homens da malaia traz [aí sim, os homens da SUCAM, cha-

mam os homens da malaia] “Mas como vocês fazem?” e eles responderam “A gente pega ela e põe no leite”. É a pílula. Então você vê que essa deformação fonética as vezes ela leva a um erro de informação importante. É claro que eu não ia tomar a pilha, mas se algum desprevenido tomasse ia ser um problema.

Mas então na zona rural o almanaque foi o primeiro veículo importante de informação. Depois sim, chegou o rádio, muito aos poucos foi chegando em fazendas de quem tinha dinheiro para comprar, porque era caro, o rádio ainda a pilha, de som difícil que também promoveu muito essa deformação fonética. Porque você não ouvia direito o som com aquela chiadeira toda. A pessoa ouvia uma coisa e saía falando. E depois começaram a chegar os veículos, começou a chegar o jipe e aí o pessoal tinha mais contato com a cidade e esse contato com a cidade foi terrivelmente prejudicial, começou o processo do êxodo rural. O rádio foi um dos responsáveis. O rádio portátil, você estava lá capinando a roça e o rádio na árvore e ele só escutando que a cidade só tinha coisa boa e tal. Começava a visitar e gostava. Então tinha duas razões para as pessoas mudarem para cidade. Primeiro, tratamento de saúde. A mulher trabalhava muito, o homem também, então você tinha muitas doenças como malária, febre amarela, teve uma incidência muito grande aqui na região da doença de Chagas, e as [pessoas] iam para cidade para tratar ou para levar os filhos para estudar. Porque os pais custaram muito a se convencer de que os filhos deviam estudar, que era um investimento bom. Porque o filho era a força de trabalho dos pais. Aí eles tinham de 8 a 10 filhos porque era a força de trabalho, força produtiva. Então era muito difícil liberar esses filhos para estudar, mas com o tempo foi liberando. Aí o contato com a cidade do qual veio esse êxodo rural incontável. Da década de 1960 para cá. De 1960 até 1980 foi o ápice dessa mudança. Então por volta de 1960 e pouco você tinha mais de 70% ainda na zona rural hoje nós temos 8%. É a civilização, o inchaço das cidades, das periferias e essa coisa que nenhuma prefeitura, nenhum estado, a união não consegue dar jeito. E eram tantos atrativos, que você não conseguia evitar. É porque quando você vê pela televisão ela dramatiza. Você tem uma imagem dramatizada, mesmo ela sendo informativa e isenta, mas no rádio não, pois você cria imagens, tudo o que fala de bom você amplia.

SD: Queríamos saber um pouco mais sobre seu ancestral, seu bisavô que inaugurou a coleção.

HC: Eu não conheci meu bisavô, só conheci por fotografia. Ele morreu 1945 e eu nasci em 1948, mas eu sei que é uma pessoa rigorosa, uma pessoa muito correta, criou uma família

numerosa trabalhando na produção rural agrícola, ia pouco à cidade. Era uma pessoa instruída, não sei o nível escolar dele, mas era instruído pelos escritos que você vê, pelas cartas que ainda tinha dele, então dava para ver que ele era bem instruído. Meu avô morreu muito cedo com 27 anos, embora morasse na zona rural, tinha farmácia na cidade e ele era farmacêutico. Mas o pessoal lá, de uma maneira geral, não era muito instruído do ponto de vista escolar. Tinham sua cultura Rural, tinham domínio dentro desse reduto deles, o domínio das ferramentas e técnicas de trabalho e progrediram, cresceram, mas não eram pessoas muito estudadas. Outros sim, os que foram para a cidade mais cedo, foram pessoas mais cultas, pessoas que tinham formação superior, mas de qualquer forma todos, desde que nasceram, estavam envolvidos nesse processo de trabalho da zona rural. Então todos tiveram uma participação pequena em relação aos almanaques. Participação de leitura, de conhecimento, todos conheciam. E de guarda também. E é interessante, o almanaque era como um disco que você compra. Você não joga fora um disco, você vai guardando e naquele tempo que a gente não tinha tanta coisa que podia ser descartável, nada era descartado tudo era guardado com zelo. E não tinha como você receber muita coisa, não se consumia muita coisa, você tinha espaço para guardar tudo. Então os almanaques tinham ali o lugar deles, certo e tranquilo. [cômoda]

SD: Você mencionou que os almanaques eram guardados com peças de valor. Como eles eram guardados?

É interessante. Quando morreu minha bisavó, ele [bisavô] morreu mais cedo, eu lembro dos genros, meus tios avós, doidos para abrir essa cômoda para saber o que tinha. Porque tinha coisas de ouro, tinha anéis, cordões de ouro, então o ouro da casa ele guardava ali [na cômoda]. Tinha muita coisa de valor nessa cômoda e era trancada. Então eles ficaram doidos para abrir para ver o que tinha dentro. Para ver se o que tinha ia ser devidamente dividido. É interessante, eu cheguei a achar vidros de medicamentos. Cheguei a pedir para tirar depois, para lavar e higienizar para guardar. Esses vidros de medicamentos nunca foram usados, então esse medicamento petrificou, cristalizou e aqueles vidros lindos que eram o marketing da embalagem para atrair o consumo do produto. Aí eu guardei alguns, uma tia minha também guardou e chegou a me dar uns. Então esses vidrinhos estavam juntos com vários objetos. Tinha o ouro, tinha uma coleção de moedas antigas de prata. Era uma variedade de coisas que precisavam ficar guardadas longe do alcance de ambiciosos. Tinha livros interessantes.

RM: E os almanaques, que espaço eles tinham nessa arrumação?

Eu não me lembro do espaço. Eles eram arrumados em pilhas pequenas. A cômoda tinha prateleiras, era uma cômoda bem quadrada, era um cubo, ela era profunda, larga, tinha duas portas e uma gaveta. Na gaveta tinham as coisas mais acessíveis e precisava se utilizar mais urgência, então estava lá. E a cômoda não você tinha quase que entrar lá para alcançar os objetos guardados e era ali que ficavam os almanaques. Era uma pequena biblioteca tirava para ler e guardava novamente os mais recentes e eu ficando na frente os mais antigos e o ficando atrás um processo natural de empilhamento. E livros, tinha uns livros interessantes, tinham romances, alguma coisa assim, acho que li todos. Os livros não foram guardados só os almanaques. Na cômoda tinha livros, mas eles não foram guardados e não sei se esses livros existem até hoje, eu acho que não. Eu não acompanhei a distribuição ou dispersão desses livros. Então quem deu continuidade à coleção depois do meu bisavô foi a minha avó. Esses almanaques que eu tenho, eu não adquiri direto do meu bisavô porque eu não o conheci, mas da minha avó que era filha dele. Aí eu trouxe para Goiânia, depois acharam mais alguns, fui trazendo, juntando. O nome da minha avó era Mariana Carneiro de Rezende filha do José Carneiro de Rezende. Ela assinava com o nome ‘Carneiro de Rezende’ porque ela casou com o primo. Tinha muito isso. Daí nasceram os mudos, surdos esses problemas de consanguinidade. Então ela manteve o nome, porque ela e meu avô eram parentes.

SD: Dá para se entender que guardar esse almanaque era uma questão de Cultura, mas não com intenção de formar uma coleção. Não se jogava fora por que era uma questão cultural?

HC: Olha o almanaque tinha para eles um valor em termos de conhecimento e todos os valores eram bem guardados. Estava longe ainda da era do descarte. Hoje você lê um livro e tem gente que passa para outro, doa. Com o almanaque não tinha doação. Era guardado por que em qualquer época você podia voltar ali e recorrer um ensinamento que você viu, uma informação que você leu o que podia precisar dela mais tarde, então era considerado objeto de valor mesmo.

SD: O senhor se considera um leitor de almanaque ainda hoje? ou foi um leitor de almanaque?

HC: Eu fui um leitor de almanaque na minha infância na adolescência. Depois usei muito para pesquisar informações que eu queria transmitir no programa, mas não sou leitor constante.

Hoje tem tanta coisa que você precisa ler, tanta informação. Eu levanto rigorosamente às 5:00h da manhã, vou ler os jornais pela internet, eu recebo assinatura, procuro ler, depois vou fazer caminhada ou academia e aqui sim, aqui [Agência de Propaganda *Stylus*] a gente tem que ler muito, essa profissão de publicitário te leva a ler muito, você tem que conhecer tudo. Então você dorme com a informação, buscando informação do Jornal da Globo ao Bom dia Goiás que é o local, depois tem o Bom Dia Brasil e os jornais impressos que você tem que estar lendo. Então não sobra muito mais tempo para o almanaque, porque o almanaque hoje você recorre porque é uma informação que já passou, mas por curiosidade, ver como é que era. Então a minha utilização hoje do almanaque é essa: curiosidade. Porque pesquisa você tem pela internet, você faz qualquer pesquisa de qualquer época, qualquer assunto pela internet, mas no almanaque é por curiosidade.

SD: Então qual seria a sua intenção em guardar essa coleção de almanaque até hoje? o porquê de guardar essa coleção? Qual a motivação?

HC: Esse acervo eu acho muito importante porque como eu trabalho com comunicação, para você mostrar o quanto ele foi importante numa época da nossa vida como veículo de comunicação. Eu também tenho aqui também uma coleção de objetos, de instrumentos de comunicação, como a vitrola, os antigos toca discos, rádios antigos, microfones antigos, radiolas, gramofone. Então por ser uma empresa que trabalha com comunicação, eu tenho isso e o almanaque é uma dessas coleções daqui, consideramos um dos acervos.

SD: Você já pensou em tornar acessível essa coleção? Disponibilizar, tornar pública?

HC: Uma vez o Fernando Pessoa estava meio rejeitado, morava num sobradinho em Portugal e começou a tirar uns poemas que estava guardando para um outro livro, e começou a jogar os poemas pela janela “a quem pertencerão os versos do poeta?” Então não adianta você segurar. Você tem que abrir esse conhecimento. Então pretendo sim. Até não digitalizei, primeiro porque dá muito trabalho, mas não tem problema você digitaliza, mas porque na hora que digitalizar perde o interesse pelo contato físico com o almanaque. Quer dizer eu vou ter o conteúdo, mas não vou ter uma forma. Então pretendo organizar direitinho a gente vai fazer aqui uma galeria para expor esses equipamentos e expor os almanaques. Esses objetos, incluindo os almanaques são etapas da comunicação no Brasil. Como eu trabalhei com cultura popular, a gente tem aqui acervos bem interessantes. A música por exemplo, como a música chegou no

Brasil, as modinhas. Depois por exemplo essa influência da música sertaneja de raiz. Então você tem um estudo sociológico e antropológico do país. A história. São músicas que contam como eram os hábitos, como era a alimentação, qual era o meio de transporte o cavalo, por exemplo, antes do veículo automotor, como era o amor, como o sujeito fazia para encantar uma possível namorada, como eram as festas, o trabalho. Então são documentos que sociólogos, antropólogos e especialmente os historiadores deviam se deter, pois são da maior importância, sou muito voltado para isso.

RM: Então pode-se dizer que você tem essa característica de ser um colecionador de memórias, sobretudo memórias populares?

HC: Eu me sinto pequeno nesse processo de memória. Tem muitos historiadores que possuem um acervo intelectual muito maior. Eu tenho essa tendência, é quase que uma necessidade e não encaro como uma coisa nostálgica não. Acho que é uma coisa para enriquecer seu conhecimento. Às vezes dou palestras e acho interessante traçar na comunicação, por exemplo, na publicidade, como era a publicidade antigamente. Como é que se fazia publicidade. Na comunicação de uma maneira geral, como eram os veículos os primeiros veículos chegaram e o almanaque está nesse processo. Então é importante porque a comunicação de duas décadas para cá foi um salto maior do que há 200 anos. Uma coisa impressionante. A gente trabalhava aqui a área de vídeo com tudo analógico, hoje é tudo digitalizado, tudo compacto. Você empregava às vezes numa ilha de edição umas 18, 20 pessoas. Hoje umas 4 ou 5 pessoas tomam conta disso, tudo mais fácil. Eu observo muito, sou muito crítico em relação à televisão, mesmo fazendo televisão e acho que até por isso, pois eu comecei muito cedo na televisão. Tinha 17 anos quando entrei TV Anhanguera e não sei mais. A TV estava começando. Aqui só tinha uma emissora e a TV Anhanguera foi a segunda. Depois eu fui para a TV Globo, fiquei lá um tempo. Primeiro fui como estagiário, depois fui como diretor de externas. Cheguei a fazer direção de externas dos Irmãos Coragem, a primeira edição, depois diz Som Livre Exportação. Fui para Brasília para instalar a TV Globo de Brasília e acabei voltando para cá, porque era aqui que estavam minhas raízes. Hoje não sou mais funcionário efetivo, há muito tempo que não sou e sou prestador de serviço. Por eu ter estado na televisão esse tempo todo, acompanhei muito de perto e testemunhei a evolução do veículo. Então hoje você lamenta muito, quer dizer você tem uma evolução tecnológica impressionante, foi um avanço nunca imaginado, mas o conteúdo está cada vez mais atrasado. O conteúdo da televisão hoje é crítico. Estão recorrendo agora a fórmulas antigas, porque as novas porque as novas não deram

certo. E é claro que com o computador, começou o processo da segunda terra, com os canais fechados, começou a dispersar. Eu me lembro da novela Selva de Pedra uma vez, e isso foi uma coisa histórica, deu 100% de audiência. Todos os televisores ligados no país estavam vendo Selva de Pedra. Hoje você luta por uma audiência de 15 a 20%. Porque mudou tudo. Tem mais canais, divide mais a audiência e as pessoas começam a se desinteressar. A Globo, por exemplo, tinha a novela das seis sempre eram muito boas, porque eram sempre baseadas em uma obra literária como Sinhá Moça, novelas de época, já hoje não contribuem em nada para a agregação da família e nem para melhorar sua cultura, seu conhecimento. É um processo mercadológico bruto, que desagrega a família para formar mais células consumidoras e, com isso, aumenta o consumo. Bom, acabei me afastando um pouco da nossa temática.

RM: Mas é interessante porque o nosso campo lida muito com a informação e a informação na nossa área está muito associada ao registro, à certificação de fontes, à qualidade, ao aspecto pedagógico que a informação tem. A informação tem uma serventia para esclarecimento. Enquanto a comunicação tem essa característica efêmera. Não gera uma memória, ela precisa ser reciclada a todo tempo, até por esse aspecto cada vez mais comercial que você citou. Então é interessante a gente ouvir, porque isso nos abre outra perspectiva para entender e para procurar estudar o surgimento do próprio almanaque como uma fonte de informação. Quais foram os concorrentes? Porque já tem estudos que mostram que os almanaques de farmácia no Brasil foram as primeiras peças publicitárias, importantes. Já tinha ali uma indústria de publicidade e os almanaques foram veiculados nela.

HC: Por exemplo, um trabalho que eu sou até muito contra. O Monteiro Lobato nos deixou uma obra interessantíssima, mas acho que ele cometeu um pecado muito grande com o Jeca Tatu e a propaganda do Biotônico Fontoura. Porque ele colocou um sertanejo deplorável, um galinho andando de 'butina', talvez se fosse um realismo fantástico, mas não foi nada disso, foi uma coisa de publicidade mesmo, acho que faltou um pouco de consciência crítica para jogar aquilo para um público tão ingênuo como era o povo da zona rural.

RM: Isso é importante. É o Biotônico Fontoura. Quando o Jeca Tatu toma o Biotônico ele se transforma. Tinha bicho de pé, doenças do campo.

SD: Eu imaginei também essa questão do almanaque contribuindo também para esse êxodo porque se você tomou Biotônico você vai ser comparado a um homem da cidade versus o Jeca Tatu, que é o estereótipo do homem do campo como um homem doente.

HC: Certamente, apesar de que o homem do campo tinha às vezes acesso. Olha hoje a zona rural é loteada, porque os pais tinham muitos filhos. Às vezes ele tinha fazendinha grande e quando ele morria tinha 10 filhos e aí tinha que dividir por 10. Esses sítios por sua vez, quando os filhos morriam ou deixavam para os filhos, transferiam para os filhos e para isso teriam que fazer um loteamento. Então você tem pequenas fazendas ou chácaras, principalmente na região metropolitana. Mas lá na zona rural nem todos tinham acesso a esses medicamentos, então compravam pela propaganda mesmo. Dizia “você precisa ficar forte então vamos tomar o Biotônico Fontoura”. E tinha no sabor um pouquinho de álcool, um sabor adocicado, então era fácil de vender e aquilo virava lei. Você tinha duas linhas de produtos de consumo. Esses que o almanaque trazia, que eram só medicamentos, porque os almanaques eram feitos por laboratórios já com essa intenção e você tinha, por exemplo, as ferramentas, porque no Brasil ainda não tinha esse tipo de indústria e nossas ferramentas eram quase todas inglesas. Então você tinha o Machado Collins, a enxada Collins. Tanto que essa coisa da similaridade fonética alterava muita coisa e quando chegaram as pastas de dente Kolynos, tinha propaganda sobre isso e tinha elas no almanaque também, então o machado e a enxada Collins passaram a ser chamados de Kolynos, “quero uma enxada Kolynos”.

RM: Sempre pela oralidade, essa fonética que se gerava. É como os garis no Rio. Que a empresa de limpeza urbana era uma empresa inglesa chamada McGary e virou gari.

HC: Exatamente.

SD: Bom, gostaríamos de confirmar, pois ao assistir o seu programa frutos da terra, vimos a questão que o senhor disse de usar os almanaques nos seus programas para falar do passado e isso tem a ver com a questão da memória popular, que é retratada no almanaque. Então pode-se concluir que esse seu trabalho com a cultura popular tem alguma influência dessa vivência com os almanaques?

HC: Não sei. Pode ter influência. A minha vivência na zona rural foi muito intensa, embora não foi extensa. Porque eu vinha para cidade para estudar e era aquilo que eu te falei, a gente

era a força de trabalho do pai. Então a gente ficava na cidade estudando e sexta-feira terminava aula de manhã e você já ia para fazenda. Trabalhava e voltava para a cidade no domingo e mesmo assim quando o pai precisava, faltava aula na segunda. Depois disso eu me distanciei um pouco porque eu era seminarista. E vim estudar em Campinas com os Redentoristas. Mas então na convivência ali com a zona do rural, é claro que o almanaque fez parte desse universo de informações. Mas era muita informação oral. A fazenda que a gente tinha lá era pousada de boiadeiros, então passavam os boiadeiros, os tropeiros. Eu ainda menino, me tentavam, eu via aquele tanto de gado. Eu lembro o seguinte: que meu pai alugava o pasto para eles pousarem. Deixavam o gado e as tropas, os cavalos, os equinos e eles iam fazer comida. Ficavam lá fazendo aquela carne cheirosa, que eles carregavam e que não era perecível e eu ficava conversando com os boiadeiros. Eu era menino e ficava mais ouvindo do que falando e, com isso, me alimentava daquela cultura. Pessoas de regiões diferentes que traziam sempre informações diferentes. E eu lembro que às vezes a vaca paria no curso da viagem e eles não podiam carregar esse bezerro e davam para a gente e diziam "dá esse bezerro para esse menino". Então começou [o interesse pela cultura popular] com o pessoal trabalhador, com quem eu cheguei a capinar junto, fazer o trabalho de pasto, o trabalho rural. A hora da recreação, as pescarias no dia de folga, os banhos de córrego. Tudo isso eu acho que fortaleceu as minhas raízes, embora eu nunca tivesse morado em definitivo na zona rural. Mas a frequência foi muito grande e foi intensa. Eu vivi isso com muita vontade, com muito gosto. Tanto que essa fazenda que foi do meu bisavô hoje é minha. Eu fui comprando dos herdeiros e acabei juntando uma parte até maior do que ele deixou e adoro ir lá. Sempre que tenho tempo, eu vou. Às vezes fico até três meses sem ir, porque fica a 180 km, mas adoro ir. Agora eu acho que isso me influenciou. Eu vim para televisão, mas comecei com comunicação em rádio, próximo a minha cidade natal, eu tinha 15 anos. Depois eu vim para Goiânia trabalhar em outro setor e com 16 anos eu já comecei a trabalhar em rádio. E com 17 anos comecei a trabalhar com televisão e não sai mais. E trouxe toda essa vivência da zona rural, essa experiência. A experiência é uma coisa interessante. Eu lembro do Pedro Nava, um grande escritor, uma vez disseram para ele: "O senhor vive se queixando que está velho, mas tem muita experiência" e ele disse que experiência era um carro com farol voltado para trás. Então não vale nada para um homem velho. Mas isso te dá um conhecimento e é claro que experiência também. Isso fortalece sua vocação na comunicação. Hoje observo o seguinte, um publicitário que não tem essa vivência, ele tem mais dificuldade para redigir um texto final, para ter uma ideia, para ter um conceito. Porque se você conhece desde o princípio ou quase princípio, e é claro que eu estudo muito a cultura brasileira. Eu estou estudando ciências políticas e isso me leva a estudar bastante a coloniza-

ção, como foi o processo e paralelamente eu busco um pouco do que eu preciso para publicidade. Um conhecimento mais antigo, o processo da industrialização, como começou o consumismo, o trabalho no Brasil, o processo da escravidão, da libertação dos escravos e o que aconteceu depois disso. Então é claro que tudo isso é o conjunto de elementos que acaba me levando a esse processo de comunicação, a gostar. Às vezes tem gente que fala "a porque ..." eu vejo assim, eu não sou sociólogo, embora estude, mas não sou sociólogo, não sou antropólogo, mas tenho amigos que são e gosto de estudar e de ler, "a porque fulano é feio demais" na publicidade não tem ninguém feio. Para mim não existe ninguém feio, você tem tipos e acho que o ser humano é sempre muito bonito, tem uma forma bonita. É claro que o conteúdo, o que pensar, como age é diferente de cada um. (Fala sobre racismo na Globo, defende que não há diferença, somos todos da mesma raça, a humana). Tudo isso me sensibiliza muito. Eu adoro o ser humano. A forma, o jeito de agir, o que o ser humano consegue produzir e é claro que a gente não aprova as deformidades.

RM: E isso de certa forma esclarece para nós, talvez, esse seu interesse de quando você fala do caipira. Que seria uma figura humana, talvez menos contaminada.

HC: Isso que ia falar. Em estado puro. Hoje já não. Há informação e esta formata as pessoas. A informação te leva a mudar. Mudar de hábitos, de cidade e essas mudanças nem sempre são boas. Nem sempre dá uma contribuição que o ser humano espera. Todos mudamos. Você muda na expectativa que seja para melhor. Claro, você não muda pensando que está mudando para pior. Mas todos mudam.

SD: Podemos concluir que o almanaque ainda seja uma fonte de informação e que essa coleção tem serventia. Uma última questão tem a ver com a construção da coleção. Há princípio os almanaques vinham das farmácias, depois o senhor passou a recebê-los. Mas quando isso mudou? Seu pai contribuiu para coleção?

HC: Meus pais, minha família ainda buscavam os almanaques na farmácia. Eu mesmo, ainda menino, ia buscar na farmácia. Depois eu passei a receber, mas não com tanta frequência. As pessoas nem sempre guardam. Não tem um colecionador. Há pessoas que guardam isoladamente, um ou outro. Aí eu comecei a ganhar depois do programa da televisão. Falei do almanaque e passei a receber.

SD: Mas o senhor comprou almanaques? Foi atrás dos almanaques? Ou a coleção está sendo continuada com esses almanaques que o senhor recebe?

HC: Eu não diria que está sendo continuada. Parou também porque eu não estou vendo a edição de almanaques. Eu disse que eu tinha informações até o almanaque tal [data] e a partir disso as pessoas começaram a mandar. Então os mais recentes foram doações.

RM: A coleção do seu bisavô terminou em que ano?

HC: Não posso precisar. Ele morreu em 1945, mas os descendentes dele que buscavam e iam guardando os almanaques.

SD: e qual seria mais ou menos o ano de transição entre o que seu pai continuou e o que está sendo recebido?

HC: Meu pai deve ter continuado isso até a década de 70. Os princípios dos anos 70, mas já não com a mesma frequência, porque já não havia mais edições. E porque não havia mais edições? Porque eu já havia o rádio e a televisão e esses que faziam a propaganda. Porque o almanaque tinha informações importantes, mas ele era um veículo, principalmente para quem editava, de venda dos produtos. Então com advento de outros veículos e o acesso dos laboratórios as rádios e a televisão, esses não se interessavam mais pelos almanaques. A informação chegava de forma mais rápida e tinha uma resposta mais satisfatória.

Anexo II – Transcrição da segunda entrevista com Hamilton Carneiro

CARNEIRO, Hamilton. **Entrevista II**. [setembro, 2017]. Entrevistador: Stella Moreira Dourado. Rio de Janeiro, 2017. 1 arquivo .mp4 (56 min.).

Legenda:

Stella Dourado – SD

Hamilton Carneiro – HC

SD - Explicação sobre o objetivo da entrevista: conhecer melhor as pessoas que tiveram contato com a coleção e averiguar quais suas participações na formação e desenvolvimento e uso da coleção.

SD – 1. Conte-nos um pouco sobre seu bisavô, José Carneiro de Rezende.

HC - Meu bisavô, José Carneiro de Rezende, ele fundou a fazenda onde encontravam-se esses almanaques. Eu não o conheci. Ele morreu em 1945, mas colecionava esses almanaques que era o meio de comunicação do pessoal da zona rural. Naquele tempo, 90% das pessoas eram da zona rural. Essas pessoas iam todo ano às farmácias buscar almanaques, pois eram as farmácias que distribuíam os almanaques, patrocinados por laboratórios. Então elas buscavam os almanaques, que tinham utilidade o ano todo e até mesmo após vencido o tempo, porque tinham informações que não vencem, elas continuam atualizadas. Depois o seguinte, já bem mais tarde, com essa coleção, eu comecei a mostrar isso na televisão, mostrar no meu programa, mostrar aqueles assuntos mais interessantes, até para mostrar como era no passado, o processo de comunicação. E aí outras pessoas que tinham almanaques, que agora não me recordo quais, começaram a me mandar os almanaques. A coleção foi ampliando. Sabe que por isso tem até alguns exemplares repetidos, com isso a coleção foi ampliando. Era até um quadro na televisão que era muito interessante, pois despertava muito interesse por parte das pessoas, especialmente os mais velhos. Então meu bisavô era muito estudioso embora fosse produtor rural, fosse fazendeiro. Essa fazenda, eu tenho impressão que ele foi fundador. Ele foi o desbravador da região por volta de 1902, acredito que sim porque minha avó nasceu em 1904 e era a filha mais velha dele, construíram uma casa, então tenho a impressão que teve um tempo aí, uns dois anos, porque ela nasceu em 1904. Embora ele não tenha durado muito, acredito também que depois dele os filhos que ficaram, que sobreviveram, também continua-

ram essa coleção. Agora você pode observar nos almanaques que muitos tem o toque dele, tem anotações, tem o nome dele, realmente essa coleção ficava muito bem protegida numa cômoda e essa cômoda ninguém tinha a chave, só meu bisavô mesmo e minha bisavó e esta sim, eu conheci. E depois que eles morreram eu acabei sendo um sucessor natural, pelo meu interesse pelas peças, ninguém teve interesse de ficar com os almanaques.

SD – 2. Conte-nos um pouco sobre sua avó, Mariana Carneiro de Rezende. Qual a contribuição dela para a coleção?

HC - Meu bisavô morreu faleceu cedo, com 45 anos. Minha bisavó faleceu com 82, mas minha avó continuou, ela também perdeu marido, que morreu quando tinha 27 anos e ela ainda mais jovem. Então ela voltou para casa dos pais, para a casa da mãe porque o pai já tinha morrido. Então ela continuou cultivando todos esses hábitos da família, de coleção de almanaques e de outras coisas, os conhecimentos caseiros. Com ela sim eu tive uma convivência demorada. Uma convivência bem mais prolongada. Com meu avô não, porque também morreu cedo.

SD – Ela tinha instrução? Qual era a escolaridade dela?

HC – Tinha, mas era primário. O marido dela era formado em farmácia e morava em Catalão que é uma região próxima, quando ele morreu ela voltou para casa dos pais [fazenda]. Por isso não desenvolveu muito só tinha conhecimento daquela cultura ali do ambiente normal dela. É um pessoal que não se deslocava muito, pela dificuldade de locomoção. Então ali para você ir à cidade era de cavalo, mobilidade difícil.

SD - Qual era o ano de nascimento e falecimento da avó?

HC - A minha bisavó, que era mulher do colecionador faleceu em 1957.

Minha avó que nasceu em 1904, filha dela, faleceu em 1982.

SD – 3. Conte-nos um pouco sobre sua mãe e o seu pai. Qual a contribuição deles para a coleção?

HC - Muito pouco. Meu pai por curiosidade também acabava mandando buscar os almanaques nas farmácias, mas meu pai já tinha maior compreensão, morou em Belo Horizonte, mas

também gostava de almanaque. Então sempre que as farmácias liberavam, ele mandava buscar, tanto que você pode observar que tem almanaques recentes e acredito que alguns desses foram buscados, acrescentados pelo meu pai.

SD - Qual era a profissão do seu pai?

HC - Meu pai era lavrador. Estudou pouco. Morou muito tempo em Belo Horizonte, trabalhava como enfermeiro em Belo Horizonte, se especializou, mas não era formado. Local de moradia deles foi Belo Horizonte por algum tempo. Depois ele voltou para essa fazenda que foi do avô dele, meu bisavô. Voltou e ficou nessa fazenda até o final da vida. O pai, filho da Mariana, nasceu em 1926 e minha avó devia ter uns 22 anos, já minha mãe nasceu em 1928 e faleceu em 1982, mesmo ano de falecimento da minha avó. Meu pai veio a falecer oito anos depois.

Minha mãe não tinha muito envolvimento com essa questão dos almanaques, com esse tipo de conhecimento. Envolvimento mesmo era com as tarefas domésticas. Costurava, trabalhava em casa.

SD - Então a cultura e o hábito de colecionar os almanaques passou da sua avó para o seu pai?

HC - Exatamente. Meu pai já não era tão interessado quanto foi o meu bisavô, que era avô dele. Mas de qualquer forma tinha interesse sim. Ele lia para gente aquelas cartas enigmáticas, as pegadinhas que tem no almanaque, as informações sobre agricultura. Ele acreditava muito nisso das fases da lua e dizia “olha na lua nova que se corta madeira para madeira não brocar”, tinha essas crianças todas.

SD – 4. O senhor é o atual guardador da coleção e como visto na última entrevista, utiliza esses almanaques como fonte de informação para seu programa de televisão, mas gostaríamos de saber um pouco mais sobre o seu envolvimento com essa coleção é tanto no seu desenvolvimento como na formação e, também, os usos que o senhor fez dessa coleção, inclusive quando criança.

HC - Interessante, na fazenda não chegavam livros, chegavam os almanaques. Então você viu que no almanaque, normalmente na última página vinha a carta enigmática, que tinha muita propaganda de medicamentos que ocupavam quase o espaço total do almanaque, então a gen-

te lia e depois relia. Você chega na fazenda e à noite, por exemplo, não tem o que fazer. Antigamente a luz era de lamparina, então o jeito era ler os almanaques, as piadinhas, os versinhos, era um envolvimento interessante. Agora eu não fiquei muito tempo em fazenda. Ficava na fazenda e ficava na cidade, porque eu fui cedo para estudar. Enquanto estava na fazenda trazia os livros de casa e lia, mas o almanaque ocupava um tempo praticamente bom. Era uma leitura que distraia mais que os livros didáticos.

SD – 5. Entre os anos de 1920 e 1930 aparecem algumas frases nos almanaques como: "O que é dado não se come e nem joga fora, poristo guardo meos almanacks"? No ano de 1920, Almanaque do Biotônico, sendo que frases semelhantes aparecem em 1923; Em 1926 aparece a frase: "Quem guarda tem, porisso guardei" (Ross). O senhor saberia dizer quem escreveu esta frase e outras parecidas?

HC - Essas frases estavam almanaque o foram escritas no almanaque?

SD - Foram escritas nos almanaques.

HC - Com certeza foi meu bisavô. Pela data deve ter sido ele. Interessante, são três frases e todas elas são fixadas nessa questão de guardar e ter.

SD - Sim, também sobre o que é dado, valorizar o que é dado.

HC - É como se diz aquele ditado popular: a cavalo dado não se olha os dentes.

SD - Acredito que como foi ele que escreveu as frases e como a grafia era a mesma, ele também escrevia várias anotações na folha de rosto sobre as partes mais importantes do almanaque para ele, então ele sempre falava das anedotas, cartas enigmáticas, agricultura, entre outros assuntos. Então é quase como se fosse um pequeno resumo do que mais interessava a ele dentro daquele almanaque, seguidos das páginas.

HC - Se você olhou todos os almanaques, tem uma passagem interessante e eu me perdi, não me lembro agora que almanaque foi e nem de que ano, mas é um negócio sobre a história de Goiás que não é vista. Foi quando foram desviar o rio Tocantins, onde morreu muita gente.

Eles tentaram represar para desviar e teve um acidente que matou muita gente e isso almanaque registra, dá o ano.

SD - Eu vi que alguns almanaques que registraram, por meio das anotações manuscritas, relatos sobre a guerra, mas esse relato sobre o acidente do Rio Tocantins não vi. Deve ter sido uma matéria, mas não houve nada manuscrito sobre ela e, como eu me atentei mais às anotações manuscritas, não vi nada a respeito. Eu me ative às anotações manuscritas feitas nos almanaques, para mostrar como as pessoas que os utilizavam, se apropriavam deles, o que para elas era mais interessante ler e ver dentro do almanaque. Através destas anotações é que eu posso construir o uso que sua família fez da coleção de almanaques.

HC - Eu tenho impressão que minhas tias avós que elas fixavam muito nos versinhos, aquelas palavrinhas que vinham no almanaque, de vez em quando eu ouvia uma falando alguma coisa e depois eu fui identificar isso no almanaque, ‘olha aqui a fonte!’ É interessante uma quadriinha curiosa, muito romântica que dizia assim: “se cada vez que em ti penso, uma estrela se apagasse, talvez nesse céu imenso, nenhuma estrela brilhasse“.

SD – 6. A partir de 1939, os almanaques começaram a apresentar rabiscos, o que pode indicar que o almanaque era utilizado por criança(s). O Senhor poderia nos dizer quem seriam essas crianças? E se o almanaque foi utilizado como apoio para o estudo destas crianças? Os rabiscos foram feitos entre os anos de 1939 – 1956 (a partir deste ano, os almanaques não trazem mais anotações ms.);

HC - Acredito que aí pode ter sido meu pai, minha tia que é irmã dele e outros lá em volta da fazenda, porque meu bisavô, antes de morrer, comprou uma fazenda para cada filha que se casasse, então eram fazendas próximas. E numa região lá perto tinha uma escola, e essas pessoas todas iam à escola, que ficava cerca de 6 km da sede da fazenda e 5 km da sede de outra. Então tinha essa escola que é mais ou menos dessa época. Veja bem, a estrada de ferro passou lá em Goiás, passou nessa região nossa lá, em 1936, então coincide com a época. Quando instalou lá uma estação, chamada Inajá, era estação pequena, mas tinha um povoadozinho, então foi lá que teve a primeira escola. Eu não sei agora se foi iniciativa da estrada de ferro para os filhos de ferroviários, o que eu sei que o pessoal da fazenda frequentava, os meninos, meu pai, minha tia, os primos deles, essas anotações podem ser por ocasião disso aí.

SD - O nome do seu pai, para confirmar, era qual?

HC - João Inácio Carneiro.

SD - O nome dele aparece bastante, principalmente entre os anos de 1939 e 1945.

HC - Sim, como ele era de 1926, então nessa época ele já estava moço e, em 1945, o meu bisavô, que era avô dele, já tinha morrido.

SD - E o nome da sua mãe?

HC - Cidália Cândida Carneiro.

SD – Realmente, o nome dela não encontrei nos almanaques.

HC - Para você ver o desinteresse.

SD - Os nomes que mais aparecem é o do João Inácio Carneiro e da Mariana Carneiro de Rezende.

HC - O nome do meu pai era João Inácio Carneiro e o meu bisavô era José Carneiro de Rezende. O nome da bisavó era Limiria Mendes Carneiro.

SD – Obrigada. Eu preciso registrar para poder construir o que estamos chamando de rede de memória afetiva. Então o senhor me confirmou que os almanaques foram usados por crianças nesse período e que provavelmente do seu pai. Alguns outros nomes aparecem no decorrer dos anos. Então eu tenho uma série de nomes que podem ou não ser de pessoas que fazem parte da sua família, porém tiveram alguma relação com a coleção os almanaques, pois estes nomes assinavam os almanaques. Então como eu falei antes, o João Inácio e a Mariana foram os que eu mais encontrei. Assinatura dela, Mariana é muito entre 1920 e 1940. O nome de João Inácio foi muito encontrado entre 1939 a 1945. Outra pessoa que eu encontrei foi a Benedicta, em 1908, mas o sobrenome dela está ilegível, e não consegui compreender.

HC - Essa Benedita provavelmente, sucessores dela que me mandaram o almanaque. Essa não é da família. Deve ter sido esses almanaques que recebi avulso.

SD - Então os almanaques recebidos podem ser tanto novos, mais recentes como antigos?

HC - É. Como o pessoal me via sempre mostrando almanaques antigos no programa de televisão, então eles viam os mais antigos, não tinha mais o que fazer daquilo, filhos não se interessavam e mandavam para mim. Então a Benedicta, com certeza não é da família.

SD - E o Manoel? Será que o mesmo caso? Ele aparece em dois almanaques, 1909 no Reuter, em 1910 no Dr. Richards. Não tem o sobrenome dele, só o nome.

HC - Pela data eu não tenho nenhum parente próximo, desse círculo que se chamava Manoel. Pode ser um desses voluntários que mandavam os almanaques.

SD – Foi encontrada a assinatura do José Carneiro que seria, no caso, seu bisavô. Mas também foi encontrada a assinatura de Hamilton Inácio Carneiro. Seria o senhor?

HC: Que ano?

SD - 1927.

HC: Não. (Risos)

SD - Eu sei (risos), mas será que o senhor poderia estar usando um almanaque antigo e assinou seu nome?

HC - Eu nasci em 1948, então é provável que eu tenha assinado ao ganhar o almanaque. Eu assinei meu nome né?

SD - Isso. Então você não tem um tio ou alguém da família que tem o mesmo nome que o seu?

HC: não.

SD - Então assinou um almanaque de 1927. Eu achei uma caligrafia mais infantil, talvez seja uma assinatura de quando o senhor era criança.

HC - Eu estava muito com os almanaques. Então tinha primos, irmãos, porque a carta enigmática era maior atração dos almanaques. Eles descobriram, ‘o que é isso?’ Então resolviam a carta.

SD - E a Maria de Araújo? Ela aparece em 1938, nos almanaques Ross e das Famílias e depois, em 1985, ela aparece com uma dedicatória de capa no Almanaque Fontoura: de Juraci Bretais para Maria Araújo Ibiúna.

HC - É, essa também não é parente. Essa pessoa certamente dedicou à Maria Araújo e esta me mandou.

SD - E Arminda Cândida? No ano de 1939.

HC - Arminda Cândida. Eu tenho uma tia por parte de minha mãe que chamava Arminda, pode coincidir. Provavelmente é da família.

SD - E o Antônio Carneiro? Em 1939.

HC - Não tem Rezende né?

SD - Não.

HC - O hábito desse pessoal era botar todos os nomes, sobrenomes, prenomes, então se tivesse, por exemplo, Antônio Carneiro de Rezende, faziam questão (de assinar o nome completo). Como está aí na época Hamilton Inácio Carneiro, José Carneiro de Rezende. Então esse Antônio Carneiro devia ser da família, não do núcleo familiar, mas devia ser parente.

SD - E Osário? Conhece?

HC: Não.

SD - Amélia Carneiro de Rezende?

HC - Tia. Irmã da minha avó.

SD - Sabe dizer se ela contribuiu, guardou ou de que forma ela participou da coleção dos almanaques?

HC - Ela é a caçula das filhas do meu bisavô. Ela casou e ficou muitos anos morando com meu bisavô, ela e o marido dela. Então essa assinatura com certeza é dela, Amélia Carneiro de Rezende.

SD - O João Inácio, seu pai, ofereceu por meio de dedicatória, um almanaque a um tio, José Fagundes.

HC - Esse José Fagundes, era sergipano, não sei porque que ele deu na cabeça, aliás você gosta de história e eu também (risos), eles mudaram para São Paulo na época da febre amarela, então foi um problema terrível. Foram 28 irmãos que mudaram para São Paulo e começaram a adoecer. E esse Fagundes contava o seguinte: levávamos dois para sepultar e quando chegava tinha mais dois mortos. Aí os remanescentes em São Paulo, dois casais, vieram para região da fazenda do meu bisavô, e como é ali próximo, então acabou casando com uma tia. José Fagundes casou com a minha tia Maria Carneiro de Rezende, que é irmã da minha avó. Então meu pai como sobrinho, acabou ofertando esse almanaque para ele.

SD - Eram dois almanaques ofertados na verdade. Ofertou e acabou voltando para sua coleção.

HC: Talvez nem tenham sido entregues.

SD - E a Ilda Carneiro de Rezende?

HC: Minha tia, irmã do meu pai.

SD - Foi mais uma leitora ou sabe dizer se de alguma forma ela contribuiu com coleção de almanaques?

HC - Ela foi mais cedo para cidade, ela também buscava almanaques nas farmácias. Foi uma catadora de almanaques. Mas não foi por muito tempo.

SD - Na entrevista anterior, senhor disse que teve uma tia que tinha guardado alguns almanaques e depois ela lhe deu alguns. Quem foi essa tia? Foi a Hilda?

HC - Foi ela. Exato.

SD - Como falou foi ela que buscava, deduzi logo podia ser ela porque tinha interesse pelos almanaques.

HC - Essa cômoda que eu falei, que guardava esses almanaques, ficou com minha avó. Minha avó morreu e ficou com minha tia (Hilda). Então o conteúdo dessa cômoda tinha livros antigos, livro de medicina e outros. Então esses almanaques, ela juntou me deu: “olha você é o que tem interesse, sinto que você tem interesse então fica coleção”.

SD - Então a sua tia Hilda junto com sua avó e o seu pai, seriam os mais atuantes dentro dessa coleção?

HC - Exato.

SD - Tenho mais nomes aqui. Sebrão Carneiro de Rezende?

HC - Era genro do meu bisavô, era casado com Amélia Carneiro de Rezende. Morou na casa do meu bisavô durante muito tempo e quando ele morreu ele continuou lá com a mulher dele que era filha da minha bisavó. Então ficaram muito tempo nessa casa.

SD - Juvenilda Borges?

HC - Não está entre os familiares não.

SD - Valter Borges?

HC - Também não.

SD - Jorge Gonçalo?

HC - Também não.

SD - Agora em relação às pessoas que usaram esses almanaques, além da sua família. Vocês deviam ter empregados, sabe dizer se esses empregados utilizavam os almanaques?

HC - Não posso te afirmar com certeza, mas olha meu avô tinha muitos empregados e o pessoal não tinha diversão alguma a não ser caçar e pescar aos domingos na zona rural, então é possível que tenham manuseado sim.

SD – Em relação a escolinha que existia perto da fazenda, sabe dizer se os almanaques foram emprestados para escola para serem utilizados pelas crianças ou só ficaram em casa mesmo?

HC - Só em casa já tinha o número de crianças o suficiente para fazer uma farra com os almanaques. Eu acho que eles não iam para escola. Tinha ali muita coisa de conhecimento, muitos ensinamentos. Então é provável que eles tenham utilizado. Enquanto alunos utilizaram os almanaques para esse aprendizado.

SD – Foram encontrados nos almanaques muitos carimbos de farmácias distribuidoras de almanaques. Dentre estes carimbos eu achei de cidades diferentes, dentre eles o carimbo de uma farmácia de Ipameri. Esta seria a cidade mais próxima da fazenda?

HC - Isso.

SD – Foram identificadas também farmácias do Rio de Janeiro, Londrina, Ibiúna - São Paulo. O que queremos saber é se o senhor ou alguém da sua família morou nessas cidades e coletou os almanaques ou seriam os almanaques que o senhor recebeu como doação?

HC - Pode ser duas coisas: é mais provável que sejam os que recebi como doação de pessoas que moravam lá, e pode ser também que, essas farmácias mandavam para os interiores. Eles carimbavam porque ali era identidade comercial para as pessoas que ganhavam o almanaque. Então para comprar o remédio que está anunciado no almanaque, como a pílula de vida do Dr. Ross, iam comprar naquela farmácia porque estava estampado ali, não iam comprar no laboratório. Agora pode ser também então que, essas pessoas que moravam nessas cidades me man-

daram. O que é mais provável é que essas farmácias mandavam para farmácias do interior, aí vinha com carinho delas, com a chancela delas.

SD - Nos exemplares, foram encontradas algumas receitas culinárias, elas foram datilografadas ou digitadas, impressas e grampeadas nos almanaques. Gostaria de saber se o senhor saberia dizer quem fez isso?

HC - Sim, sei. Quando eu estava utilizando os almanaques no meu programa de televisão, você pegava receitinha dos almanaques e as letras eram muito pequenininhas. Então datilogravava, talvez você tenha visto que era o tipo da máquina mesmo, máquina de datilografar. Aí colava na página e quando eu abria, lia com mais facilidade a receita.

SD - Então essa prática foi feita para o uso no seu programa?

HC - Exatamente, era para facilitar a leitura. Porque a letrinha era muito pequena, de cantinho de página as receitas. O almanaque já era pequeno, então para câmera focalizar aquilo também era difícil, para pessoa rodar. Então datilogravava e lia ou digitava, não lembro que época foi, mas então lia com mais facilidade.

SD - Estes conselhos domésticos, estas receitas, eram utilizadas pela sua família?

HC - A sim, sim. Muitas receitas as donas de casa da minha família, aproveitavam, faziam. Almanaque era a literatura mais utilizada na zona rural. Rádio, não tinha sinal, não chegava e só possuía rádio, quem tinha dinheiro. Rádio era muito caro. Na zona rural não tinha sinal, eram as pilhas grandes que se utilizava. Aquilo saia do ar, sinal era ruim. Então o almanaque era o que te dava segurança, você guardava porque ia ler de novo, fazer uma reconsulta. Pegava o almanaque de novo para saber sobre plantação, receitas e até remédios caseiros, que não era muito comum porque normalmente os laboratórios queriam vender.

SD - Realmente peguei alguns mais antigos que tinha receitas de remédios caseiros.

HC - Tipo o Biotônico Fontoura. Aliás eu gosto muito do Monteiro Lobato, acho que toda criança deveria ler sua obra, mas quando chega no Jeca Tatu, ele acabou com o caipira. Usou uma imagem ruim do caipira que é desprovido de tudo, um bobo, desinformado, descalço e as

pessoas não gostam de serem chamadas de caipira. Aqui em Goiás é diferente, eu acho que eu até falei com você da primeira vez, acho que a caipirice é terrível, ela é uma caricatura e o Monteiro Lobato fez isso, a caipirice. O caipirismo é muito bonito, é uma cultura.

SD - Alguns almanaques estavam muito danificados. Principalmente os mais antigos. Percebemos que foram realizados alguns reparos neles, como cordão para amarrar as páginas, fita adesiva, grampos. Gostaríamos de saber quem realizou esses reparos?

HC - Quando chegaram para mim, quando eu ganhei essa coleção, já veio assim. Porque se tinha problema, era muito papel, uma cômoda dessa você imagina como era cheio de ácaros, cupins. Você pode ver que tem folhas lá que estão bem comidas. Então como era normalmente grampeado. De tanto passar as folhas aquilo ia soltando. Ou era com cordão. Então foram tentando reparar esses almanaques para continuar utilizando.

SD - Então não foi o Senhor que pediu para fazer reparos nos almanaques?

HC - Não.

SD - O senhor saberia dizer qual foi o ano que ganhou essa coleção?

HC - Eu não me lembraria um ano, mas olha deve ter sido no início dos anos 1980.

SD - Na outra entrevista você falou que o seu pai possa ter alimentado essa coleção até 1970, pode nos contar mais a respeito?

HC - Sim, por aí. Até 1970. Porque ele foi para Belo Horizonte fazer um tratamento saúde, saiu por volta de 1950 e lá também ele recebeu almanaque. Depois que ele voltou, em 1957, o ano que minha bisavó morreu, e daí para cá ele continuou a buscar os almanaques nas farmácias. Então acredito que eu tenha ganhado essa coleção no fim dos anos 70 e início dos anos 80. É até mais provável no fim dos anos 70.

SD - A partir de 1970 não foram mais encontradas anotações nos almanaques. Então essa cultura de assinar seja rabiscos, seja fazer esse tipo de anotação sobre o que era importante almanaque, foi até a década de 1950. Qual sua opinião a respeito disso?

HC - A comunicação mudou muito de lá para cá. Em 1950 você já tinha rádio, você já tinha outros meios de comunicação. Eu lembro que na década de 1960, o pessoal comprava na cidade a revista Cruzeiro e trazia para casa, então você já tinha dos meios de comunicação além do rádio. Televisão não tinha ainda nessa época, mas já tinha outros meios. Comprávamos jornais antigos. Você chegava, por exemplo, a comprar a Folha de São Paulo e ela chegava rápido na cidade, porque vinha pelo trem de ferro. Pelo correio demorava muito, então vinha de trem. E as pessoas compravam e quem se interessava e que morava na roça, comprava e levava para sua casa, na zona rural. Mas aí eu acho que o almanaque passou a não ser tão interessante, porque você tinha outros tipos de informação.

SD - Então pode-se dizer que depois da década de 1970, os almanaques não foram mais coletados, foram ganhados?

HC - Exatamente. De lá para cá a gente comprava mais revista. Eu me interessava muito por revistas. A gente tinha livros, tinha acesso além dos livros didáticos, que fazem parte do contexto escolar, mas também a outros livros que comprávamos, como romance e outros.

SD - Na década de 1970 o almanaque mais presente é o almanaque Renascim. E nesta década o almanaque passa a ter um formato diferente, mais parecido com a revista. O senhor se recorda dessa mudança do leiaute dos almanaques?

HC - Exatamente. E tinha encadernação do almanaque seleções. E com isso, me lembra uma coisa, no fim da década de 1960, só um exemplo, o pessoal dos laboratórios não precisavam mais imprimir os almanaques, que era de distribuição difícil, porque tinha a rádio onde eles faziam propaganda. Eles patrocinavam programas sertanejos. Me lembro bem da propaganda da Vitasay, do Gelol. A rádio chegava com mais eficiência na zona rural. Então o almanaque já era dispensável, passou a ser obsoleto na divulgação dos remédios. O interesse dos laboratórios era esse, fazer a propaganda dos remédios.

SD - Com o senhor ver o papel dos almanaques hoje? E também em relação a presença deles na internet?

HC - Vejo como documento. E é curioso, na verdade é um documento, porque você vai ver o que acontecia na época desses almanaques, então eles eram atualizados. É claro que eles não

tinham a atualização de um jornal diário, que traz notícias diárias, mas pelo menos de ano em ano você tinha atualização dos acontecimentos. Não só acontecimentos, até que acontecimento não tinha muito, porque o almanaque não era muito de dar notícia, era de dar informação. Então eu acho tem um papel muito interessante hoje. Acho que na web despertaria curiosidade para as pessoas que querem voltar a esse passado e ver como é que era. Objeto de estudo mesmo.

SD - Hoje tem almanaques que são mais recentes e tem os documentos que recebem esse nome, visto que esse nome foi usado para designar vários tipos de materiais, como revista em quadrinho, por exemplo. Mas ainda hoje existem almanaques na web que preservam essa característica do almanaque, mas que tentam agregar tecnologias e novas atualizações. O senhor conhece algum almanaque digital?

HC - Almanaque Abril que é bem denso e que sai todo ano, e tem muitas informações. Tem o almanaque do folclore brasileiro também e eu tenho impressão que é uma edição atual. Mas já muda para outro caminho, quer dizer é o caminho da informação, mas já não é aquela necessidade da propaganda mais. O almanaque Abril, por exemplo, é um almanaque que se compra, você não ganha. É uma peça atrativa, bem portátil. Mas agora hoje está todo mundo ligado pelas redes sociais. Mas acho o almanaque interessante pela portabilidade, você pode levar para escola, então é fácil. Não sei como seria recebido, mas de qualquer forma acho que seria um veículo interessante para essa finalidade.

SD - Bom as perguntas foram essas. A intenção da entrevista foi de saber quais os usos que sua família fez dos almanaques. Então as perguntas foram feitas para tentar descobrir ao longo dos anos quais foram os usos desses almanaques pela sua família. O senhor gostaria de acrescentar algo?

HC - Toda literatura escrita tem uma credibilidade muito grande. Aliás o rádio também tem credibilidade muito grande. Essa era a razão porque sustentavam tanto esses medicamentos que eram anunciados pelos laboratórios. Então toda a casa tinha um Biotônico Fontoura para as crianças, o elixir do peixe, fortificantes, Pílula do Dr. Ross não tinha igual, Melhoral com o slogan: 'Melhoral, melhora e não faz mal'. Onde ao mesmo tempo que propunha aliviar a dor já dava uma 'futucada' no concorrente. Cibalena, Cebasol, esses medicamentos do passado tinha uma credibilidade muito grande. Basta dizer que os almanaques fomentaram muito as

marcas. O Brasil colonial a gente importava tudo, as ferramentas que vinham para roça, por exemplo, o machado, a enxada da marca Collins. Todas as ferramentas eram importadas. De repente, o laboratório Anacol começou a fabricar as pastas dentais Kolynos e pessoas na roça confundiam os nomes. Chegava na cidade para comprar uma enxada e pediam a enxada Kolynos em vez Collins. Eles não sabiam pronunciar Collins. Então eram marcas muito fortes e acabavam sobrepondo, pois não sabiam o que era a enxada, sabiam o que era o objeto, mas as marcas confundiam. Próprio áudio do rádio que era ruim, a escrita pior ainda, porque a grafia era muito parecida, Collins com Kolynos. Mas então as marcas foram muito fortes.

Tem um caso interessante eu acompanhei por causa do meu interesse como publicitário que foram as Casas Pernambucanas. Eram uma referência e não tinha como divulgar as Casas Pernambucanas. A zona rural era muito grande e 80% da população era da zona rural, então eles iam comprar tecido nas Casas Pernambucanas, pois não tinha confecções prontas, eles compravam tecido para fazer em casa. Então as Casas Pernambucanas escreviam nas tábuas das porteiras das entradas das fazendas: “Casas Pernambucanas, tecidos que não desbotam”. Depois eles mudaram, evoluíram: “Casas Pernambucanas, tecidos marca olho”. Para fortalecer a qualidade do tecido e da marca. Depois começaram a surgir concorrentes, lojas Riachuelo, aí veio: “Casas Pernambucanas, onde todos compram”. Então já excluía os concorrentes. Então foi uma evolução, sobretudo na zona rural. Com isso, fortaleciam as marcas. Os almanaques também foram assim, os laboratórios fortaleciam muito os almanaques.

SD - Mais uma dúvida, o senhor disse que junto com essa coleção dos almanaques existem outros objetos, que o senhor tem no seu estúdio. Esses objetos também fizeram parte da sua família ou foram objetos que o senhor foi coletando?

HC - Alguns sim, outros não. Esses objetos são especialmente da área de comunicação: gramofone, rádios antigos, toca-discos antigos, radiolas antigas, telefone antigo, telégrafo. Como a gente está aqui na área de comunicação, então são muitos objetos dessa área.

SD - Então o senhor ainda tem interesse depois de expor essa coleção junto com o almanaque?

HC - Exato. É que são os meios de comunicação e o almanaque foi um deles. E muito forte para a época. Almanaque foi um meio de comunicação.